

MARCELO SILVANO BORBA

**A ENTREVISTA JORNALÍSTICA: UMA ANÁLISE DO GÊNERO A PARTIR DE
EXEMPLARES PUBLICADOS NO JORNAL ZERO HORA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciên-
cias da Linguagem.

Universidade do Sul de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Adair Bonini.

TUBARÃO, 2007

MARCELO SILVANO BORBA

**A ENTREVISTA JORNALÍSTICA: UMA ANÁLISE DO GÊNERO A PARTIR DE
EXEMPLARES PUBLICADOS NO JORNAL ZERO HORA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão – SC, dia de de 2007.

Prof. Dr. Adair Bonini

UNISUL

Prof. Dr. Marcos Antônio Rocha Baltar

Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Mariléia Silva dos Reis

UNISUL

A minha mãe (in memoriam)

Dedico também esse trabalho à minha noiva, a todos que de alguma maneira me motivaram nas horas difíceis, e aos professores que passaram por minha vida.

AGRADECIMENTOS

A minha noiva Cristini, pelo importante papel que ela desempenha na minha vida.

Ao professor Dr. Adair Bonini, pelo apoio, calma e conhecimento.

A minha avó Celina, pelo acolhimento.

Aos meus familiares, pelas orações.

Aos meus colegas de trabalho pela compreensão, em especial ao Felisberto.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica, bem como aos colegas e amigos de mestrado, em especial ao Richarles de Carvalho e a Lisiane Vandressen.

“Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe...”
(R. Barthes)

RESUMO

Este estudo buscou analisar o gênero entrevista de jornal veiculada pela mídia impressa. Com base na abordagem sócio-retórica de análise de gêneros, em específico os trabalhos de Swales, Bhatia e Bazerman, procurou-se investigar a natureza da "entrevista de jornal", tendo-se em conta um conjunto de 32 exemplares do gênero que circularam no mês de novembro de 2005 no jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS, Brasil). Foram incorporadas a este trabalho, além da análise de movimentos retóricos de Swales (1990), a proposta metodológica de Bonini (2004) para o estudo inter-relacionado dos gêneros do jornal. A pesquisa desenvolvida possibilitou visualizar, entre outros resultados, uma organização do texto da entrevista composta de três movimentos retóricos e 17 passos que são responsáveis pela realização de nove componentes textuais (a exemplo do título, do lide e do *box*). Os resultados levantados somam-se aos de outros trabalhos já apresentados no interior do Projeto Gêneros do Jornal (PROJOR) que vem sendo desenvolvido na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) desde 2002.

Palavras-chave: Retórica; gêneros textuais; entrevista de jornal.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the genre “journal interview” published by print media. Based on the socio-rhetorical approach to genre analysis, in special the studies of Swales, Bhatia and Bazerman, the nature of the journalist interview was investigated in a corpus of 32 occurrences of the genre published in November 2005 in the newspaper Zero Hora, from Porto Alegre (RS, Brazil). Bonini’s methodological proposal (2004a) for the interrelated study of newspaper genres was also used in this study, as well as Swales’ (1990) analysis of rhetorical moves. The research results indicate, among other things, that the organization of the interview text is composed of three rhetorical moves and 17 steps responsible for the realization of nine textual components (such as the title, the lead and the box). These findings are connected to the results of other studies previously carried out within the Journal Genres Project (Projeto Gêneros do Jornal - PROJOR), under development at the University of Southern Santa Catarina (Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL) since 2002.

Keywords: Rhetoric; textual genres; journal interview.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Níveis de descrição genérica (BHATIA, 1997).....	23
Figura 2 – Modelo de entrevista científica de Alves da Silva (1991), conforme adaptação de Bonini (2000).....	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios de Swales para identificação de gêneros (quadro baseado na exposição de Hemais e Biasi-Rodrigues (2005)).	16
Quadro 2 – Procedimentos de análise genérica (ASKEHAVE; SWALES, 2001).	21
Quadro 3 – Modelo de introdução de artigos científicos em inglês (SWALES, 1990, p. 141).	36
Quadro 4 – Metodologia de Bathia (1993) para os estudos dos gêneros (cf: BONINI, 2004a).	37
Quadro 5 – Proposta metodológica para o estudo inter-relacionado dos gêneros do jornal (BONINI, 2004a).	40
Quadro 6 – Mapeamento do jornal Zero Hora no período de 16 a 25 de novembro de 2005.	44
Quadro 7 – Estatística de ocorrência de entrevistas nos cadernos do ZH do dia 16 a 25 de novembro de 2005.	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	14
2.1	GÊNERO TEXTUAL NA PERSPECTIVA DE SWALES.....	14
1)	2.1.1 SWALES E A CONCEPÇÃO DE COMUNIDADE DISCURSIVA	17
2)	2.1.2 QUESTÕES ACERCA DO PROPÓSITO COMUNICATIVO	19
2.2	A CONTRIBUIÇÃO DE BHATIA PARA UMA ANÁLISE SÓCIO-RETÓRICA DE GÊNEROS	22
2.3	QUESTÕES SOBRE TIPIFICAÇÃO NA INTERAÇÃO.....	25
2.4	OS GÊNEROS DO JORNAL	27
3)	2.4.1 A ENTREVISTA	29
4)	2.4.2 MANIFESTAÇÕES DA ENTREVISTA	33
3	METODOLOGIAS DE ANÁLISE E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	35
3.1	METODOLOGIAS DE ANÁLISE DE GÊNEROS DE BASE SÓCIO-RETÓRICA.....	35
3.2	PROPOSTA METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	38
3.3	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	41
3.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	41
4	ANÁLISE DOS DADOS	43
4.1	A ENTREVISTA NO JORNAL	43
4.2	A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DA ENTREVISTA.....	49
4.3	OS MOVIMENTOS E PASSOS DA ENTREVISTA.....	53
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
5.1	OBJETIVOS E RESULTADOS OBTIDOS	67
5.2	SUGESTÕES PARA PESQUISAS RELACIONADAS.....	68
	REFERÊNCIAS	70
	ANEXO A – ENTREVISTAS DE PERFIL.....	73
	ANEXO B – ENTREVISTAS NOTICIOSAS.....	80
	ANEXO C – CONSULTA A REPORTER (CAMILA SACOMORI)	102
	ANEXO D – REPORTAGEM COMENTADA NA COSULTA A REPORTER CAMILA SACOMORI	104

1 INTRODUÇÃO

A palavra “entrevista”, em sua concepção mais ampla, é tratada e teorizada de diferentes modos por servir várias áreas, embora principalmente a área da comunicação social. Ainda que seja considerada em diversos campos, quando se trata de entendê-la como um gênero textual, essas literaturas têm se mostrado um tanto parciais e imprecisas, preocupando-se mais com a técnica do “bem entrevistar” a dar um tratamento teórico à ação de linguagem¹ que se busca realizar com esse gênero de texto. Este estudo é uma tentativa de analisar a “entrevista” não no sentido amplo, mas no que diz respeito ao modo como ela circula no jornal impresso, em específico, as entrevistas publicadas no periódico gaúcho Zero Hora (doravante ZH). No decorrer deste, opta-se pela designação entrevista de jornal, por ser o termo que melhor referencia o gênero, conforme o enfoque aqui dado, evitando-se problemas e exposição.

Grande parte da literatura pesquisada explica a entrevista como uma “técnica de coleta de dados”. Não se pode dizer que isso seja um problema, mas apenas uma visão direcionada do termo, em que se teoriza a “entrevista” enquanto instrumento de coleta de informação, e não enquanto gênero do jornal. Para o estudo presente, basta salientar que a técnica de coletar dados está sendo entendida como parte do processo do qual a entrevista de jornal é resultado.

Busquei na lingüística aplicada, sob a ótica da nova retórica norte-americana, principalmente na abordagem sócio-retórica de análise de gêneros (SWALES, 1990, 1992,

¹Os estudos desenvolvidos na sócio-retórica apontavam para uma noção de gênero que levasse em consideração principalmente a **ação** que os textos e enunciados realizam numa determinada situação. É por isso que a definição de gênero centra-se agora no conceito de *ação* e de *atividade* (Miller 1984, 1994; Bazerman, 1988). Uma

1998, 2001; BHATIA, 1993, 1995, 1997) os postulados teóricos e metodológicos que conduziram a análise. Deste lugar, me ative a 32 ocorrências do gênero entrevista de jornal (pingue-pongue) selecionadas de 10 exemplares do jornal Zero Hora, que foram publicados durante o mês de novembro do ano de 2005. Nesse período de dez dias e, portanto, com a publicação de dez exemplares do ZH, houve também a ocorrências de entrevistas que, embora possam carregar os mesmos propósitos comunicativos, estão dispostas em outra estrutura textual (texto corrido). Uma análise dessa forma de entrevista, semelhante à realizada no trabalho atual com textos pingue-pongue, acredito, renderia um outro estudo, que merece um enfoque exclusivo.

Este trabalho procura esclarecer a entrevista de jornal não somente em seu âmbito estrutural, mas também em termos do/s propósito/s comunicativo/s que detém (focalizando-se as ações retóricas dentro do gênero).

O estudo de gêneros dentro da abordagem sócio-retórica detém duas possibilidades de análise: 1) a proposta teórico-metodológica de Swales (1990) e Bhatia (1993), com ênfase no processo de produção e estruturação do gênero (movimentos e passos); e 2) a proposta de Bazerman (1988, 1994), com o foco no gênero como parte de um sistema de atividades, com ênfase nos processos envolvidos no gênero e nos gêneros fronteiros (estruturação textual, papéis sociais, composição e leitura). O presente estudo está inclinado à proposta de Swales e Bhatia.

Os objetivos que foram postos como metas para a pesquisa são:

Observar o objetivo público do texto da entrevista de jornal, em termos de propósito comunicativo; e

Levantar a organização informativa do gênero entrevista de jornal.

definição de gênero teoricamente bem fundamentada, segundo Miller (1994:23), “deve ser centrada não na substância ou na forma do discurso, mas na ação cuja realização se dá através do gênero utilizado”.

A presente dissertação está sistematizada da seguinte forma, quanto a seus capítulos (exceto introdução e conclusão):

a. Bases da teoria – onde são apresentados os fundamentos teóricos de análises de gêneros em que a pesquisa está alicerçada; b. Os gêneros do jornal – uma breve explicação de quais os gêneros que se pode encontrar dentro desse suporte e ou hipergênero, conforme Bonini (2001, 2002 e 2003); e c. A entrevista – levantamento de como se comporta a entrevista nos campos aos quais ela serve para, em seguida, discutir seu funcionamento enquanto gênero do jornal;

Metodologia da pesquisa – apresentação das escolhas realizadas em termos dos procedimentos de coleta e análise do material e;

Análise dos dados – apresentação dos resultados.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nas seções que se seguem, as teorias de base desta pesquisa são apresentadas no sentido de que se torne possível visualizar o modo como o gênero, bem como seus elementos constituintes, estão sendo entendidos aqui. São considerados também os materiais impressos, acadêmicos ou profissionais, relativos aos gêneros jornalísticos e ao funcionamento da entrevista de jornal como gênero.

2.1 GÊNERO TEXTUAL NA PERSPECTIVA DE SWALES

A concepção de “gênero” de Swales (1990) deve-se a um pensar o texto em seu contexto, e não como algo que deva ser visto, entendido e interpretado em análise exclusivamente estrutural. Ao citar Martin (1985, p. 250), segundo o qual “*Os gêneros são a forma pela qual se faz as coisas quando a linguagem é utilizada para realizá-las*”, Swales (1990, p. 40) valoriza essa concepção de gênero, acrescentando que, além da forma, os “gêneros realizam propósitos sociais e se fazem através do discurso”. Uma análise que leve em conta apenas elementos estruturais, segundo ele, “tende a fechar os olhos para as ações efetivas de linguagem que o gênero realiza”. Como define o próprio autor:

[...] Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e, portanto constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério privilegiado que faz com que o escopo do gênero se mantenha enfocado estritamente numa determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões seme-

lhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o original será visto pela comunidade discursiva como um protótipo. Os gêneros têm nomes que são herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém tipicamente precisam de validação adicional [...] (SWALES, 1990, p. 58)²

Para Swales (1990), um gênero textual é uma combinação entre elementos lingüísticos de diferentes naturezas – fonológicos, morfológicos, lexicais, semânticos, sintáticos, oracionais, textuais, pragmáticos e discursivos –, isto é, perfaz um conjunto de elementos entrelaçados numa situação empírica de linguagem. Por conter esses elementos de naturezas diversas, para ele (SWALES, 1990), uma análise de gêneros textuais que leve em consideração o contexto deve distinguir o processo, a situação e os membros envolvidos em determinado evento comunicativo.

O autor, nessa fase de seu trabalho, privilegia o propósito comunicativo enquanto critério central na análise. Ele acredita que a alteração do propósito comunicativo implica na alteração do próprio gênero. Em contrapartida, entender um gênero somente como conteúdo independente da forma é, igualmente para ele, um equívoco. Na mesma direção de Swales (1990), como uma das precursoras desse debate, Miller (1984, p. 151), afirma que uma definição retoricamente correta de “gêneros” não deve centrar-se somente na forma do discurso nem somente na substância, mas deve levar tudo isso em consideração, principalmente na ação de linguagem em que ele se realiza. O próprio Bakhtin (1953) indicava a construção composicional, ao lado do conteúdo temático e do estilo, como as três características do gênero.

² A tradução dessa definição é de Hemais e Biasi-Rodrigues (2005). Todas as traduções cuja autoria não seja mencionada na lista de referências ou em nota de rodapé são de responsabilidade do autor da presente dissertação.

Para Swales (1990), a análise de gêneros é o estudo do comportamento linguístico situado em contextos específicos, sendo que, para se reconhecer um gênero como tal, é preciso considerar nele, pelo menos, cinco características: a classe de eventos que ele perfaz, o propósito comunicativo que realiza, os graus de prototipicidade entre exemplares, a lógica de organização e constituição que está em sua base, e o termo pelo qual é conhecido na comunidade de origem (quadro 1).

1 – Natureza classista	O gênero é uma classe de eventos comunicativos onde a linguagem verbal tem um papel significativo e indispensável. Um evento comunicativo se forma de: 1) discurso; 2) participantes; 3) função do discurso; e 4) ambiente.
2 – Propósito comunicativo	Essa categoria é mais importante para Swales (1990). Numa classe de eventos comunicativos, os eventos compartilham um propósito comunicativo.
3 – Prototipicidade	Na perspectiva da semelhança familiar, pode-se usar os critérios de distinção ou semelhança estrutural com outros textos da mesma classe para definir o exemplar como mais ou menos prototípico.
4 – Razão ou lógica Subjacente	Diz respeito às restrições em termos de conteúdo e estilo de um gênero em função de um propósito comunicativo.
5 – Terminologia específica	Os termos são indicadores de como os membros mais experientes de uma comunidade discursiva, que dão os nomes aos gêneros, entendem as ações retóricas dessa comunidade.

Quadro 1 – Critérios de Swales para identificação de gêneros (quadro baseado na exposição de Hemais e Biasi-Rodrigues (2005)).

Swales (1990) assevera que gêneros não são criados da noite para o dia; eles se desenvolvem por um certo período e não são reconhecidos até que se tornem bastante padronizados. Fato que o faz atribuir às instituições parte da responsabilidade pela construção e interpretação dos gêneros.

2.1.1 SWALES E A CONCEPÇÃO DE COMUNIDADE DISCURSIVA

Nas discussões relacionadas a gêneros textuais na perspectiva aqui adotada, uma análise que leve em consideração o contexto deve distinguir o processo, a situação e os membros envolvidos em determinado evento comunicativo. Nesse sentido, Swales (1990) elabora critérios para identificar como se caracterizam os grupos de pessoas conectadas pelo discurso, chegando assim ao seu conceito de comunidade discursiva.

Para esse autor (1990), um gênero é constituído no interior de um grupo social. Em sua interpretação do trabalho de Swales, Bonini (2000, p. 6) afirma que o gênero é “um elemento concreto que emerge na interação comunicativa em uma comunidade discursiva”. Assim, um gênero constitui a comunidade, e em contrapartida ela também o constitui. Há uma espécie de simbiose entre o gênero e a comunidade que o utiliza. O que se percebe, segundo esse autor, é que os gêneros incorporam ação(ões) retórica(s) tipificada(s) e interligam os membros de uma determinada comunidade discursiva. Desse modo, servem à comunidade em que são gerados.

Para entender a concepção de comunidade discursiva, é importante a idéia de que uma comunidade tem convenções específicas, e que, portanto, o discurso mostra o conhecimento do grupo. Tais convenções discursivas, como afirmam Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), facilitam a iniciação de membros novos na comunidade, isto é, os calouros não ingressam na comunidade senão pelo conhecimento das convenções discursivas.

Swales (1990) formula seis características que norteiam a noção de comunidade discursiva: 1) ela possui um conjunto de objetivos públicos em comum, critério que talvez seja o mais importante nessa fase da reflexão do autor; 2) possui mecanismos de participação

entre os seus membros; 3) ela se alimenta da troca de informações; 4) ela é capaz de desenvolver seu próprio elenco de gêneros; 5) possui um léxico específico; e 6) possui uma hierarquia de participantes, uma vez que há membros cujo conhecimento dos gêneros se sobressai aos demais.

A noção de comunidade discursiva proposta pelo autor (1990), assim como a sua noção de propósito comunicativo, é esboçada, segundo Bonini (2004b), a partir da análise de um gênero individualizado (a introdução de artigos científicos), e não da consideração de um conjunto de gêneros, isto é, de uma relação entre gêneros. Nesse sentido, torna-se dispensável para o autor, segundo Bonini, que ele pense (pelo menos nesse trabalho de 1990), por exemplo, o problema de reconhecimento das fronteiras de uma comunidade ou dos próprios gêneros.

Swales (1998) tece considerações complementares sobre o conceito original de comunidade discursiva, entendendo que pode haver conflitos dentro dessas comunidades em e que elas não são tão homogêneas como pareciam a princípio. Os textos, na sua concepção, são produzidos por meio de princípios retóricos que podem apresentar múltiplos sentidos. Segundo Figueiredo e Bonini (2006), "isso ocorre porque as comunidades discursivas, suas convenções e seus textos estão inseridos em contextos históricos passíveis de mudança". A proposta atual de Swales, sobre a definição de uma comunidade discursiva de lugar, parece mais adequada ao objetivo deste estudo porque enfatiza a questão da hierarquia e a habilidade de certos membros em recorrer e manipular os propósitos dos gêneros. Essa nova noção valoriza o caráter inclusivo, interativo e identitário das práticas discursivas utilizadas por determinadas comunidades (FIGUEIREDO; BONINI, 2006). Uma comunidade discursiva de lugar pode ser entendida como:

Um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas e que têm uma noção estável, embora em evolução, dos objetivos propostos pelo seu grupo. Essa comunidade desenvolve uma gama de gêneros falados, falados-escritos e escritos para orientar e monitorar os objetivos e as propostas do grupo. Para os membros mais antigos, esses gêneros possuem características discursivas e retóricas evidentes. Para tais membros, os gêneros compõem um sistema ou rede interativa que tem a função adicional de validar as atividades da comunidade fora de sua esfera. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p 117).

Nesse sentido, uma comunidade discursiva pode possuir membros com maior habilidade em impor aos gêneros suas normas, valores e crenças e, inclusive, reutilizar esses gêneros com os propósitos mais diversos.

2.1.2 QUESTÕES ACERCA DO PROPÓSITO COMUNICATIVO

Swales (1990, p. 58) acredita o propósito de um gênero influencia a sua estrutura. Em caso de alteração do propósito comunicativo, há a alteração do próprio gênero, pois o propósito, nesse sentido, é inerente ao gênero. Essa postura teórica do autor pode ser verificada em sua definição de gênero:

[...] Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos **propósitos** comunicativos. Esses **propósitos** são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e portanto constituem a razão do gênero. [...] (SWALES, 1990, p. 58)

Com efeito, essa primeira concepção de propósito postulada pelo estudioso sugere pensar que o propósito comunicativo (critério privilegiado) forma o gênero e fornece a ele uma estrutura interna, ou seja, uma estrutura esquemática. Desta maneira, se dois textos têm propósitos comunicativos diferentes, eles serão classificados como gêneros diversos.

Acerca da noção de propósito comunicativo, como foi desenvolvida por Swales (principalmente em seu livro de 1990), muitas reflexões vêm sendo tecidas, inclusive pelo próprio autor (ASKENHAVE; SWALES, 2001). O que se conclui neste trabalho de 2001 é que o propósito, a intenção, ou os resultados públicos são mais ambíguos e múltiplos do que parecem. Não é intenção dos autores ignorar o propósito comunicativo enquanto critério de análise; ele apenas não pode ser um critério privilegiado. Deve ser levado em consideração, mas na mesma proporção que os outros critérios.

O problema não está no propósito comunicativo como postulado, mas sim na dificuldade de identificação do propósito em um determinado gênero. O próprio autor percebe essa dificuldade, já em seu livro de 1990, quando afirma:

[...] pode ser objetado que o propósito é uma característica menos evidente e demonstrável que, digamos, o formato e que, em consequência disso, é pouco útil como primeiro critério. É fato que o propósito de algum gênero terá dificuldade, em si mesmo, de adquirir considerável valor heurístico. Enfatizar a primazia do propósito pode requerer do analista um número regular de investigações independentes e esclarecedoras [...] (p. 46)

Para exemplificar o problema da identificação do propósito, Bhatia (1993) afirma que um repórter experiente pode ser capaz de insinuar suas perspectivas político-partidárias, ainda que sob a aparência de notícia objetiva. Por isso, Bhatia vê a necessidade de comprovar a validade do resultado do estudo através da consulta a membros especialistas da comunidade discursiva. Somente um especialista, segundo ele, conseguiria perceber esse sub-propósito mascarado em forma de notícia objetiva, seja o especialista do domínio político, seja do domínio jornalístico, embora saibamos que há uma intersecção desses dois domínios e que vários especialistas do domínio jornalístico têm inclinação para o domínio político partidário. Em complemento à definição de Swales (1990), Bhatia afirma que o gênero:

[...] é um evento comunicativo reconhecido, caracterizado por um jogo de propósito(s) comunicativo(s) identificado(s) e compreendido(s) pelos membros da comuni-

dade profissional ou acadêmica, na qual ele ocorre regularmente. Frequentemente, ele é estruturado e convencionalizado sob restrições, em termos de suas intenções, posicionamentos, formas e valor funcional. Essas restrições, entretanto, são geralmente exploradas pelos especialistas da comunidade discursiva para alcançar as intenções particulares dentro das estruturas dos propósitos reconhecidos socialmente [...] (1993, p. 13)

Com vistas a uma nova operacionalização da noção de propósito comunicativo na pesquisa em gêneros, Askehave e Swales (2001) propõem uma hierarquia de critérios, em que o propósito, guiado pelo repropósito, não seria o último e nem o primeiro critério a ser aplicado, mas seria aplicado à medida em que a análise o exigisse (quadro 2).

Análise dirigida pelo texto		Análise dirigida pelo contexto
01	Estrutura + estilo + conteúdo + “propósito”	Identificação uma comunidade (discursiva) comunicativa
02	gênero	Valores, intenções, condições materiais da comunidade discursiva
03	contexto	Ritmos de trabalho, horizontes de expectativa
04	repropósito do gênero	Repertório de gêneros e etiqueta
05	revisão do <i>status</i> do gênero	Repropósito dos gêneros
06		Características do: Gênero A; Gênero B; Gênero C; Gênero D

Quadro 2 – Procedimentos de análise genérica (ASKEHAVE; SWALES, 2001).

Uma análise guiada pelo texto seria, em termos, a análise apresentada por Swales (1990), quando o autor sugere o modelo CARS – *Create a Research Space* (Criar um Espaço de Pesquisa), baseado em movimentos e passos, como resultado de seu estudo de introduções de artigos de pesquisa. Essa análise parte do texto para identificar as intenções, situação e contexto em que o texto ocorre. Em direção inversa, os autores (2001) propõem uma análise dirigida pelo contexto, situação, onde o propósito seria o último, mas não menos importante, elemento a ser analisado. Os autores afirmam que não há uma direção certa e que uma análise eficiente deve levar em conta os elementos acima citados na ordem que se fizer necessária (ver SWALES, 1998).

2.2 A CONTRIBUIÇÃO DE BHATIA PARA UMA ANÁLISE SÓCIO-RETÓRICA DE GÊNEROS

Bhatia, em seu livro de 1993 e em alguns outros trabalhos, complementa as idéias de Swales (1990). Esse autor continua privilegiando o propósito comunicativo enquanto critério de análise de gêneros e, em uma artigo de 1997, pontua três aspectos centrais na descrição genérica: 1) o *conhecimento convencional*, que confere a cada gênero a sua *integridade*; 2) a *versatilidade da descrição dos gêneros*; e 3) a *tendência para a inovação presente no gênero*.

Para uma explicação nesses termos, deve-se levar em consideração, segundo o autor, que:

[...] os gêneros se definem essencialmente em termos do uso da linguagem em contextos comunicativos convencionados, que dão origem a conjuntos específicos de propósitos comunicativos para grupos sociais e disciplinares especializados que, por sua vez, estabelecem formas estruturais relativamente estáveis e, até certo ponto, impõem restrições quanto ao emprego de recursos léxico-gramaticais[...] (BHATIA, 1997).

No que diz respeito ao *conhecimento convencional*, para Bhatia (1997), uma compreensão adequada da ação retórica tipificada deve considerar os propósitos comunicativos mutuamente compartilhados por participantes tipicamente associados em uma comunidade discursiva em particular. Não se deve, contudo, desmerecer a importância da forma do gênero, pois o critério de prototipicidade é muito relevante para o reconhecimento de determinado gênero dentro de uma comunidade. O autor acredita que o propósito direciona também a estrutura do texto e, nesse sentido, afirma:

[...] a noção de propósito comunicativo parece ser [...] central à teoria de gêneros, por um lado, por estar inserida em contextos retóricos específicos e, por outro lado,

por determinar, invariavelmente, escolhas específicas de formas estruturais e léxico-gramaticais [...] (BHATIA, 1997)

Quanto ao aspecto da *versatilidade presente na análise dos gêneros*, Bhatia (1997) volta a se valer do propósito comunicativo para avaliar os vários níveis de propósito dos gêneros, indo de uma visão mais geral do uso da língua para uma mais específica. Segundo ele, dependendo do nível de generalização e detalhamento em que o propósito comunicativo é observado, pode-se identificar o status de um gênero em particular (figura 1).

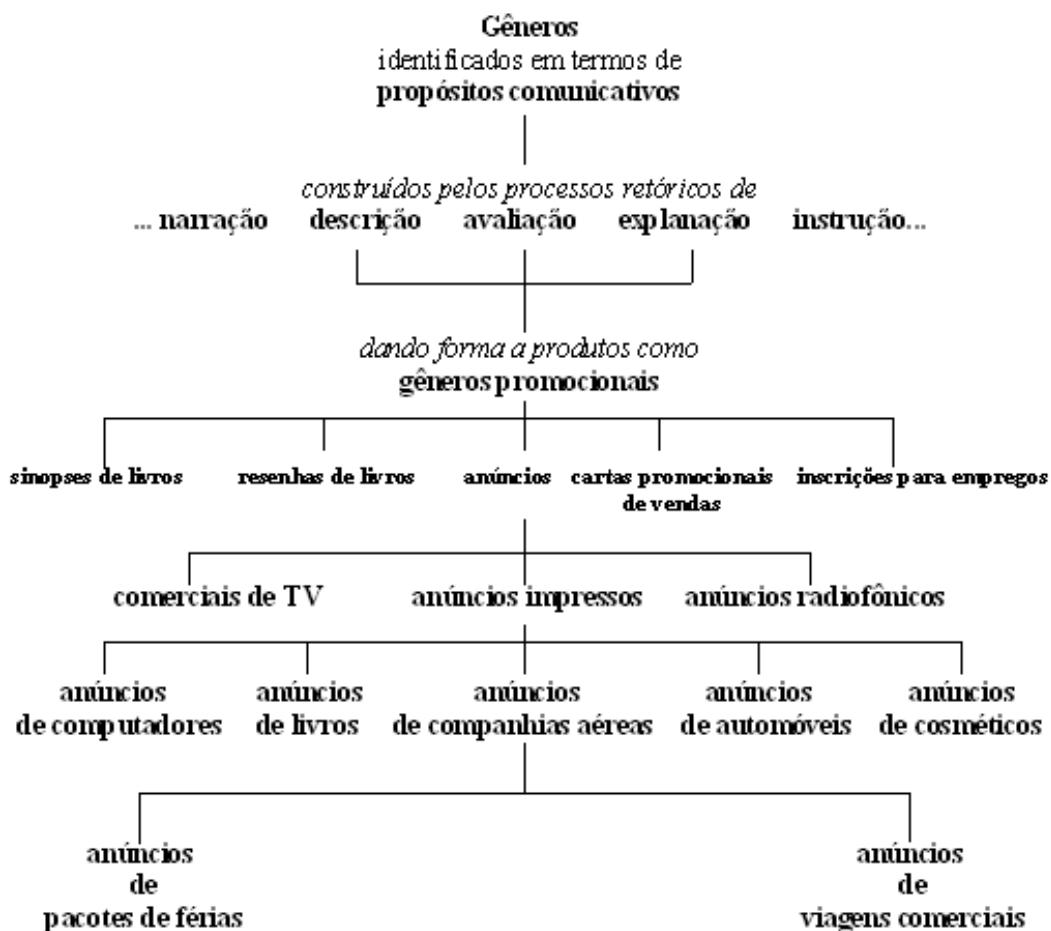


Figura 1 - Níveis de descrição genérica (BHATIA, 1997)

Ao observar a figura 1, percebemos que o autor deduz, dos gêneros promocionais, um grupo de gêneros com o mesmo propósito comunicativo, produzidos pela especificação do propósito geral.

A noção de *constelação* proposta nesse trabalho de Bhatia, segundo a qual certos gêneros são entendidos como sendo interligados pelo mesmo propósito comunicativo, mostra-se como um forte argumento no sentido de explicar a *tendência que os gêneros têm para inovação*. No que diz respeito a esses vários níveis que o propósito pode deter em uma constelação de gêneros, assim afirma o autor:

[...] considerando o caso dos gêneros promocionais, encontramos, no nível mais alto de generalização, o “discurso promocional” na forma de uma constelação de gêneros intimamente relacionados, dotados do mesmo propósito comunicativo de promover um produto ou serviço para um cliente potencial [...] (BHATIA, 1997).

Desse modo, na proposta de análise de gêneros que privilegia a intenção comunicativa, enquanto o propósito se mantiver, os gêneros a ele ligados serão identificados como gêneros intimamente relacionados. Para Bhatia (1997), a identificação do propósito comunicativo em uma crescente ordem de especificidade e detalhamento nos permite caracterizar um gênero como “subgênero” ou gênero da mesma constelação.

Embora haja gêneros cristalizados, ou *integridade genérica* como chama Bhatia (1993), por outro lado, também se atribui a eles uma tendência natural à inovação e à mudança, cuja flexibilidade é geralmente explorada pelos membros mais experientes da comunidade discursiva, os quais possuem autonomia para criar novas formas para responder a contextos retóricos familiares. Só os mais experientes têm habilidades de manipular as convenções genéricas para “*expressar intenções particulares dentro da estrutura dos propósitos comunicativos socialmente reconhecidos*” (BHATIA, 1993). Como confirma o autor:

[...] as convenções de gêneros são freqüentemente exploradas pelos membros experientes das comunidades discursivas para criar novas formas; contudo, tal liberdade, inovação, criatividade, exploração, seja como for que a chamemos, invariavelmente se realiza antes dentro do que fora das fronteiras do gênero, seja como for que estas estejam estabelecidas, em termos de recorrência de situações retóricas (Miller, 1984), consistência de propósitos comunicativos (Swales, 1990 e Bhatia, 1993), ou combinação de elementos estruturais obrigatórios (Halliday e Hasan, 1985). A inovação nunca é uma atividade completamente livre. A natureza da manipulação do

gênero é realizar-se invariavelmente dentro dos limites amplos dos gêneros específicos e ser, freqüentemente, muito sutil. A negligência explícita a essas convenções genéricas implicará o abandono do gênero e será vista como estranha pela comunidade especializada [...] (BHATIA, 1997).

Bhatia (1997) também considera a questão dos gêneros híbridos. A hibridização, segundo ele, acontece quando o evento comunicativo é composto por dois gêneros inteiramente distintos, aos quais se atribui um único propósito comunicativo, por exemplo, o propósito de anunciar um produto na mídia. A título de ilustração, esse fenômeno aconteceria se uníssemos uma entrevista e um e-mail, imbricados para realizar uma única ação de linguagem. No entanto, não é muito fácil identificar dois gêneros dentro de uma única ação de linguagem. Acredito que existam casos de hibridização tão complexos para quais dificilmente encontraremos as fronteiras dos gêneros envolvidos. Por vezes parece ser preferível atribuir um outro nome ao gênero. Alguns, por outro lado, parecem receber os nomes dos dois gêneros envolvidos, como é o caso do gênero *reportagem a partir de entrevista* (KINDERMAN, 2005).

2.3 QUESTÕES SOBRE TIPIFICAÇÃO NA INTERAÇÃO

As propostas teóricas de Bazerman (2005) têm sido uma das alternativas para se observar como um gênero se comporta e se realiza e, ao mesmo tempo, observar como as ações de linguagem bem como as atividades sociais geradas em função deste gênero são organizadas por textos relativamente tipificados. Embora o presente estudo não tenha dado ênfase ao sistema de atividades, os conceitos de tipificação e interação de Bazerman (2000) nos possibilitam entender a produção de um gênero.

Bazerman (2005) observa os gêneros a partir da sua realização na situação de uso real, não se limitando ao gênero em isolamento. O autor realiza uma espécie de análise da circulação de discursos e afirma que os textos organizam nossas ações cotidianas, assim como podem criar fatos sociais por meio dessas ações de linguagem.

Com o objetivo de defender a idéia de que os gêneros são formas típicas de usos dos discursos desenvolvidas a partir de formas anteriores – pois, para ele, os gêneros nunca são puros –, o autor desenvolve um ensaio sobre os gêneros que derivam da *carta*, vista por ele como um gênero fundador. Ele também analisa formulários de imposto de renda para por em evidência a extensa rede de gêneros interligados nesse sistema de atividades (BAZERMANN, 2005). Sua reflexão, portanto, toma o gênero como componente da dinâmica social, da relação inter-indivíduos situados em dada cultura e instituição(ões). Nas palavras do próprio autor: “[...] a definição de gênero como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos” (BAZERMANN, 2005).

Bazerman (2005), ao discutir a importância da tipificação nesse campo de estudos, afirma que “o gênero é uma categoria sócio-histórica sempre em mudança”, diz ainda que os gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros em qualquer momento do tempo, isto é, eles “são fenômenos de reconhecimento psicossocial”. Os gêneros, assim, são reconhecidos socialmente através de textos/discursos.

Diferente de Swales (1990) e Bhatia (1993), que vêm no propósito comunicativo, o elemento que exerce maior influência na estruturação do gênero, Bazerman (2000) coloca a ênfase no encadeamento das atividades de um meio social. O autor chega a essa conclusão ao analisar o mesmo gênero em domínios sociais diferentes: o *artigo de pesquisa* na Biologia e na Psicologia. Nesse caso, ele conclui que as formas diferem porque os sistemas de atividades de cada campo diferem.

Para concluir essa seção, cabe salientar que, para Bazerman (2005):

[...] examinar o sistema de gêneros permite [...] compreender as interações práticas, funcionais e sequenciais de documentos [...] compreender essas interações permite [...] ver como os indivíduos, ao escrever qualquer novo texto, estão intertextualmente situados dentro de um sistema, e como sua escrita é direcionada pelas expectativas de gêneros [...] (BAZERMAN, 2005).

2.4 OS GÊNEROS DO JORNAL

Para engendrar esse trabalho, foi importante considerar os textos teóricos e técnicos da área da comunicação, em específico, os do jornalismo. Os manuais de estilo e dicionários de comunicação, conforme Bonini (2003), são bastante relevantes, no sentido de fornecer rótulos e explicações valiosos à análise de gêneros.

José Marques de Mello (1985), em um livro intitulado “A Opinião no Jornalismo Brasileiro”, apresenta as definições de alguns trabalhos dessa época sobre os “*gêneros jornalísticos*”³. A título de exemplo, cito aqui três delas:

[...] os gêneros jornalísticos são *formas* que buscam os jornalistas para se expressarem. Seus traços definidores estão portanto no estilo, no manejo da língua. São formas jornalístico-literárias, porque o seu objetivo é o relato da informação e não necessariamente o prazer estético [...] (GARGUREVICH *apud* MELLO, 1985)

[...] os gêneros jornalísticos são *formas* de expressão jornalísticas que se definem pelo estilo e assumem expressão própria pela obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora [...] (DOVIFAT *apud* MELLO, 1985)

3 Optei aqui pela distinção entre gêneros jornalísticos e gêneros do jornal de acordo com Bonini (2004). Seguindo o autor os “gêneros jornalísticos” no plural indicam o local social de origem desses gêneros, o das atividades relativas ao fazer jornalístico. O termo “gêneros do jornal” está sendo usado aqui para indicar que se tratam apenas dos textos relativos ao jornal impresso. Caber ressaltar que o termo “gênero jornalístico” (no singular) não é empregado em momento algum nesse trabalho, justamente porque conduz à concepção de tipo abstrato, calcado em alguma forma de classificação por propriedades. O que se considera aqui são as manifestações empíricas, enquanto práticas sociais e discursivas.

[...] são *formas* utilitárias, pois as diferenças entre os gêneros surgem da correspondência dos textos que os jornalistas escrevem em relação às inclinações e aos gostos do público. Ou seja, a essência do estilo jornalístico estaria na tentativa de fazer o relato do cotidiano utilizando uma linguagem capaz de estar sintonizada com o que Gonzalo Martín Vivaldi, na obra 'Gêneros periodísticos', chama de 'linguagem de vida', e que pressupõe o uso de todos os recursos expressivos e vitais, próprios e adequados para expressar a variadíssima gama do acontecer diário [...] (FOLIET, *apud* MELLO, 1985)

Marques de Melo acaba concluindo que:

[...] se os gêneros são determinados pelo estilo e se este depende de uma relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas), é evidente que a sua classificação [do gênero] restringe-se a universos culturais delimitados [...]

Em relação ao estilo, de certo modo, Chaparro (1998) complementa Mello (1985) quando afirma que “a lógica e as razões do mercado impõem-se ao jornalismo diário brasileiro”. Nesse sentido, afirma ele, a relação que o jornalista mantém com o seu público, antes de tudo, é uma relação de consumo.

O autor (CHAPARRO, 1998) questiona os fundamentos teóricos da chamada velha “convenção” anglo-americana, que divide o jornalismo em *gêneros de informação* e *gêneros de opinião*. Segundo ele, essa divisão é considerada uma “*espécie de matriz que há quase três séculos regula convicções conceituais que organizam e explicam o jornalismo*”, mas não é pertinente. No sentido de mostrar a impertinência de se explicar e entender o jornalismo com base nessa dicotomia tradicional, Chaparro afirma:

[...] as fronteiras entre opinião e informação são destruídas pela inevitabilidade da valoração jornalística, por sua vez influenciada pela interferência interessada e legítima dos vários sujeitos do processo, tanto no relato quanto no comentário da atualidade [...] (CHAPARRO, 2000)

O que se percebe, contudo, em Chaparro (1998) é que o autor não vai além do enquadramento dos gêneros em esquemas textuais e acaba retomando a antiga classificação. Ele propõe três categorias: 1) esquemas narrativos (relato dos acontecimentos); 2) esquemas ar-

gumentativos (comentário dos acontecimentos); e 3) esquemas práticos (informações de serviços, bolsas, etc.). O autor assegura que todas as demais “*formas de expressão*” seriam declinações dessas categorias fundamentais. O que nos permite pensar que Chaparro (1998) também trata o gênero no seu âmbito tipológico, pois sabemos que as seqüências não são os gêneros. Talvez fosse isso que Bonini (2003) quisesse dizer, ao afirmar que “*as metodologias dessa área são pouco precisas quanto à compreensão de objetos de linguagem*”.

2.4.1 A ENTREVISTA

Enquanto instrumento de coleta de informação, a entrevista é uma conversa (diálogo) com o intuito de obter e registrar declarações de fontes, ou conseguir informação necessária à produção de texto sobre determinado assunto. Alguns autores defendem que a entrevista seja um dos atos fundadores do jornalismo profissional, ou do nascimento do repórter. Cascais (2001) afirma que um estudo dos anos 80 dos jornalistas de Washington apurou que aproximadamente 75% dos repórteres escreviam as suas histórias a partir de entrevistas e sem usar documentação. Para Schudson (*The power of news, 1996*), a entrevista é a ação fundamental do jornalismo contemporâneo, pois os jornalistas baseiam-se prioritariamente nelas. Chaparro (1998) também afirma que todo o fluxo de atividades de um jornal é gerado por entrevistas.

Schudson (1996) diz que, na história do jornalismo americano, que teve início no começo do século XVIII, a entrevista só foi aceita enquanto prática profissional após 1860. Anteriormente, a imprensa colonial era dominada por textos de opinião, cartas, humor. A partir de 1820 os jornais urbanos começaram a contratar repórteres para procurar notícias no-

meadamente junto da polícia e dos tribunais. Apesar disso, a entrevista nunca fora utilizada. Nenhum repórter fazia qualquer citação das conversas que mantinha, nem mesmo com o Presidente. Segundo Schudson (1996), os historiadores dividem-se quanto à publicação da primeira entrevista na imprensa americana, datando-a alguns como 1836, outros como 1859. Não está claro, para essa datação, se o autor está considerando apenas marcadores de entrevista no texto ou o surgimento dela enquanto gênero autônomo.

Souza (2005) tem sido um dos primeiros teóricos da comunicação a pensar em conformidade com os analistas de gênero, pelo menos no que diz respeito a diferenciar o gênero da técnica de obtenção de informações. Embora Souza (2005) também pense o gênero em seu nível tipológico, ou seja, priorizando regras gerais de classificação e desconsiderando o propósito comunicativo particular de cada recorrência do gênero, o autor distingue a entrevista como técnica de coletar dados da entrevista como gênero jornalístico autônomo.

Como texto do jornal, essa conversa registrada ganha uma forma, ou seja, ela é tipificada de acordo com os padrões de redação e estilo publicados nos manuais das principais instituições jornalísticas do país. Tal prática acatada pelos jornais espalhados Brasil afora, permite que a entrevista se deixe reconhecer como tal.

No sentido de tentar caracterizar a entrevista como um gênero, já numa abordagem lingüística, Alves da Silva (1991) realiza um estudo da entrevista científica utilizada por estudiosos como técnica de pesquisa. Nesse sentido, a autora concebe a entrevista como “*uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher, através do interrogatório do informante, dados para a pesquisa*” (CERVO; BEVIAN *apud* ALVES DA SILVA, 1991). Esse estudo descreve a entrevista com base no evento oral, enquanto mecanismo de comunicação que serve à comunidade acadêmica. Ainda em relação à comunidade discursiva, a autora defende a idéia de que, no ato de uma entrevista, uma comunidade circunstancial se forma, isto

é, o entrevistado não faz parte necessariamente da comunidade acadêmica, apenas se insere nela no ato da entrevista. O termo “circunstancial” diz respeito à dissolução da referida comunidade instantaneamente após o encerramento da entrevista.

A análise do gênero proposta por Alves da Silva (1991) revela uma estrutura textual formada de três categorias, como apresenta a figura 2.

<p>CATEGORIA 1 – introdutória</p> <p>Saudação</p> <p>Definição do objetivo da interação*</p> <p>Pedido de cooperação</p> <p>Configuração da cooperação*</p>
<p>CATEGORIA 2 – Tópica</p> <p>Pergunta*</p> <p>Interrupção</p> <p>Resposta (com ou sem emissão de reguladores verbais)*</p>
<p>CATEGORIA 3 – Fechamento</p> <p>Manifestação de aceitação do que foi dito</p> <p>Agradecimento</p> <p>Fechamento da entrevista</p> <p>Sinal de cortesia</p>

(* = movimentos obrigatórios)

Figura 2 – Modelo de entrevista científica de Alves da Silva (1991), conforme adaptação de Bonini (2000).

A análise realizada por Silva (1991) se apóia no modelo CARS de Swales (1990). O estudo revela passos que existem nesse tipo específico de entrevista (enquanto gênero oral a serviço de gêneros escritos). A autora não chega, contudo, à entrevista enquanto forma retextualizada e editada. Ainda assim, é uma referência essencial para esse estudo em particular, assim como é uma referência importante para o estudo da interação na entrevista.

A literatura da comunicação observa a entrevista de outro ângulo. Ela prioriza as formas lingüísticas e metalingüísticas no sentido de orientação à coleta de dados através da interação repórter / fonte. As explicações estão voltadas para a técnica e passam das orien-

tações sobre procedimentos e dicas de comportamento do repórter diretamente para as prescrições de textualização e formatação. Conforme o manual da Folha de São Paulo:

[...] os aspectos gráficos das entrevistas com perguntas e respostas na Folha deve obedecer ao seguinte modelo: Cada entrevista deverá ser introduzida por um pequeno texto em grifo (de, no máximo, 40 linhas) no qual o entrevistador dá um pequeno perfil do entrevistado e fala sobre as condições e o local onde foi concedida a entrevista. Na parte de perguntas e respostas, as perguntas serão grafadas em negrito, precedidas do nome do jornal, e as respostas serão grafadas e claro e precedidas do nome do entrevistado, em negrito. É obrigatório que o nome do entrevistado apareça em negrito e por extenso na primeira resposta; nas seguintes, seu nome pode ser grafado como ele é mais conhecido publicamente. Sempre em negrito. [...] Além da introdução, deve limitar-se (a entrevista) à transcrição do diálogo entre jornalista e entrevistado. Obedece as mesmas recomendações de estilo e comportamento profissional que regem as entrevistas de qualquer espécie. (FOLHA DE S. PAULO, 1998).

No mesmo sentido, o manual de estilo do O Estado de S. Paulo orienta sobre os procedimentos profissionais e padrões de textualização da entrevista:

1) Antes de qualquer coisa procure saber quanto tempo você terá para a entrevista; 2) Informe-se sobre o entrevistado e o assunto; 3) Não confie apenas na memória. Faça anotações e, se necessário, use gravador; 4) Nunca se esqueça que a opinião que o leitor quer conhecer é a do entrevistado e não a do repórter; 5) Você pode fazer perguntas diretas e incisivas ao entrevistado sem que o clima de cordialidade da conversa seja prejudicado; 6) Procure evitar atritos com o entrevistado; 7) Há entrevistados mais e menos difíceis, com habilidade, porém, salvo raríssimas exceções, será sempre possível conseguir deles pelo menos as informações e opiniões essenciais; 8) Se você julgar que o entrevistado não respondeu satisfatoriamente à pergunta ou usou de evasivas, insista; 9) Esteja preparado para acompanhar o rumo que a entrevista seguir; 10) Não se deixe conduzir nas coletivas e, se possível, tome a iniciativa; 11) Espere o entrevistado concluir seu pensamento para lhe fazer uma nova pergunta; 12) A pauta é sempre uma indicação mínima do que você deve cumprir; 13) Evite perguntas óbvias, como indagar a mãe que acaba de ver a morte do filho: “*Como a senhora está se sentindo?*”; 14) Por mais caótica que seja a entrevista, você pode ordená-la no **texto final**; 15) Faça perguntas curtas e objetivas; **16) Procure editar a entrevista, dando-lhe um texto corrido e reservando o estilo “pergunta e resposta” apenas aos casos especiais.** Em que seja útil conhecer a opinião do entrevistado em detalhes; 17) Varie o texto, para fugir do cômodo, mas monótono estilo: *disse; a seguir; continuou; prosseguiu; mais adiante, etc...*; 18) Finalmente, as entrevistas são concedidas ao Estado e não aos seus cadernos e suplementos (e é essa indicação que deve aparecer no texto).” (O ESTADO DE S. PAULO, 1997)

A literatura sobre a entrevista permite concluir que existem dois gêneros em inter-relação: a entrevista oral usada como forma de coletar informação e a entrevista como gênero resultante, na forma de entrevista de jornal, por exemplo.

No caso da entrevista de jornal, é preciso considerar, além desse processo envolvendo um gênero oral anterior, que se trata de um texto limitado por um espaço físico e variável no jornal, feito a várias mãos e aglutinador de diversas vozes que são filtradas e ajustadas no ato da edição.

2.4.2 MANIFESTAÇÕES DA ENTREVISTA

Pode-se classificar a entrevista de jornal visualizando-a de, pelo menos, seis ângulos diferentes. Com base em Erbolato (1985), Souza (2005) chega à seguinte classificação:

- 1) Quanto à origem
Entrevista de rotina – Entrevistas do dia-a-dia.
Entrevistas caracterizadas – Entrevistas de grande importância e destaque num jornal.
- 2) Quanto ao estilo
Entrevista pergunta-resposta – Entrevistas em que uma pergunta do jornalista sucede a resposta do entrevistado, e assim sucessivamente. Este é, provavelmente, o estilo de entrevista mais comum na atualidade.
Entrevistas em discurso indireto – Entrevistas em que as respostas do entrevistado são integradas num texto que integra outras informações, funcionando, portanto, como citações. Este estilo facilita ao jornalista a interpretação das características pessoais do entrevistado, a valorização das declarações do mesmo e o relacionamento de fatos com as declarações do entrevistado no seio da entrevista.
- 3) Quanto aos entrevistados
Entrevistas individuais – entrevista a um único entrevistado.
Entrevista de grupo – entrevista a vários entrevistados.
- 4) Quanto aos entrevistadores
Entrevista coletiva – entrevista de um ou vários entrevistados a um ou vários entrevistadores. As conferências de imprensa são entrevistas coletivas.
Entrevista pessoal ou exclusiva – entrevista de um ou vários entrevistado a um único entrevistador.
- 5) Quanto ao tipo
Entrevista de personalidade – entrevista em que se procura revelar o modo de ser, o pensamento e a vida de uma pessoa, geralmente de uma figura pública.
Entrevista de declarações – entrevista em que se procuram obter declarações de um entrevistado sobre um ou vários temas, é o tipo mais comum de entrevista. As entrevistas de atualidade são um sub-tipo das entrevistas de declarações que se caracteriza pela busca de informações junto de fontes autorizadas sobre temas de interesse público no momento.
Entrevista mista – entrevista que mistura aspectos da entrevista de personalidade e da entrevista de declarações.

Inquérito – entrevista em que uma mesma pergunta, ou um mesmo conjunto de perguntas é colocado a vários entrevistados.

Mesa-Redonda – entrevista que corresponde à transposição das declarações de vários participantes num debate moderado pelo jornalista.

6) Quanto ao tamanho

Entrevistas curtas – entrevista de pequena dimensão.

Grande entrevista – entrevista de grande dimensão, geralmente feita a uma figura pública.

Para esse estudo, coletei somente as entrevistas em estilo de discurso direto (pingue-pongue). Em relação aos entrevistados, não houve nenhuma ocorrência coletiva. Quanto aos entrevistadores, todas as ocorrências são relativas a um único repórter. Quanto ao tipo, estamos entendendo que no ZH ocorreram apenas entrevistas, nos termos de Souza (2005), de declaração e de personalidade (entendidas aqui como “noticiosa” e “de perfil”, conforme será detalhado mais adiante).

3 METODOLOGIAS DE ANÁLISE E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

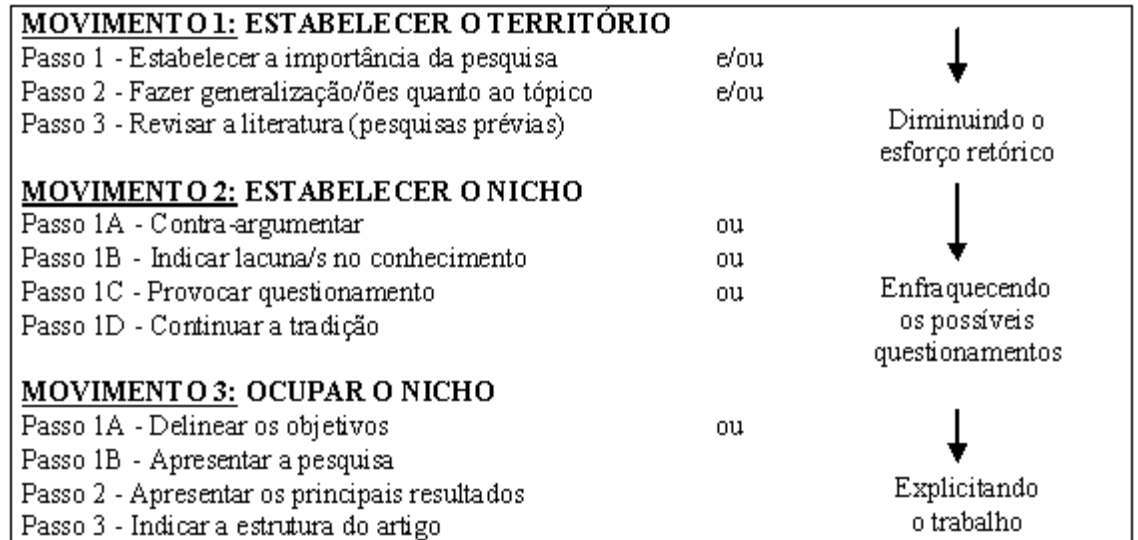
O presente capítulo divide-se em duas seções. Na primeira, é apresentada uma espécie de síntese da proposta metodológica sócio-retórica de análise de gêneros e a forma como os autores dessa área têm especificado essa metodologia. Na segunda seção, a proposta metodológica eleita para este estudo é apresentada.

3.1 METODOLOGIAS DE ANÁLISE DE GÊNEROS DE BASE SÓCIO-RETÓRICA

Swales (1990) desenvolve o modelo CARS – *Create a Research Space* (criar um espaço de pesquisa) (quadro 3) para a análise de introdução de artigos científicos. Esse modelo tem influenciado inúmeras análises de gêneros durante essa última década (de 90). Seus conceitos de gênero, comunidade discursiva e propósito comunicativo possibilitam o estudo do texto considerando o seu vínculo social.

O autor realiza, em seu estudo de 1990, um estudo dos textos de introduções de artigos de pesquisa, privilegiando a análise estrutural das informações no texto em sua relação com a tarefa social realizada pelo membro de uma comunidade. O autor, contudo, parte de um gênero já delimitado socialmente (*a introdução de Artigo de Pesquisa*). Desse modo, não discute os problemas relativos às fronteiras do gênero provavelmente por estar analisando gênero isoladamente de outros (cf: BONINI, 2004 b). Como afirma este último:

[...] A tentativa de construir uma alternativa à perspectiva classificatória levou-o [Swales] a trabalhar com um gênero individualizado, demonstrando como ele está imerso em uma realidade social e como sua caracterização depende mais das necessidades dos atores deste meio que de traços constituintes. [...] (BONINI, 2004)



Quadro 3 – Modelo de introdução de artigos científicos em inglês (SWALES, 1990, p. 141).

O método de Swales (1990) para analisar “introduções de artigos de pesquisa”, (quadro 3), leva em consideração duas noções-chave: o “movimento”, que pode ser definido como uma grande ação retórica realizada no texto, e o “passo”, uma sub-ação que concretiza o movimento. O movimento como unidade informativa do texto pode ser realizado por um ou mais passos, sendo que, por vezes, esses passos ocorrem alternativamente e em ordem mais ou menos canônica, dependendo do gênero que está sendo considerado (BONINI, 2004).

Bhatia (1993) propõe uma metodologia de análise similar à de Swales (1990). Talvez a mudança mais significativa esteja na etapa final, onde ele propõe que seja consultado um membro experiente da comunidade discursiva. Sua ênfase também está voltada para o propósito comunicativo. Isso leva Bhatia a crer que os membros mais experientes de uma comunidade são os mais indicados a fazer uma avaliação e validar a caracterização do gênero

realizada pelo pesquisador, devido ao fato de esses dominarem os recursos genéricos da comunidade (BONINI, 2004a). Bhatia (1993) postula, assim, uma série de procedimentos metodológicos, conforme consta no quadro 4.

FASES	PROCEDIMENTOS
1	<i>Localização de dado gênero textual em um contexto situacional.</i> Desenvolve-se a partir da intuição do pesquisador em relação à experiência prévia de observação de dado falante (escritor), das pistas internas do gênero e em função do que se pode inferir quanto ao conhecimento de mundo deste falante (escritor).
2	<i>Levantamento de literatura existente sobre o assunto.</i> Procede-se à busca em setores de interesse: 1) análise de gêneros; 2) manuais de prática profissional; e 3) estudos sociais e interacionais.
3	<i>Refinamento da análise contexto-situacional.</i> Procede-se à definição do âmbito sócio-cultural e de interação lingüística do gênero.
4	<i>Seleção do corpus.</i> Seleciona-se, mediante a definição clara dos propósitos comunicativos dos gêneros e em função de uma amostragem estatisticamente relevante.
5	<i>Estudo do contexto institucional.</i> Procede-se ao levantamento do sistema ou da metodologia que subjaz ao gênero (regras e convenções).
6	<i>Análise lingüística</i> em termos de: <ul style="list-style-type: none"> a) características léxico-gramaticais. Estudo da microestruturação do gênero; b) Padrões de textualização. Estudo das relações entre os valores da prática social e a linguagem empregada; c) Interpretação estrutural do gênero textual. Levantamento da forma particular que assume a comunicação de determinada intenção em dado texto.
7	<i>Informação de especialista da comunidade discursiva.</i> Averiguação dos resultados frente as reações de um informante especialista da comunidade discursiva em estudo.

Quadro 4 – Metodologia de Bathia (1993) para os estudos dos gêneros (cf: BONINI, 2004a).

Da mesma maneira que Swales (1990), Bathia (1993) não prevê os procedimentos necessários para o estudo dos gêneros em inter-relação (em conjunto). Conforme Bonini (2004a): “*Bhatia (1993) parte da noção de que os gêneros já estão delimitados pelo uso na comunidade discursiva e que basta ao analista identificar suas pistas*”. No sentido de ampliar o alcance do seu método, no ano de 1997 Bhatia propõe uma análise para os gêneros em conjunto, ou como denomina o autor “*constelação de gêneros*”. Essa análise tem por base também o propósito comunicativo, porém agora observado em vários níveis de especificação e generalização. Desse modo, como já foi exposto no capítulo da revisão de literatura, é possível visualizar cadeias de gêneros unidos pelo mesmo propósito. Embora Bhatia (1997)

tenha ido um pouco além dos estudos dos gêneros individualizados, Akehave e Swales (2001) não vêem esse método como o ideal, pois, segundo eles, ele cria mais problemas do que resolve.

Em 2001, Askehave e Swales reformulam a metodologia inicialmente proposta por esse último. Segundo Bonini (2004a), além de sugerir uma análise mais centrada no contexto, revisam suas concepções de propósito comunicativo, por conceberem, nesse momento, que o propósito também é dinâmico no meio social (nem sempre é claro) e pode sofrer alterações. Nesse sentido, eles propõem o conceito de “repropósito”. Os autores formulam, então, duas metodologias (ver quadro 5) que funcionam uma como alternativa da outra. A primeira está mais voltada para o texto e a segunda, para o contexto, porém ambas dispõem de mecanismos semelhantes, sendo que ambas prevêm o repropósito do gênero, mediante a alteração do seu propósito dentro de uma mesma comunidade. Vale lembrar que o artigo não é suficientemente claro quanto à explanação dessas metodologias.

Análise dirigida pelo texto		Análise dirigida pelo contexto
01	Estrutura + estilo + conteúdo + “propósito”	Identificação uma comunidade (discursiva) comunicativa
02	gênero	Valores, intenções, condições materiais da comunidade discursiva
03	contexto	Ritmos de trabalho, horizontes de expectativa
04	repropósito do gênero	Repertório de gêneros e etiqueta
05	revisão do <i>status</i> do gênero	Repropósito dos gêneros
06		Características do: Gênero A; Gênero B; Gênero C; Gênero D

Quadro 5 – Procedimentos de análise genérica (ASKEHAVE; SWALES, 2001).

3.2 PROPOSTA METODOLÓGICA DA PESQUISA

Não é prioridade nesse trabalho analisar o contínuo textual do jornal, uma vez que se busca aqui, centralmente, apenas realizar a análise da entrevista veiculada pelo jornal. To-

davia, não se deixa de observar a constituição desse hipergênero (o jornal), termo apontado por Bonini (2001), para em forma de contraste situar a entrevista de jornal dentro do sistema de gêneros que reflete as ações dessa comunidade específica, a de produção do jornal.⁴

Por estar ligada ao “PROJOR – Projeto Gênero do Jornal”, a pesquisa aqui apresentada se valeu da mesma metodologia⁵ de análise de gêneros para analisar a entrevista de jornal.

A proposta metodológica de Bonini (2004a) é influenciada: 1) por Biber (1988), quanto ao enquadramento da análise em dois níveis, frisando-se, contudo, que Bonini utiliza os termos *macro* e *microanálise* apenas em caráter metafórico, não conferindo a eles o mesmos significados que Biber lhes atribuiu; e 2) por Bhatia (1993), quanto a seus procedimentos de pesquisa (ver quadro 6). O enquadramento da análise, nesses termos, está baseado no primeiro autor e os procedimentos, no segundo. O enquadramento da análise dos gêneros do jornal, aqui considerado, diz respeito à necessidade de se estudar o fenômeno em questão em dois planos, pois, para Bonini (2004a), há a necessidade de se entender a relação de constituição mútua entre gêneros do jornal e o próprio jornal (a relação entre micro e macro fenômenos).

Para explicar o jornal como um processo de interação que parte de um meio específico (a comunidade jornalística), Bonini (2004a) opta pelos procedimentos analíticos de Bhatia (1993). De certo modo, a metodologia do PROJOR, formulada em 1999, antecipa a posição de Askehave e Swales (2001), no sentido de que, com base nesses procedimentos, torna-se possível realizar uma análise integrada do gênero em relação ao todo do jornal e em

⁴ O termo “hipergênero” é apresentado em Bonini (2001) e discutido em maior profundidade em (2003). “Entendo por hipergênero os suportes de gêneros que são, ao mesmo tempo, gêneros que se compõem a partir de outros gêneros, como é o caso dos jornais, das revistas, de vários tipos de home-pages”.

⁵ Essa metodologia foi publicada em um artigo intitulado “Metodologias para o estudo dos gêneros textuais: como estudar o encaixe dos gêneros no jornal” (BONINI, 2004).

relação ao contexto de circulação. Por levar em conta o todo, esse método proposto por Bonini anteriormente, e publicado em 2004, possibilita também o estudo do “repropósito do gênero” conforme sugerem Askehave e Swales (2001), pois na dinâmica do jornal, muitos gêneros são híbridos, provisórios, ou ainda respondem a diferentes exigências sociais.

MACROANÁLISE	MICROANÁLISE
<i>(1) Levantar a literatura a respeito do jornal.</i> Nesta etapa, procede-se à leitura, com vias a determinar a tradição relativa ao jornal e fazer um inventário dos gêneros: i) dos principais manuais de jornalismo; ii) dos textos acadêmicos sobre o jornal; e iii) de possíveis estudos que o analisem do ponto de vista genérico.	<i>(1) Levantar a literatura a respeito do gênero.</i> Nesta etapa, com vias a determinar a tradição relativa do gênero em estudo, procede-se à leitura: i) dos principais manuais de jornalismo; ii) dos textos acadêmicos sobre gêneros; e iii) de possíveis estudos que o analisem do ponto de vista genérico.
<i>(2) estabelecer uma interpretação estrutural para o jornal.</i> Nesta etapa, procede-se: i) ao levantamento dos padrões textuais (partes e mecanismos característicos) e lingüísticos (léxico, emprego verbal, padrão oracional, etc.) de estruturação do jornal; ii) ao levantamento dos gêneros ocorrentes no jornal; e iii) ao levantamento das relações com outros gêneros amplos.	<i>(2) estabelecer uma interpretação estrutural para o gênero.</i> Nesta etapa, procede-se: i) ao levantamento dos mecanismos textuais (movimentos, passos e seqüências) e lingüísticos (léxico, emprego verbal, padrão oracional, etc.) de estruturação do gênero; ii) ao levantamento das relações com outros gêneros e com o jornal.
<i>(3) estabelecer uma interpretação pragmática para o jornal.</i> Nesta etapa, procede-se: i) à análise da comunidade discursiva em que o jornal se insere; ii) ao estabelecimento dos papéis interacionais (incluindo-se aí, também a análise dos propósitos, objetivos e interesses compartilhados e intervenientes; e iii) à consulta a informante da comunidade discursiva.	<i>(3) estabelecer uma interpretação pragmática para o gênero.</i> Nesta etapa, procede-se: i) à análise da comunidade discursiva em que o gênero se insere; ii) ao estabelecimento dos papéis interacionais (incluindo-se aí também a análise dos propósitos, objetivos e interesses compartilhados e intervenientes; e iii) à consulta a informante da comunidade discursiva.

Quadro 5 – Proposta metodológica para o estudo inter-relacionado dos gêneros do jornal (BONINI, 2004a)

O presente estudo sobre a entrevista de jornal procura contribuir com o trabalho no nível macroestrutural dentro do PROJOR. Entretanto, centra-se no nível microestrutural, mais especificamente, nos itens (1) e (2), tecendo apenas considerações mais gerais sobre o item (3).

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

No início desse estudo, a intenção era trabalhar com exemplares do Jornal do Brasil. Avaliei, no banco de dados do PROJOR, dois meses de exemplares do Jornal do Brasil já mapeados e divididos por gêneros. Porém, nesses dois meses não foi possível levantar material suficiente. A ocorrência do gênero entrevista era muito pequena. Havia apenas sete ocorrências de publicação nesse jornal. Havia, nesse caso, a necessidade de se mapear muito material para formar o corpus ou, então, a opção de buscar as entrevistas em outro jornal. Optou-se pela segunda.

Depois de uma varredura em outros jornais (considerando apenas os de grande circulação) encontrei um número satisfatório de ocorrências de entrevistas no Zero Hora (RS). Em novembro de 2005, do dia 15 ao dia 30, foram adquiridos 16 exemplares do jornal, sendo este número suficiente em virtude do número de ocorrências da entrevista. A partir desse momento, realizei um mapeamento dos cadernos do jornal e em quais deles as entrevistas apareciam. Em 10 exemplares, foram coletadas 32 entrevistas (anexos A e B).

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa procurou se centrar no componente 2 e no nível microestrutural da metodologia sugerida por Bonini (2004a), conforme exposto acima. Os procedimentos foram, basicamente, os de: 1) comparar exemplares do gênero entrevista como foram publicados no jornal Zero Hora, no sentido de se determinar aspectos de sua regularidade estrutural; 2) observar os propósitos possivelmente presentes no todo do texto e nas partes; e) observar aspec-

tos da relação da entrevista com outros gêneros, seja em termos da interdeterminações estruturais seja em termos das relações de conteúdo.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo foi escrito e dividido no sentido de apresentar os resultados de análise obtidos. Desse modo, as seções que se seguem perfazem a seguinte ordem: a) estrutura do jornal ZH em cadernos e seções; b) quantidade de entrevistas encontradas e em quais seções; c) distinção das entrevistas encontradas em termos de propósito comunicativo (de perfil e noticiosa); d) organização retórica das entrevistas de perfil e noticiosa nos padrões CARS (SWALES, 1990) e; e) detalhamento das categorias internas e princípios retóricos identificados em cada tipo de entrevista.

4.1 A ENTREVISTA NO JORNAL

Nesta seção, apresento, de maneira ilustrativa, a estrutura do jornal Zero Hora, com seus cadernos e seções, conforme fora publicado no período de 16 a 25 de novembro de 2005 (quadro 7).

A amostragem (quadro 7) resultou de uma análise diária e detalhada do periódico. Sua organização, conforme se constatou, contempla: cadernos diários, aqueles que ocorreram todos os dias da semana, e cadernos semanais, aqueles que ocorrem em dia específico da semana. Os cadernos semanais, talvez por haver um período maior de preparação, trazem matérias mais elaboradas e que, em termos de conteúdo, são mais direcionadas a uma comunidade específica como: jovem/adolescente (Caderno Patrola); admiradores de carros (Sobre

Rodas); estudantes (Vestibular), e assim por diante. Os cadernos e seções diários abordam assuntos mais rotineiros, mas também de alcance mais amplo quanto ao público leitor, tais como: crime, campeonato de futebol, atividade parlamentar, fatos internacionais, economia.

Cadernos			
Diários		Semanais	
1º Caderno	2º Caderno	Dias Semana	Cadernos
Seções	Seções		Revista Donna
Capa	Capa	domingo	TV +Show
Palavra do leitor	RS Vip - Fernanda Zaffari		Empregos
Informe Especial	Roteiro		Meu Filho
Reportagem Especial	Novelas		Globaltech
Política	Horóscopo - Amanda Costa	segunda-feira	Esportes
Economia	Palavras cruzadas diretas		Viagem
Indicadores	Quadrinhos	terça-feira	Casa & Cia
Mundo	Televisão		ZH Digital
Geral	Filmes	quarta-feira	ZH Vestibular
Polícia	Musica		Ambiente
Tempo	Bienal	quinta-feira	Sobre Rodas
Esportes	Teatro e Dança		Campo & Lavoura
Almanaque Gaúcho	Contracapa - Roger Lerina	sexta-feira	Patrola
Memória			Cultura
Paulo Sant'ana		sábado	Vida
Contra-capas			

Quadro 6 – Mapeamento do jornal Zero Hora no período de 16 a 25 de novembro de 2005.

O gênero entrevista foi focado neste estudo de acordo com os temas que os exemplares analisados apresentavam, havendo um ponto de partida para o reconhecimento desses temas em Souza (2005), quanto ao que ele aponta como tipos da entrevista: de personalidade ou de declaração. É de valia ressaltar que o termo “tema” foi entendido aqui de uma maneira ampla, como sendo os aspectos relacionados a subgêneros da entrevista: “declaração relativa a fato” como aspecto da “entrevista noticiosa” e “fala de personalidade” como aspecto da “entrevista de perfil”. Acredito que essa distinção de temas nos exemplares do gênero cor-

responde a uma especificação de propósitos (expor as idéias de uma personalidade ou complementar uma reportagem) dentro do propósito comunicativo mais abrangente do gênero (dar voz a um personagem entendido como relevante social ou factualmente). Em oposição a “tema”, os conteúdos mais específicos de cada exemplar (como a vinda de personalidade ao país, problemas de saúde, crimes, etc.) são aqui denominados “assunto”.

A relação da entrevista com o caderno e frequência em que ocorre nesses cadernos nos mostra, de maneira mais clara, o motivo por optar pela distinção entre “noticiosa / de perfil”. Embora as ocorrências das duas temáticas seja equilibrada no ZH, o gênero normalmente está vinculado a outros gêneros complementando-os, quando ele ocorre nos cadernos Policia, Economia, Política e Reportagem Especial. De fato, parece natural que, assim como ocorre com outros gêneros no jornal, a entrevista tenha como um de seus propósitos “complementar outros textos”, principalmente aqueles investidos dos gêneros “reportagem” e “notícia”. Por outro lado, a relação evidente da entrevista com a figura do entrevistado possibilita que exista um propósito relacionado a esse participante, com uma utilização não factual do gênero. Não se está afirmando aqui que os propósitos de uma entrevista de jornal se resumam a esses dois, mas que eles se mostram bastante visíveis no período de coleta.

O quadro 8 nos mostra a relação do gênero com o jornal (com seus cadernos) e quais propósitos se evidenciam nessa relação. É interessante notar nesse levantamento que cadernos de natureza mais temática (como Donna, entretenimento; Bienal, de arte e cultura) parecem apresentar tendência às entrevistas de perfil, enquanto cadernos que tradicionalmente estão mais relacionados à cobertura de fatos (política, geral, polícia, etc.) trazem a entrevista noticiosa.

Caderno / Seção		Quantidade de entrevistas em 10 dias	De Perfil	Noticiosa
1º Caderno	Informe Especial	10	10	
	Reportagem Especial	4		4
	Política	1		1
	Economia	1		1
	Mundo	1	1	
	Geral	2		2
	Polícia	5		5
	Esportes	2		2
2º Caderno	RSvip	1	1	
	Bienal	1	1	
	Novela	1		1
Semanais	Revista Donna	1	1	
	Meu Filho	1		1
	Campo & Lavoura	1		1
TOTAL		32	14	18

Quadro 7 – Estatística de ocorrência de entrevistas nos cadernos do ZH do dia 16 a 25 de novembro de 2005.

O interesse dos estudos sócio-retóricos, segundo Bunzen (2004) não é o de descrever elementos textuais, mas explicar como os gêneros respondem a diferentes exigências retóricas. Nessa pesquisa, entendo que a entrevista de jornal responde a esses dois propósitos, sem que isso implique no abandono do gênero. Um critério que considerei determinante na distinção entre “de perfil” e “noticiosa” foi a vinculação da entrevista a outro gênero. O corpus da pesquisa mostra que as entrevistas vinculadas a outro gênero fazem remissão aos assuntos dos gêneros de texto dos quais são complementos. A natureza da entrevista noticiosa e sua relação com um outro texto ao qual serve de completo podem ser visualizados no exemplo 1, a seguir.

(1)

[FOTO]

Ao investigar um caso de violência sexual contra uma mulher e três crianças, a polícia chegou à Edson Figueiredo que confessou ter matado o menino Bruno

Violência contra crianças em Gravataí

Bruno foi morto e depois abusado

LUCIANE BEMFICA

A história da morte do menino Bruno Lopes Lencina, 8 anos, cujo corpo foi encontrado em 20 de outubro, em Gravataí, é mais cruel do que a própria polícia imaginava. O menino foi abusado depois de morto.

A solução do caso levou a polícia a outro crime bárbaro. Os matadores são suspeitos do estupro de uma mulher de 24 anos e do abuso contra outras três crianças.

Em uma cela da 2ª Delegacia da Polícia Civil de Gravataí, o biscateiro Edson Martins Figueiredo, 20 anos e um adolescente de 14 anos confessaram ter abusado sexualmente de Bruno depois de tê-lo matado.

Outro adolescente, também de 14 anos é suspeito de participar da barbárie e está foragido. Os três estão com prisão decretada por cinco dias por outro crime, ocorrido no último dia 15, que nada perde em crueldade para a morte do menino: o estupro de uma mulher e o abuso do filho dela de quatro anos, e de dois sobrinhos de cinco e de dois anos, na vila Tom Jobim, em Gravataí (*leia texto ao lado*).

Conforme narraram a polícia, na tarde de 13 de outubro, os três criminosos abordaram Bruno às 15h em uma rua perto da casa onde morava, no bairro Morada do Vale II. Bruno e o adolescente foragido se conheciam de vista.

Os três, armados com uma faca de açougueiro, levaram o menino para uma casa vazia na Vila Tom Jobim, distante dois quilômetros do Morada do Vale II.

O primeiro a abusar de Bruno teria sido o adolescente foragido, que também teria deferido uma facada na barriga do menino ao ver que ele resistia às agressões. Os três, um de cada vez, continuaram abusando por cerca de três horas.

- No final cada um esfaqueou um pouco – afirma o menor.

O corpo de Bruno, com 13 facadas e degolado, foi enrolado em um cobertor. Os três o levaram até o matagal, onde ele foi encontrado dia 20, uma semana depois de morto.

Os dois foram presos ontem, às 17h, por cinco agentes da 2ª DP em uma área invadida na RS-118.

A dupla segundo o chefe de investigação, Adilson Silva, foi presa por suspeita de estuprar uma mulher de 24 anos e abusar de três crianças na Vila Tom Jobim, no dia 15 de novembro. Na delegacia, acabaram confessando a morte de Bruno com a participação do adolescente foragido.

- Com essas prisões nós esclarecemos dois crimes que repercutiam na cidade, principalmente porque eles confessaram – diz Silva.

Figueiredo foi encaminhado ao Presídio Central de Porto Alegre, e o adolescente ao Ministério Público.

| **Entrevista** | **Edson Martins Figueiredo**
BISCATEIRO QUE MATOU MENINO

“Vou pagar por isso”

Pai de uma menina de dois anos e meio, separado, sem antecedentes, o biscateiro Edson Martins Figueiredo, 20 anos, foi levado ao Presídio Central após confessar a morte do menino Bruno., o estupro de uma mulher e o abuso sexual de três crianças.

Na 2ª DP, ele conversou com a Agência RBS.

Agência RBS – Por que você e os dois adolescentes resolveram pegar o menino?

Edson Martins Figueiredo – Não sei, acho que ninguém sabe. O guri que participou (o que está foragido) disse que conhecia o Bruno, viu ele na

(Anexo B - Texto 28 – Reportagem e entrevista publicadas no dia 23/11/05 - |p. 43 | Caderno: Polícia)

Edson Martins Figueiredo – Não sei, acho que ninguém sabe. O guri que participou (o que está foragido) disse que conhecia o Bruno, viu ele na rua e resolveu pegar. Eu e o outro estávamos juntos. Levamos o Bruno para uma casa.

Agência RBS – O Bruno não resistiu?

Figueiredo – Ele não queria, chorou. Mas estávamos com uma faca. O menino ficou com medo e acabou indo.

Agência RBS – Você se arrepende do que fez?

Figueiredo – Foi um erro. Fiz o que não devia.

Agência RBS – O que você diria aos pais de Bruno?

Figueiredo – Não tenho nada a dizer, vou pagar por isso.

Já as entrevistas de perfil, normalmente, não estarão vinculadas a outro gênero.

Elas são, em geral, pelo menos relativamente autônomas e auto-suficientes em estrutura e conteúdo. Em contrapartida, a autonomia em relação aos outros gêneros do jornal não garante

que a entrevista seja “de perfil”. A distinção entre “perfil” e “noticiosa”, em alguns casos, não é tão simples, sendo preciso recorrer a recursos pragmáticos e textuais, em que uma análise do conteúdo e dos elementos lexicais que fazem referência ao entrevistado, bem como o entendimento do objetivo da própria seção ou caderno do jornal, podem fornecer os dados para entender o propósito do gênero. O exemplo 2, a seguir, permite uma visualização da entrevista de perfil.

(2)

Figuração

Fernanda Zafari - rsvip

[FOTO]

Maquete da obra do artista chileno Patricio Farias (no final da entrevista)

Telmo Rodriguez Freire é um especialista. Em recepções de arte, coquetéis e vernissages. Há três décadas, mesmo sem convite, ele não perde uma exposição em Porto Alegre. Sobretudo, os canapés e o champanha. Houve tempo em que era indesejado, mas hoje merece passe livre – é Cult ter a presença de Telmo em uma noite de abertura.

Ele já virou até obra de arte. Nas mais recente exposição do chileno Patricio Farias, na galeria Gestual, uma instalação homenageia o famoso rato de coquetel. RSVIP conversou com Telmo na semana passada. Em um vernissage, é claro.

RSVIP – Quantos coquetéis você frequenta por semana?

Telmo Rodriguez Freire – Pelo menos uns três ou quatro. Fico sabendo pelo jornal, acompanho tudo.

RSVIP – Há quantos anos?

Telmo – Ah, uns 30 anos. Vi de tudo. O auge das galerias. Conheci muitos pintores. O Iberê era meu amigo.

RSVIP – Você já foi barrado?

Telmo – Fui barrado sim. Mas isso é falta de informação, gente que não simpatiza comigo. Mas têm outros que me recebem muito bem. Também recebo alguns convites.

RSVIP – Você se ofende em ser chamado de rato de coquetel?

Telmo – Não. É uma brincadeira, sou muito conhecido.

RSVIP – Os vernissages estão melhores hoje ou quando você começou a frequentá-los?

Telmo – Antes. Naquela época, tinha mais entrosamento, os grandes pintores sempre estavam. Tinha mais conhecimento. Hoje, acho tudo muito comercial.

RSVIP – Os garçons, imagino, são seus amigos?

Telmo – Muitos me conhecem e já sabem do que gosto.

(Anexo A - Texto 8 – Entrevista publicada no dia 21/11/05 - |p. 2 | Segundo Caderno- Seção Rsvip)

De um modo amplo, os dois propósitos comunicativos que a entrevista assumiu nesses dez dias no ZH foram: complementar um fato jornalístico e; expor o perfil de uma personalidade (relacionando-a ou não a um fato que justifique conhecê-la).

4.2 A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DA ENTREVISTA

Em termos da organização das informações na entrevista de jornal, embora haja duas manifestações do gênero, foi possível construir uma explicação única (um único esquema de elementos organizadores). A análise do corpus evidenciou uma organização em três movimentos (quadro 8), sendo eles: a) situar o leitor; b) estabelecer o tema e; c) expor trecho relevante da interação realizada anteriormente. Esses movimentos são compostos, no todo, por 17 passos que, por sua vez, formam nove componentes textuais.

Movimentos (Ação retórica)	Passos (Sub-ação retórica)	Componentes textuais	
I: Situar o leitor	1 – Apontar o gênero do texto 2 - Expor nome do entrevistado 3 - Apontar credenciais do entrevistado	CABEÇALHO	
	4 A - Apresentar recorte de declaração textual do entrevistado 4 B - Apresentar reformulação de declaração textual 4 C - Apresentar idéia síntese do texto 4 D - Apresentar o nome do entrevistado	TÍTULO	
	5 – Atribuir autoria	CRÉDITO	
	6 - Complementar o texto com recurso gráfico	FOTO-LEGENDA	
	II: Estabelecer o tema	1A - Apresentar a relação do entrevistado com o fato reportado 1B – Apresentar dados biográficos do entrevistado	LIDE
		III: Expor trecho relevante da interação realizada anteriormente	1 – Introduzir o diálogo, escolhendo um bloco de pergunta e resposta 2 - Expor o diálogo, alocando blocos intermediários de perguntas e respostas 3 – Finalizar o diálogo, escolhendo um bloco de pergunta e resposta
4 – Apresentar recorte ou reformulação de declaração textual	INTER-TÍTULO		
5 – Destacar declaração(ões) do entrevistado	JANELA		
6– Apresentar informação(ões) complementar(es)	BOX		

Quadro 8 – Organização retórica da entrevista de jornal.

Os pormenores dessa organização (com definições e exemplos) são explicitados nas duas seções seguintes deste capítulo. Vejamos agora dois exemplos de entrevistas enquadradas na organização explicitada acima, sendo o primeiro deles a entrevista noticiosa.

Movimentos	Passos	Texto da entrevista de jornal	Componentes textuais
Movimento 1: Situar o leitor	Passo 1 - Apontar o gênero do texto	Entrevista	Cabeçalho
	Passo 2 - Expor nome do entrevistado	Ben-Hur Marchiori	
	Passo 3 - Apontar credenciais do entrevistado	SECRETÁRIO MUNICIPAL DE SEGURANÇA DE CANOAS E DELEGADO DE POLÍCIA APOSENTADO	
	Passo 4A - Apresentar recorte de declaração textual do entrevistado	“Guarda desarmado é alvo fácil”	Título
	Passo 5 – Atribuir autoria	Caroline Torma	Crédito
	Passo 6 - Complementar o texto com recurso gráfico	[FOTO] Policimento comunitário de Rio Grande, criado por parceria entre prefeitura e Brigada Militar, conseguiu reduzir ataques a ônibus nos bairros em que atua.	Foto-legenda
Movimento 2: Estabelecer o tema	Passo 1A - Apresentar a relação do entrevistado com o fato reportado	<i>Aposentado da Polícia Civil, o delegado Ben-Hur Marchiori é, desde 2002, o comandante da Secretaria Municipal para Assuntos de Segurança Pública de Canoas, na região metropolitana. Sob sua coordenação estão 140 guardas municipais e 35 estagiários que atuam na delegacia da cidade.</i>	Lide
Movimento 3: expor trecho relevante da interação realizada anteriormente	Passo 1 – Introduzir o diálogo	Zero Hora – A segurança não é obrigação do Estado? Ben-Hur Marchiori – Os Prefeitos que têm essa consciência, e podem, devem trabalhar com a segurança.	Pingue-pongue
	Passo 2 - Expor o diálogo	ZH – Como funciona o trabalho da guarda em Canoas? Marchiori – Não interferimos na segurança do Estado. Participamos de blitze com as polícias. Os guardas fizeram treinamento na BM, de defesa pessoal, armamento e prevenção de incêndios. ZH – Eles atuam armados? Marchiori – Estamos em processo para armá-los. Guarda fardado e sem arma é alvo fácil.	
	Passo 3 – Finalizar o diálogo	ZH – E os resultados? Marchiori – Segundo a SJS, em 2002, Canoas estava entre as cinco cidades mais violentas do estado. Hoje, na maioria dos delitos não aparece nem entre as 20.	
	Passo 6 – Apresentar informação(ões) complementar(es)	A posição da SJS O que diz a Secretaria da Justiça e da Segurança, por meio da Assessoria de Imprensa. A Secretaria da Justiça e da Segurança acha oportuna toda e qualquer iniciativa que colabore com a segurança pública. A SJS tem incentivado a participação das comunidades com criação e ampliação das atividades dos Consepros. As atividades da Brigada Militar e da Polícia Civil são definidas pela Constituição Federal e não podem ser alteradas. O que não impede ações que contribuam com os órgãos policiais.	Box

Quadro 9 – Composição retórica das entrevistas noticiosas publicadas no ZH em novembro de 2005.

A entrevista noticiosa centra-se no assunto e não no entrevistado. Este torna-se parte do fato reportado, sendo ele ou um especialista nesse assunto (que contribui para a interpretação do fato) ou um envolvido de alguma forma no fato (que venha a contribuir para somar informações à cobertura). Embora essa ocorrência da entrevista apresente um conteúdo peculiar, em termos da organização o que se faz mais visível é o lide de caráter noticioso, que relacionada o entrevistado ao fato reportado anteriormente.

Movimentos	Passos	Texto da entrevista de jornal	Componentes textuais
Movimento 1: Situar o leitor	Passo 1 - Rotular o texto	Entrevista	Cabeçalho
	Passo 2 - Expor nome do entrevistado	Anatoly Bebrezevoy	
	Passo 3 - Apontar credenciais do entrevistado	COSMONAUTA RUSSO QUE FEZ PALESTRA ONTEM NA CAPITAL	
	Passo 4 C - Apresentar idéia síntese do texto	Memórias do Espaço	Título
	Passo 5 – Atribuir autoria	DANIEL ROSA LOPES	Crédito
	Passo 6 - Complementar o texto	(Foto central) Anatoly falou Ontem na capital sobre ficção científica e vôos espaciais	Foto-legenda
Movimento 2: Estabelecer o tema	Passo 1B – Apresentar dados biográficos do entrevistado	<p><i>Anatoly Bebrezevoy é um homem de baixa estatura, cabelos e bigodes grisalhos, discreto. A única pista de que se está diante de um astronauta russo – ou cosmonauta, como ele faz questão de corrigir – são as pequenas condecorações presas no paletó. E o idioma, motivo para o comparecimento de um pequeno público na palestra proferida ontem em Porto Alegre. O grupo reunido ontem à tarde na Livraria Cultura no Bourbon Country, estava interessado em treinar russo.</i></p> <p><i>Aos 63 anos, Anatoly partiu em maio de 1982 para uma temporada de 211 dias na estação espacial Salyut-7, percursora da Mir e da Estação Espacial internacional (ISS, na sigla em inglês). Por sua experiência foi trazido pela Editora nova Realidade para uma série de palestras no Brasil. para a divulgação do livro de ficção científica Rumo às Estrelas (R\$ 29,90), do americano L. Ron Rubbard. A obra toca em um ponto que Anatoly conhece bem: a vida no espaço. Antes da palestra o astronauta conversou com ZH:</i></p>	Lide

<p>Movimento 3: Expor trecho relevante da interação realizada anteriormente</p>	<p>Passo 1 – Introduzir o diálogo</p>	<p>Zero Hora – O senhor ficou 211 dias no espaço à bordo da Salyut-7 qual é a sensação no retorno à terra, como o organismo reage? Anatoly Bebrezevoy – Sentia-me de duas maneiras, estava feliz por ter voltado, mas, fisicamente, foi muito difícil a readaptação. Algumas horas depois do retorno, não conseguia nem ficar de pé. Muito menos andar. Para a pessoa se acostumar à gravidade, há uma primeira etapa de três semanas de readaptação. Depois, aguardava-se mais 10 dias, e tinha início um programa de readaptação total. Ocorrem problemas de pressão sanguínea, musculares e nas juntas dos ossos. As articulações emperram, parecem um motor de um carro sem óleo.</p>	<p>Pingue-pongue</p>
	<p>Passo 2 - Expor o diálogo</p>	<p>ZH – Tanto tempo na estação não acabou sendo tedioso? Existe algum momento de lazer? Anatoly – O melhor de tudo era olhar para a terra lá de cima. A estação tinha 20 janelas do tamanho de um prato. Dava para observar a terra, o horizonte, as estrelas. Nos sete meses da missão tínhamos mais de 20 mil fotografias do planeta. A olho nu vê-se muita coisa interessante. Via inclusive cidades brasileiras.</p> <p>ZH – Quais as principais diferenças entre a Salyut e a ISS? Anatoly – É como comparar o primeiro automóvel inventado pelo homem e um Fórmula 1. A ISS tem uma tecnologia avançada, atual, tudo é feito por processos eletrônicos. Ela tem, por exemplo, braços robóticos, que a Salyut não tinha.</p> <p>ZH – Qual a experiência mais marcante nas viagens que fez? Anatoly – Muita coisa foi emocionante. Quando se olha para a terra, pela primeira vez, a 400 quilômetros de distância. Isso muda a forma como a gente vê o planeta. É muito mais bonita do que eu imaginava. E viver na gravidade zero é inesquecível.</p> <p>ZH – Como se sentiu ao ver as imagens da explosão dos ônibus espaciais Challenger e Columbia? Anatoly – Eram os nossos amigos. Fiquei muito impressionado com a morte deles. Há um congresso anual de cosmonautas e astronautas. Nos dois últimos congressos. Discutimos o que aconteceu para identificarmos os problemas e evitar que isso “não” aconteça. Mas os ônibus espaciais nunca serão 100% seguros para seus tripulantes.</p> <p>ZH – O que o senhor pensa do projeto americano de voltar à Lua e ir à Marte? Anatoly – Não concordo com o abandono da ISS pelos americanos. Ainda faltam módulos que estão prontos, e dependem das viagens dos ônibus espaciais americanos para serem levados até a estação. Como está hoje, a estação abrigando apenas duas pessoas, esses dois acabam mais preocupados com a manutenção e outros afazeres do que com as pesquisas científicas. Vários países gastaram bilhões com a estação, mas ela opera apenas com 10% de sua capacidade de pesquisa.</p> <p>ZH – A literatura de ficção científica é importante para a conquista espacial? Anatoly – Acho que sim, incentivou-me a ser cosmonauta. Não só despertam o interesse para o cosmos, como as idéias lançadas nos livros acabam se transformando em realidade. Julio Verne, por exemplo, é lido ainda hoje por suas idéias, fantásticas para a época, são realidade hoje.</p>	
	<p>Passo 3 – Finalizar o diálogo</p>	<p>ZH – O senhor ainda lê livros de ficção científica? Qual o seu preferido? Anatoly – Ainda leio, filmes não assisto. Filmes geralmente são baseados em livros, prefiro ler os livros. Gosto muito de <i>Salaris</i>, do <i>Stanislaw Lems</i>, e até tem um filme que fizeram na União Soviética sobre ele que é muito bom, tem uma abordagem psicológica.</p>	

	Passo 5 – Destacar declaração(ões) do entrevistado	“O melhor de tudo era olhar a Terra lá de cima. Via inclusive, cidades brasileiras.”	Janela
--	---	--	---------------

Quadro 10 – Composição retórica de uma entrevista de perfil publicada no ZH em novembro de 2005.

A entrevista de perfil centra-se no entrevistado como personalidade conhecida seja por sua notoriedade e reconhecimento social seja por sua fama. Do mesmo modo que na ocorrência anterior, o que caracteriza mais prontamente esse subgênero de entrevista do ponto de vista de sua organização é o tipo de lide que ele traz, baseado essencialmente na vida do entrevistado.

A presente pesquisa centra-se na organização do gênero, mas é preciso reconhecer que dentro desse enfoque alguns elementos de distinção entre os subgêneros ficam de fora. Em termos de uma comparação desses dois subgêneros seria relevante também verificar, entre outros aspectos: a) qual é o teor das perguntas em uma e outra; b) que tipo de informação é posta em destaque, seja no título seja na janela; e c) os tipos de personagens que aparecem em cada uma.

4.3 OS MOVIMENTOS E PASSOS DA ENTREVISTA

Como já dito acima, a análise do corpus possibilitou evidenciar três movimentos retóricos, os quais podem ser definidos da seguinte forma:

Movimento 1: situar o leitor. Nesse trecho do texto da entrevista são alocados recursos e informações que possibilitam o reconhecimento do texto, tais como título, nome do autor, fotografia.

Movimento 2: estabelecer relação com o tema. Trata-se de uma parte do texto em que se procura especificar a natureza da entrevista, provendo ao leitor, assim, uma noção do que trata o texto e justificando a relevância do entrevistado, seja por relação a fato em cobertura seja pela sua notoriedade ou fama.

Movimento 3: expor trecho relevante da interação realizada anteriormente.

Esse trecho corresponde ao elemento central da entrevista, onde se aloca a informação que o jornal/ista pretende veicular. Trata-se tanto da re-textualização de uma interação oral que se realizou previamente quando do encaixe de um gênero dentro de outro. Por ser a citação do texto de um outro gênero, oferece possibilidades de edição principalmente quanto a quais seqüências pergunta-resposta alo-car no início e no fim.

Os movimentos detectados no corpus podem ser visualizados no exemplo do quadro 11 (extraído do Anexo B, texto 19).

<p>Movimento 1: situar o leitor</p> <p> Entrevista Alex Soares Santos CAMINHONEIRO RESGATADO PELO BOMBEIRO</p> <p>“Foi uma situação horrível” Tais Grün</p>
<p>Movimento 2: estabelecer relação com o tema</p> <p><i>Alex Soares Santos é Morador de Canoas e passava o feriadão na casa de parentes em estrela. Ontem ele falou ao ZH por telefone.</i></p>
<p>Movimento 3: expor trecho relevante da interação realizada anteriormente</p> <p>Zero Hora – Em que momento vocês começaram a se afogar? Alex Soares Santos – O Éder nadou até uma pedra no meio do poço. O meu guri (<i>Felipe</i>), que não sabe nadar ficou brincando próximo a margem, a um metro e meio de onde eu estava. Eu não sabia que era tão fundo. Ele (<i>Felipe</i>), caiu na água. O Éder nadou de volta, só que os dois começaram a se afogar.</p> <p>Zero Hora – Foi quando o senhor entrou na água? Santos – Mesmo não sabendo nadar, não hesitei em entrar, tinha de salvar meu filho e meu primo. Cheguei a ficar mais de 2 minutos debaixo da água. Foi uma situação horrível.</p> <p>Zero Hora – Qual o sentimento agora? Santos – Estamos aliviados e agradecidos. Se não fosse pelo bombeiro, talvez não estivéssemos mais vivos.</p>

Quadro 11 – Movimentos de uma entrevista publicada no caderno Geral ZH em 17/11/05.

Com relação aos passos, estes podem ser vistos como produzidos em função de cada movimento. Embora seja se revelem regulares no corpus de modo geral, nem todas as entrevistas de jornal coletadas contêm todas as categorias e passos apresentados nos quadros 8. A seção atual centra-se na explicação dos passos identificados, de modo que estejam visíveis, as estratégias textuais e discursivas utilizadas pelo jornalista-entrevistador.

No primeiro movimento, as entrevistas (noticiosa / de perfil) apresentam os passos I-P1 (rotular o texto), I-P2 (expor nome do entrevistado) e I-P3 (apontar credenciais do entrevistado) como responsáveis pela realização do **cabeçalho** da entrevista (3). Alguns autores preferem o termo ante-título, mas ao que parece trata-se, em verdade, de um termo vago ou de um componente textual pouco convencionalizado na comunidade.

(3) | **Entrevista** | **Anatoly Bebrezevoy** |

COSMONAUTA RUSSO QUE FEZ PALESTRA ONTEM NA CAPITAL

(texto 10: 22/11/05 - pág. | 30 | Primeiro Caderno – Seção: Mundo)

No primeiro passo do cabeçalho, o termo **|Entrevista|** funciona no sentido de indicar o gênero de leitura. No segundo passo, o nome do entrevistado é revelado e, no terceiro passo, há a exposição das “credenciais” do entrevistado.

Nas entrevistas noticiosas, a credencial do entrevistado é um passo importante e funciona como uma espécie de pré-lide, ou seja, é nesse campo que ocorre o primeiro indício de justificativa por ouvir o entrevistado. Ele é o elemento que autoriza, dá permissão e crédito às manifestações do entrevistado. Nas entrevistas de perfil, em caso de se estar entrevistando uma personalidade, esse é um passo dispensável. Assim, no texto da entrevista de uma perso-

nalidade, geralmente há o abandono desse passo em particular. Por exemplo, isso acontece em uma das entrevistas de perfil analisadas, com Serginho Groisman (anexo A, texto 6), em que o editor opta por uma formatação mais irreverente e fora dos padrões, talvez por estar publicada num caderno direcionado a um público jovem (Revista Donna).

Outra variação acontece nas entrevistas curtas de perfil do caderno inicial *Informe Especial*, em que o entrevistado, na maioria dos casos, não é uma pessoa conhecida publicamente, em contrapartida trata-se de uma seção de entrevistas diárias e portanto um gênero fixo do jornal. Assim o editor parece ter preferido atribuir um título fixo que funcione também como apresentação do entrevistado. Há uma espécie de fusão entre cabeçalho e título, como se pode observar no exemplo 4.

(4) **Bom dia, Édina Farias**

(anexo A, texto 1, Caderno Informe Especial, 16/11/05)

Os próximos passos do movimento I são responsáveis pela realização do **título da entrevista**, sendo eles: I-4A (apresentar recorte de declaração textual do entrevistado), I-4B (apresentar reformulação de declaração textual), I-4C (apresentar idéia síntese do texto) e I-4D (apresentar o nome do entrevistado). De acordo com esses passos, portanto, o título das entrevistas no ZH pode sofrer variações em termos de conteúdo, em função do seu propósito comunicativo. O fator que mais parece influenciar na eleição ou criação de um título é a vinculação ou não a outro texto (*side*) que confere à entrevista um caráter de complemento. Encontramos quatro modos de titulação em todo material analisado, conforme quadro 10, sendo eles: *recorte de declarações*, *reformulação de recortes*, *idéia síntese*, e *título fixo com nome do entrevistado* (no caso do Informe Especial, por se tratar de uma seção fixa de entrevista).

Título	Recorte de declaração	Reformulação de declaração	Idéia Síntese	Título fixo
Entrevista <i>Side</i>	13	1		
Entrevista Autônoma	2		6	10

Quadro 12 – Títulos em entrevistas *side* e autônomas.

Como as entrevistas *side* normalmente se caracterizam por dar aval a outros gêneros, recortar ou parafrasear declarações do entrevistado parece ser uma alternativa recorrente dos editores para os títulos. As entrevistas parecem funcionar como um especificador do texto noticioso, dando aval a um ou outro dos lados envolvidos, bem como criando guias de condução da cobertura nos dias seguintes. Nas 14 entrevistas de complemento a outro gênero, todas apresentam títulos com recortes de declaração ou paráfrases. Por outro lado, nas entrevistas autônomas, em sua maioria, usou-se idéia síntese ou título fixo. Por essas ocorrências, pode-se inferir que o abandono do recorte de declaração e a opção por criar um título seja um dos recursos usados para dar autonomia à entrevista e caráter de gênero auto-suficiente. Vejamos como se configuram os títulos citados acima nos exemplos a seguir: (1) título recorte de declaração, (2) título reformulação de declaração, (3) título idéia síntese e (4) título fixo.

(5) **“Guarda desarmado é alvo fácil”** (anexo B, texto 19, caderno Reportagem Especial – 16/11/05)

(6) **Criança tem radar: está sempre testando limites** (anexo B, texto 24), caderno Meu Filho – 21/11/05)

(7) **Memórias do Espaço** (anexo A, texto 10), caderno Mundo – 22/11/05)

(8) **Bom dia, Édina Farias** (anexo A, texto 1), Informe Especial – 16/11/05)

O passo seguinte no movimento I é o I-5 (atribuir autoria) que é responsável pela realização do componente textual **crédito**, um termo utilizado para mencionar o autor da entrevista. O ZH costuma expor o nome do repórter responsável pela matéria. Nas entrevistas, o nome do repórter só não irá ser mencionado quando ela for complemento de reportagem ou de outro gênero. Nesse caso, o crédito estará no início do gênero do qual a entrevista é parte (9).

(9) **Caroline Torma** (anexo B, texto 19, caderno Reportagem Especial – 16/11/05)

O último passo do movimento I é o I-6 (complementar o texto com recurso gráfico), responsável pela alocação do componente textual **foto-legenda** na entrevista. Esse componente textual foi enquadrado no movimento 1 porque, em 14 das 18 entrevistas que apresentam fotos, elas ocorrem no início no texto. Esse critério da localização, contudo, não é suficientemente forte, pois a foto-legenda está relacionada à diagramação e formatação, podendo variar sua posição no texto de modo bastante livre. Nos casos de entrevista *side*, a foto-legenda normalmente ocorre no início do gênero ao qual a entrevista está vinculada. É uma das categorias mais flexíveis da entrevista. Vale salientar que em alguns casos a foto ocorre sem a legenda. Fato que se repetiu na maioria das entrevistas diárias do Informe Especial. Nesse caso, o lide desempenhou um papel duplo funcionando como lide e, ao mesmo tempo, estando sempre próximo da foto substituindo, de certa forma, a legenda.

Um segundo argumento para a inclusão da foto-legenda como parte do movimento 1 é o fato de que ela, de algum modo, representa um extrato do conteúdo do texto, atraindo e orientando a leitura. Nesse sentido, ela pode ser vista como uma forma de situar o leitor.

O movimento 2 é constituído, basicamente, por pelos passos II-1A (apresentar a relação do entrevistado com o fato reportado) e II-1B (apresentar dados biográficos do entre-

vistado), ambos responsáveis pela realização do componente textual “lide”. São passos alternativos que conduzem a duas formas de lide na entrevista, o noticioso e o de perfil.

No jornalismo, o termo chamado “lide”, segundo o Manual da Folha de S. Paulo (1987), corresponde ao aportuguesamento da palavra inglesa *lead*, que significa “guiar” e que, no jargão da área, equivale ao início de qualquer texto jornalístico. Tem a função de “introduzir o leitor no texto e prender sua atenção” (FOLHA de S. Paulo, 1987).

Os dois tipos de lide encontrados nas entrevistas podem ser assim explicados:

- a) **Noticioso.** Apresenta a relação do entrevistado com o fato reportado, trazendo informações que justifiquem a contribuição ou participação desse entrevistado. Pode haver menção aos dados biográficos, mas em pequena dimensão (10);
- b) **De perfil.** Expõe o perfil e assuntos relativos a uma pessoa pública ou relacionada a algo que justifique conhecê-la. Nesse caso, inversamente ao lide anterior, alguma possível relação do entrevistado com fato noticioso tem um caráter secundário (11).

(10) *Além das roupas sujas, ontem de manhã, o jovem de 20 anos que teria usado a arma e o colete de um PM para perseguir um ladrão trazia arranhões no corpo, resultado da incursão no valão. O rapaz contou o que o levou a sair no encalço do bandido.* (anexo B, texto 27, caderno Polícia – 18/11/05)

(11) *Telmo Rodrigues Freire é um especialista. em recepções de arte, coquetéis e vernissages. Há três décadas, mesmo sem convite, ele não perde uma exposição em Porto Alegre. Sobretudo, os canapés e o champanha. Houve tempo em que era indesejado, mas hoje merece passe livre – é Cult ter a presença de Telmo em uma noite de abertura.*

Ele já virou até obra de arte. Na mais recente exposição do chileno Patricio Farias, na galeria Gestual, uma instalação homenageia o famoso rato de coquetel. RSVIP conversou com Telmo na semana passada. Em um vernissage, é claro. (anexo A, texto 8, caderno RS Vip – 21/11/05)

A vinculação (ou não) da entrevista a outro gênero influencia no conteúdo dos lides. Quando a entrevista complementa outros gêneros, os lides estabelecem a relação do

entrevistado com o fato, havendo o predomínio do fato jornalístico, o que altera também na sua quantidade de informação nesse passo. Nos lides de entrevistas *side*, o gênero anterior (do qual ele é complemento) lhes dá suporte. Os Lides de entrevistas autônomas tem maior tendência ao perfil, pois não têm a função de complementar outro fato. Vejamos a ocorrência dos lides em termos da relação ou não da entrevista com outros gêneros na página (quadro 11).

Lides de entrevista	Noticioso		De perfil	
	Noticioso	Misto	Misto	De Perfil
<i>Side</i>	8	5	1	
Autônoma	6		6	6

Quadro 13 – Lides utilizados nas entrevistas *side* e autônomas.

Nas 14 entrevistas *side* encontradas no ZH, apenas uma (anexo A, texto 14) recebe lide misto com predomínio do **perfil**. Esse raro aparecimento do lide de perfil em entrevistas *side* reflete o caráter auxiliar do gênero em relação à reportagem ou notícia, pois o entrevistado nessas entrevistas, normalmente, profere seu depoimento para dar aval a algum fato jornalístico. As entrevistas *side*, normalmente, estão vinculadas a reportagens: policial, política, de economia ou esportiva. Em nenhuma das outras 13 ocorrências *side* encontradas, o entrevistado é focalizado como mais notório que o fato jornalístico, e, embora haja nelas entrevistados importantes para a época, como treinadores de grandes clubes, jogadores famosos, juízes, advogados e políticos de renome, nenhum deles se sobressai ao fato. O que acontece com o único exemplar que foge ao padrão (anexo A- texto 14) é que a própria reportagem expõe o perfil de um grande artista e sua estada em Porto Alegre. A entrevista, neste caso, foi concedida ao ZH pelo próprio artista, sendo ele o próprio fato reportado.

Os primeiros 3 passos dos movimento III são responsáveis pela realização do componente textual pingue-pongue, sendo eles: III-1 (Introduzir o diálogo, escolhendo um bloco de pergunta e resposta), III-2 (Expor diálogo, alocando blocos intermediários de perguntas e respostas) e III-3 (Finalizar diálogo, escolhendo um bloco de pergunta e resposta). É nessa parte do texto da entrevista que estão re-textualizados os trechos da interação entrevistador/entrevistado.

Embora alguns repórteres optem pelo discurso indireto, o pingue-pongue é, sem dúvida, o componente textual mais típico do gênero entrevista de jornal. Ele é utilizado pela literatura do jornalismo para rotular o próprio gênero no seu aspecto formal (entrevista pingue-pongue). Ao que parece (pois seria necessário dados etnográficos para confirmar essa afirmação), o princípio retórico predominante no pingue-pongue centra-se na ação de expor trecho entendido pelo repórter como relevante da interação realizada anteriormente.

O pingue-pongue possui uma característica peculiar que difere dos dois movimentos anteriores: o fato de ser poligerado, pelo menos em uma fase inicial ou anterior. Segundo Adam (1999), a alternância de turno em uma interação configura uma *seqüência dialogal*. A seqüência dialogal se divide em duas sub-seqüências: a) a fática, sem troca de informação tópica (ex: - bom dia! / - bom dia!); e b) a transacional, com troca de informação tópica (Ex: - Você tem horas? – Sim, são 6 horas.). Embora o foco da análise aqui realizada não seja o processo de textualização da entrevista (desde o seu planejamento), convém notar o fato de que há sempre a elipse das seqüências dialogais fáticas de abertura da interação, de contrato ou acordo entre as partes. Todas as cordialidades do *entrevistar* (face-a-face), conforme expõe Silva (1991), tais como o estabelecimento de cooperação entre as partes e despedida, desaparecem na edição ou não são sequer registrados. A entrevista de jornal se torna assim, como apontado por Bonini (2000), uma evolução do gênero entrevista; não a evolução no sentido

valorativo, mas de derivação. Vejamos um exemplo de pingue-pongue (12) que é, ao mesmo tempo, um exemplo dos passos III-1, III-2 e III-3.

(12) Agência RBS – Por que você e os dois adolescentes resolveram pegar o menino?

Edson Martins Figueiredo – Não sei, acho que ninguém sabe. O guri que participou (o que está foragido) disse que conhecia o Bruno, viu ele na rua e resolveu pegar. Eu e o outro estávamos juntos. Levamos o Bruno para uma casa.

Agência RBS – O Bruno não resistiu?

Figueiredo – Ele não queria, chorou. Mas estávamos com uma faca. O menino ficou com medo e acabou indo.

Agência RBS – Você se arrepende do que fez?

Figueiredo – Foi um erro. Fiz o que não devia.

Agência RBS – O que você diria aos pais de Bruno?

Figueiredo – Não tenho nada a dizer, vou pagar por isso.

(anexo B, texto 28, Caderno Polícia – 23/11/05)

Podemos ter algumas pistas sobre esse processo de edição da entrevista em um trecho da fala de informante da comunidade jornalística, no qual ela comenta o processo de elaboração de uma entrevista com os atores mirins do filme “Filhos de Francisco”:

[...] Antes da entrevista, é costume do repórter pesquisar sobre seu futuro entrevistado. No que se refere aos meninos, seria interessante ver o filme, coisa que eu já tinha feito por conta própria antes mesmo da possibilidade da entrevista se concretizar. Quando se está numa redação, o contato com as assessorias de imprensa das chamadas "celebridades" é facilitado, de maneira que esse foi o ponto menos complicado. De volta do local da entrevista, a Usina do Gasômetro, é hora de **decupar o que foi gravado em fita ou de reler as anotações no bloco**. Antes de escrever, uma conversa com o editor ajuda a determinar se será um texto corrido ou uma ping-pong (pergunta e resposta). (informações prestadas por CAMILA SACCOMORI, do ZH – Anexo C)⁶

Como o material a ser editado em forma de pingue-pongue é passível de alteração, não necessariamente de conteúdo, mas de ordenação das perguntas e respostas, o repórter pode optar pelos blocos que julgar mais interessante, podendo haver aí uma possibilidade de

manipulação do gênero entrevista de jornal. A pergunta introdutória do texto impresso não necessariamente é a pergunta inicial da conversa original, assim como a conclusiva também não é necessariamente a última, como orienta o manual do O Estado de S. Paulo:

[...] Por mais caótica que seja a entrevista, você pode ordená-la no **texto final**, agrupando os assuntos em bloco para a melhor compreensão do leitor, em vez de manter a falta de conexão ou de seqüência do texto. (O ESTADO DE S. PAULO, Manual de Redação e Estilo, 1997)

Em virtude desse processo de edição da entrevista, os passos relativos ao pingue-pongue foram hierarquizados em: pergunta introdutória, perguntas intermediárias, e pergunta conclusiva. A pergunta introdutória, normalmente, tem um tema bem definido (pontual), dando margem a outras (13).

(13) Zero Hora – Por que o senhor propõe que o aborto não seja crime?

Roberto Arriada Lorea – A constituição, no seu artigo 5º, não recepcionou a doutrina da proteção jurídica da vida desde a sua concepção. Há outros fundamentos jurídicos. Uma resolução da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, de 1981, a partir de um caso que teve origem nos EUA, afirmou que o direito ao aborto não viola o Artigo 1º da Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem. Também deixa que claro que o direito ao aborto não viola o Artigo 4º da Convenção Americana dos Direitos Humanos. Esses fundamentos jurídicos raramente vêm à discussão no Brasil. Isso seria importante. (anexo B, texto 16 – Primeiro Caderno - Geral, p. 37 – dia 23/11/05)

As perguntas intermediárias podem ser um desencadeamento do tema da primeira pergunta e/ou uma sucessão de novos temas. Podemos verificar isso nas perguntas intermediárias arroladas no exemplo 14.

(14) ZH – Por que o senhor defende a descriminação?

ZH – Quem seria beneficiado com a descriminação?

ZH – Como os seus colegas vêem a sua posição? (Continuação da entrevista do anexo B, texto 16)

⁶ Essa entrevista foi concedida para o pesquisador. Tem a finalidade de fornecer dados complementares aos textuais.

A pergunta conclusiva apresenta um tema aberto, de modo que propicie uma reflexão por parte do entrevistado, assim como pode abrir espaço para outras vozes, no caso de temas polêmicos (15).

(15) **ZH – Como o senhor acha que a igreja católica vai reagir?**

Lorea – Estamos falando dos católicos, dos fiéis ou da cúpula, da hierarquia da Igreja Católica? Uma pesquisa do Ibope apontou que 86% dos filhos de católicos apóiam a separação entre Igreja e Estado. (Continuação da entrevista do anexo B, texto 16)

O passo seguinte do movimento III é o III-4 (apresentar recorte ou reformulação de declaração textual) que é responsável pela realização do componente textual **inter-título**. Ele é, conforme apontam o manual da Folha de S. Paulo (1987), um recurso utilizado em textos muito extensos e funciona no sentido de quebrar a monotonia da leitura. Apresenta as mesmas características retóricas e textuais dos “**títulos**” (já mencionadas nessa seção). Vejamos um exemplo:

(16) Delegado propõe adotar a legislação colombiana

(anexo B, texto 26. Caderno Polícia – 22/11/05)

O penúltimo passo da entrevista é o III-5 (destacar declaração/ões do entrevistado) que textualiza o componente textual **janela**. Esse componente pode surgir no entremeio das colunas do pingue-pongue ou em algum lugar de destaque no texto e tem um caráter provocativo em termos de princípio retórico, embora também possa ter um uso ideológico. Costuma-se usar as janelas para destacar declarações ou para fazer reformulações das declarações do entrevistado (17).

(17) “O melhor de tudo era olhar a Terra lá de cima. Via inclusive, cidades brasileiras.” **Anatoly Bebrezevoy, cosmonauta russo.**

(Anexo A, texto 10, Caderno Mundo – 22/11/05)

A janela não necessariamente frisa o que ainda há por vir, já o intertítulo ocorre nesse sentido. A janela difere do intertítulo pela relação catafórica que esse último possui com o conteúdo. Uma categoria que pode facilmente ser confundida com a janela e com o intertítulo é o *box*. Porém esse estará instalado em um espaço extra-textual, mas também vinculado ao assunto do texto da entrevista. Todavia, a distinção categórica entre **box**, **janela** e **intertítulo**, merece cuidado, não por prejudicar o realização do gênero em seu propósito maior, ou que essa distinção seja de extrema importância, mas por considerar que, ao compor outros gêneros, essas categorias possam funcionar retoricamente com os mesmos princípios retóricos.

O último passo do texto da entrevista é o III-6 (Destacar declaração/ões do entrevistado), que é responsável pela textualização do componente textual **box**. Esse componente, a nosso ver, é um espaço dentro da entrevista em que se torna possível abordar os mais diversos temas, desde que relacionados à entrevista. Nesse caso, ele funciona como um complemento ao texto da entrevista e dessa maneira se vincula a ela. Por sua função, ele também pode ser entendido como um gênero encaixado na entrevista ou como uma forma de anexo. Nos exemplares pesquisados, encontramos duas ocorrências: uma em que a entrevista aborda um tema polêmico onde se faz necessário ouvir o outro lado; a outra no sentido de contribuição aos elementos do lide biográfico. Vejamos um exemplo:

(18)

QUEM É ELE

- Nasceu no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, em 1950.
- Começou a carreira na TV na década de 80, apresentando o extinto TV Mix, na Gazeta. A experiência o levou para a TV Cultura, com o programa jovem Matéria Prima.
- No SBT, comandou o Programa Livre por oito anos, até 1999, quando foi contratado pela Globo.
- Além do Altas Horas, exibido nas madrugadas de sábado para domingo na Globo, conduz mais duas atrações: Ação, na Globo, e Tempos de Escola, no canal Futura.

(Anexo A, texto 6, Caderno **Revista Donna** – 20/11/05)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo final desse estudo apresento uma espécie de síntese das inferências alcançadas acerca do material analisado. No primeiro momento passo a verificar em que medida os objetivos propostos foram alcançados. No último momento apresento algumas sugestões de pesquisas relacionadas.

5.1 OBJETIVOS E RESULTADOS OBTIDOS

A presente pesquisa teve como objetivos:

Observar o objetivo público do texto da entrevista de jornal, em termos de propósito comunicativo; e

Levantar a organização informativa do gênero entrevista de jornal.

Com relação aos propósitos do gênero pode-se levantar que a entrevista de jornal tem como propósito geral “relatar voz a algum participante da sociedade”, sendo este subdividido em outros dois: 1) relatar a voz de personagem relacionada a fato noticioso; e 2) relatar a voz de pessoa em evidência. Esses dois sub-propósitos estão na base de dois subgêneros da entrevista: a noticiosa e a de perfil.

Ao levantar os propósitos do gênero teve-se em conta o que é evidente do ponto de vista de sua organização estrutural. Ou seja, não se pretendeu dar conta de todos os

propósitos envolvidos no gênero. Existem, por exemplo, usos ideológicos desse gênero e subgêneros que pode ser alvo de outras pesquisas.

Embora a entrevista apresente tais subgêneros, eles não apresentam diferença acentuada do ponto de vista da organização textual, motivo pelo foi possível nesta pesquisa produzir uma explicação unificada do gênero entrevista. Chegou-se, a partir da análise do corpus, a uma estrutura composta de 3 movimentos, 17 passos e nove componentes textuais. Esse terceiro elemento talvez possa ser visto como uma inovação por parte desta pesquisa. Tradicionalmente, as análises com base no modelo CARS de Swales (1990) apenas consideram movimentos e passos. No caso do presente estudo, procurou-se manter a terminologia e as categorias textuais já praticadas na comunidade discursiva jornalística. Desse modo, a organização do texto foi vista na seguinte ordem: 1) movimento retóricos, realizados por 2) passos retóricos, que dão origem a componentes textuais (por exemplo, título, lide, janela).

De modo geral os resultados aqui levantados podem revelar-se úteis ao trabalho com a entrevista de jornal nas escolas. Também podem servir de base para outras questões e futuras pesquisas sobre o assunto.

5.2 SUGESTÕES PARA PESQUISAS RELACIONADAS

Houve algumas limitações que impossibilitaram esse estudo de ir além dos textos analisados, no sentido de iniciar a pesquisa *in loco*, como: distância da instituição do ZH, data de ocorrência dos fatos, imprevisibilidade das ocorrências, entre outras. De certa forma acreditamos ter conseguido identificar uma etapa desse processo de produção na conversa realizada com a repórter Camila do ZH, embora não tenhamos vivido a produção real, o dia-a-

dia. Fica aqui a sugestão de se realizar um estudo fundamentado em Bazerman (sistema de atividade), e acompanhar um repórter em sua jornada de trabalho (numa entrevista) e em seu ambiente para a partir do sistema de atividades se chegar ao gênero em questão. Outra sugestão seria focar o entendimento de um número considerável de leitores em relação ao gênero e validar esse entendimento junto ao repórter (BHATIA, 1993).

REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M. **Linguistique textuelle**: des genres de discours aux textes. Paris: Nathan, 1999.
- AMARAL, L. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- ASKEHAVE, I. SWALES, J.M. **Genre Identification and Communicative Purpose**: a problem and a possible solution. *Applied Linguistics*, v. 22, p. 95-212, 2001.
- BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov, VN-1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1953].
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Ângela Paiva Dionízio, Judith Chambliss Hoffnagel, (organizadoras). São Paulo: Cortez, 2005.
- BHATIA, V. K. **Analysing genre**: language use in professional settings. New York: Longman, 1993.
- _____. **Genre Analysis Today**: Revue Belge de Philologie de d'histoire. Bruxelles, n° 75, p. 629-642, 1997.
- BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge Universit Press, 1988.
- BONINI, A. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. **Revista de Letras**, Fortaleza-CE, v. 22, n. 1/2, p. 5-13, 2000.

_____. O conhecimento de jornalistas sobre gêneros textuais: um estudo introdutório. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão-SC, v. 2, n. 1, 2001.

_____. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão/SC, v. 4, n. 1, 2003.

_____. Metodologia para o estudo dos gêneros textuais: como estudar o encaixe dos gêneros no jornal?. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva (Orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza, CE: PPGL; UFC, 2004a.

_____. Os gêneros do jornal: um exemplo de aplicação da metodologia sócio-retórica. In: CRISTOVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004b.

_____. Resenha de: BALTAR, Marcos. Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão/SC, v. 5, n. 2, p. 415-419, 2005.

BUNZEN, C. S. O ensino de gêneros em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna. In: **Quimera e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin**. São Carlos: GECE, 2004. p. 221-258.

CASCAIS, Fernando. **Dicionário de jornalismo: as palavras dos media**. São Paulo: Verbo Lisboa, 2001.

CHAPARRO, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro**. Santarém/PT: Jortejo, 1998.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 6.3, n. 3, p. 413-446, 2006.

FOLHA DE S. PAULO. **Novo manual da redação**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual geral da redação**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.

HEMAIS, Bárbara; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais sob perspectivas diversas**. São Paulo: Parábola.

KINDERMANN, C. A. O Jornal na Sala de Aula: A Produção Textual a partir do Gênero Reportagem. In: CRISTOVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Orgs.). **Gêneros textuais: teoria e prática II**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganque, 2005.

MANUAL DE ESTILO EDITORA ABRIL. Como escrever bem para nossas revistas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MELO, José Marques de (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

O ESTADO DE S. PAULO. Manual de redação e estilo / Eduardo Martins. 3ª edição, revista e ampliada. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

SCHUDSON, Michael. **The power of news**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

SILVA S.A. da. Um estudo da entrevista baseado na análise de gêneros lingüísticos. **The Specialist**. São Paulo, v. 12, nº 1 e 2, p. 121-143, 1991.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos do Jornalismo Impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

SWALES, J. M. (1990) **Genre analysis: english in academic and research settings**. Nova Iorque: Cambridge University Press.

_____ (1992) **Re-thinking genre: another look at discourse community effects**. In: Rethinking Genre Colloquium. Ottawa: Carleton University

SWALES, J. M. **Other floors, other voices: a textography of a small university building**. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1998.

ANEXO A – ENTREVISTAS DE PERFIL

Texto 1: 16/11/05 - pág. | 3 | Seção Informe Especial

**Bom dia,
Édina Farias**

Nutricionista e divulgadora do evento *Dá pra ser feliz sem carne?*

Informe Especial – Será que o gaúcho pode ser feliz sem carne?

Édina – Se várias culturas são vegetarianas, porque o gaúcho não pode ser feliz sem carne?

IE – Trocar o churrasco?

Édina – Não existe só o prato para substituir o churrasco e sim uma infinidade de opções dentro da cozinha vegetariana. Tem a culinária indiana ou a oriental, por exemplo.

IE – Será que não dá para comer carne nem de vez em quando?

Édina – Não dá para ser colorado ou gremista só de vez em quando, ou se é vegetariano ou não. Existe várias questões envolvidas: saúde, ética, consciência ecológica, espiritualidade.

Texto 2: 17/11/05 - pág. | 3 | Seção Informe Especial

Bom dia, Júlio La Porta

*Xerife da Feira do Livro,
73 anos*

Informe Especial – O senhor sofre de depressão pós-feira?

Júlio La Porta – Sim, eu fico aborrecido, chateado, vejo a Praça da Alfândega perder aquela vida, as barracas sendo desmanchadas, murchando. Dá uma dor sabe... Afinal são quatro décadas de feira.

IE – O senhor fica muito tempo assim?

La Porta – Não, não. Dura três dias no máximo. Depois começo a pensar na próxima feira e me sinto outra vez um guri de quinze anos de tão motivado que fico.

Texto 3: 18/11/05 - pág. | 3 | Seção Informe Especial

Bom dia, Luiz Alberto Vicentini

Comerciante, 26 anos, de Ajuricaba, município de Planalto Médio que domingo terá nova eleição para prefeito:

Informe Especial: O que você acha de ter de escolher o prefeito de Ajuricaba mais uma vez?

Vicentini – Não tem nem o que dizer. Como estamos sem prefeito, temos que votar de novo porque não dá pra ficar sem, né?

IE – Como está a situação do presidente da câmara na prefeitura?

Vicentini – A cotação do prefeito provisório está boa na cidade.

IE – Votar três vezes em pouco mais de um ano atrapalha?

Vicentini – Votei no ano passado, votei no mês passado, no referendo, e vou de novo no domingo. Acho que é um dever nosso. Se tem eleição a gente tem de votar.

Texto 4: 19/11/05 - pág. | 3 | Seção Informe Especial**Bom dia, Fernando Capez**

Foto

Promotor de Justiça de São Paulo e especialista no combate a torcedores violentos

Informe Especial – O senhor quer o fim das torcidas organizadas?

Capez – Não, nós precisamos extinguir as que se desvirtuaram de suas funções estatutárias e passaram a desenvolver atividades criminosas. As lícitas e sadias devem ser estimuladas.

IE – O torcedor é igual em todos os estádios?

Capez – O torcedor nada mais é que o reflexo da sociedade brasileira. O público que vai ao estádio reflete os problemas da sociedade. No eixo Rio-São Paulo onde existe mais criminalidade, muitas diferenças sociais, mais necessitados e excluídos, essas pessoas acabam representando essa parcela da sociedade nos estádios.

IE – Quem são eles?

Capez – Geralmente são Jovens com subempregos ou desempregados, não estão estudando e nem têm perspectivas na vida profissional. Eles não vão ao estádio para assistir a partida, mas para extravasar

sua violência e agressividade. No nordeste, o clima é mais festivo, menos violento.

IE – O senhor conhece o torcedor gaúcho?

Capez – Conheço, o gremista que vai ao estádio tem um perfil mais jovem, de 12 a 24 anos e o colorado é mais maduro. Ambos não têm comportamento violento. As pessoas nem se comparam as que frequentam o estádio no eixo Rio-São Paulo, que vivem numa periferia distante e estão criando problemas. Por maior que seja a rivalidade Gre-Nal, é difícil ocorrer casos de violência com armas de fogo.

Texto 5: 20/11/05 - pág. | 3 | Seção Informe Especial**Bom dia, Adriano Bonaspetti**

Aposentado, 71 anos, 52 de Porto Alegre, candidato a deputado na Itália:

Informe Especial – Qual é a sua meta política?

Bonaspetti – Disputo uma vaga de deputado pela chapa

Associazione Italiane in Sud América. Ter representação no parlamento italiano era uma antiga reivindicação dos italianos que moram no exterior. Somos mais de 1,1 milhão, só na América do Sul. Temos laços culturais e econômicos a estreitar. Será isso que irei defender.

IE – É preciso muito dinheiro para uma vaga?

Bonaspetti – Temos que pensar que estamos falando de uma eleição para a América do Sul, ou seja, continental, mas apesar dessa dimensão, o orçamento se equipara ao de uma eleição para deputado estadual no Brasil.

Texto 6: 20/11/05 – Contra-capas: Caderno: **Revista Donna**

auto-retrato | Serginho Groisman

Fala, Serginho!

Foto central

Há cinco anos à frente do “Altas horas”, o apresentador cativa o público promovendo a discussão de temas polêmicos e inovando na linguagem de TV

Serginho Groisman já tem fã-clube até no Japão – graças às suas brincadeiras com o nome do país a cada madrugada de sábado na TV Globo, quando recita, divertido, a lista dos países que transmitem o seu *Altas horas*. À frente da apresentação direção-geral do programa (cargo que divide com o amigo Maurício Arruda), os jornalista comemora os cinco anos da atração, um sucesso junto ao público jovem. O segredo para conquistar a audiência, garante Serginho, é não estereotipar o adolescente.

Qual sua lembrança de infância mais remota?

Ficar jogando bola descalço na rua. Uma coisa de bairro que se perdeu.

Qual seu maior ídolo na adolescência?

Não tive.

Onde você passou as suas férias inesquecíveis?

Em Salvador.

Qual a sua idéia de um domingo perfeito?

Estar bem acompanhado.

O que você faz para espantar a tristeza?

Eu não espanto não. É raro ficar triste, mas, quando fico, assumo.

Que som te acalma?

Depende, sempre tive com a música uma relação visual. É muito do momento. Dependendo da situação, até uma música agitada pode me acalmar. Não é tanto pela música, mas pelo momento em que me encontro.

O que dispara seu lado consumista?

Tudo. Eu consumo muito.

Qual a palavra mais bonita da língua portuguesa?

Acho que é “tranquilidade”.

Que livro você mais cita?

Achei que meu pai fosse Deus, coletânea organizada por Paul Auster. Recomendo muito. Ele tem um programa de rádio e pediu que cada um mandasse uma história por escrito da própria vida. Ele tem história de anônimos extraordinárias.

Que filme você sempre quer rever?

Crepúsculo dos deuses, de Billy Wilder (1950).

Um gosto inusitado.

Dormir bem.

Um hábito que você não abre mão?

Poder fazer as coisas que eu quero.

Um hábito que você quer se livrar?

Não tenho.

Um elogio inesquecível?

Gosto dos elogios de quando eu estou gostando de alguém, esses eu nunca esqueço.

Em que situação vale a pena mentir?

Nas mentiras sinceras.

Em que situação você perde a elegância?

No trânsito.

Em que outra profissão consegue se imaginar?

Não imagino mais outra não.

O que você estará fazendo daqui a 10 anos?

Não sei nem o que vou estar fazendo amanhã.

Eu sou...

aquele que poucos sabem.

QUEM É ELE

- Nasceu no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, em 1950.
- Começou a carreira na TV na década de 80, apresentando o extinto TV Mix, na Gazeta. A experiência o levou para a TV Cultura, com o programa jovem *Matéria Prima*.
- No SBT, comandou o Programa Livre por oito anos, até 1999, quando foi contratado pela Globo.
- Além do *Altas Horas*, exibido nas madrugadas de sábado para domingo na Globo, conduz mais duas atrações: *Ação*, na Globo, e *Tempos de Escola*, no canal Futura.

Texto 7: 21/11/05 - pág. | 3 | Seção **Informe Especial****Bom dia, Adroaldo Cardozo de Fraga**

66 anos, natural de Santo Antônio da Patrulha, pai de dois filhos, um dos barbeiros mais antigos da cidade baixa.

Informe Especial – Há quanto tempo o senhor corta cabelo na José do Patrocínio?

Fraga – Estou aqui desde 1963. IE – O que o senhor acha das mudanças ocorridas nos últimos anos na Cidade Baixa?

Fraga – Olha, a mudança mesmo, aconteceu com os bares, à noite, onde tem muita concentração de gente.

IE – Os moradores reclamam muito?

Fraga – Reclamam bastante, embora tenha aumentado o policiamento depois das últimas reportagens sobre o bairro.

IE - E ao longo do dia a rotina se alterou muito?

Fraga – De dia o bairro continua tranqüilo.

Texto 8: 21/11/05 - pág. | 2 | Segundo Caderno – Seção: **RSvip****Figuraça**

Fernanda Zafari - rsvip

1ª Foto (ao lado do lide)

2ª Foto com legenda:

Maquete da obra do artista chileno Patrício Farias (no final da entrevista)

Telmo Rodriguez Freire é um especialista. Em recepções de arte, coquetéis e vernissages. Há três décadas, mesmo sem convite, ele não perde uma exposição em Porto Alegre. Sobretudo, os canapés e o champanha. Houve tempo em que era indesejado, mas hoje merece passe livre – é Cult ter a presença de Telmo em uma noite de abertura.

Ele já virou até obra de arte. Nas mais recente exposição do chileno Patrício Farias, na galeria Gestual, uma instalação homenageia o famoso rato de coquetel. RSVIP conversou com Telmo na semana passada. Em um vernissage, é claro.

RSVIP – Quantos coquetéis você frequenta por semana?

Telmo Rodriguez Freire – Pelo menos uns três ou quatro. Fico sabendo pelo jornal, acompanho tudo.

RSVIP – Há quantos anos?

Telmo – Ah, uns 30 anos. Vi de tudo. O auge das galerias. Conheci muitos pintores. O Iberê era meu amigo.

RSVIP – Você já foi barrado?

Telmo – Fui barrado sim. Mas isso é falta de informação,

gente que não simpatiza comigo. Mas têm outros que me recebem muito bem. Também recebo alguns convites.

RSVIP – Você se ofende em ser chamado de rato de coquetel?

Telmo – Não. É uma brincadeira, sou muito conhecido.

RSVIP – Os vernissages estão melhores hoje ou quando você começou a frequentá-los?

Telmo – Antes. Naquela época, tinha mais entrosamento, os grandes pintores sempre estavam. Tinha mais conhecimento. Hoje, acho tudo muito comercial.

RSVIP – Os garçons, imaginando, são seus amigos?

Telmo – Muitos me conhecem e já sabem do que gosto.

Texto 9: 22/11/05 - pág. | 3 | Seção **Informe Especial****Bom dia, Fernando Bertuol**

Foto

Arquiteto e Presidente da Associação da Classe Média (A-clame)

Informe Especial – Como os impostos atrapalham a nossa vida?

Bertuol – Encarecem todos os produtos, baixam o consumo

e eliminam empregos. E o nosso poder aquisitivo vai ficando cada vez menor.

IE – Onde estão os maiores impostos?

Bertuol – Os campeões de arrecadação são o IR e o ICMS. Atualmente também a Cofins.

IE: Como fazer para baixá-los?

Bertuol – Conscientizar as pessoas de que elas estão destinando em média 60% de seus ganhos para os governos. É necessário fazer pressão sobre os políticos e mudar nossa relação. Cobrando mais dos governantes.

| Entrevista | **Anatoly Bebrezevoy** |
COSMONAUTA RUSSO QUE FEZ
PALESTRA ONTEM NA CAPITAL

Memórias do Espaço

Foto (central)

Anatoly falou ontem na capital sobre ficção científica e vôos espaciais

DANIEL ROSA LOPES

Anatoly Bebrezevoy é um homem de baixa estatura, cabelos e bigodes grisalhos, discreto. A única pista de que se está diante de um astronauta russo – ou cosmonauta, como ele faz questão de corrigir – são as pequenas condecorações presas no paletó. E o idioma, motivo para o comparecimento de um pequeno público na palestra proferida ontem em Porto Alegre. O grupo reunido ontem à tarde na Livraria Cultura no Bourbon Country, estava interessado em treinar russo.

Aos 63 anos, Anatoly partiu em maio de 1982 para uma temporada de 211 dias na estação espacial Salyut-7, precursora da Mir e da Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês). Por sua experiência foi trazido pela Editora nova Realidade para uma série de palestras no Brasil, para a divulgação do livro de ficção científica Rumo às Estrelas (R\$ 29,90), do americano L. Ron Rubbard. A obra toca em um ponto que Anatoly conhece bem: a vida no espaço. Antes da palestra o astronauta conversou com ZH:

Zero Hora – O senhor ficou 211 dias no espaço à bordo da Salyut-7 qual é a sensação no retorno à terra, como o organismo reage?

Anatoly Bebrezevoy – Sentia-me de duas maneiras, estava feliz por ter voltado, mas, fisicamente, foi muito difícil a readaptação. Algumas horas depois do retorno, não conseguia nem ficar de pé. Muito menos andar. Para a pessoa se acostumar à gravidade, há uma primeira etapa de três semanas de readaptação. Depois, aguardava-se mais 10 dias, e tinha início um programa de readaptação total. Ocorrem problemas de pressão sanguínea, musculares e nas juntas dos ossos. As articulações emperram, pare-

cem um motor de um carro sem óleo.

ZH – Tanto tempo na estação não acabou sendo tedioso? Existe algum momento de lazer?

Anatoly – O melhor de tudo era olhar para a terra lá de cima. A estação tinha 20 janelas do tamanho de um prato. Dava para observar a terra, o horizonte, as estrelas. Nos sete meses da missão tínhamos mais de 20 mil fotografias do planeta. A olho nu vê-se muita coisa interessante. Via inclusive cidades brasileiras.

ZH – Quais as principais diferenças entre a Salyut e a ISS?

Anatoly – É como comparar o primeiro automóvel inventado pelo homem e um Fórmula 1. A ISS tem uma tecnologia avançada, atual, tudo é feito por processos eletrônicos. Ela tem, por exemplo, braços robóticos, que a Salyut não tinha.

ZH – Qual a experiência mais marcante nas viagens que fez?

Anatoly – Muita coisa foi emocionante. Quando se olha para a terra, pela primeira vez, a 400 quilômetros de distância. Isso muda a forma como a gente vê o planeta. É muito mais bonita do que eu imaginava. E viver na gravidade zero é inesquecível.

ZH – Como se sentiu ao ver as imagens da explosão dos ônibus espaciais Challenger e Columbia?

Anatoly – Eram os nossos amigos. Fiquei muito impressionado com a morte deles. Há um congresso anual de cosmonautas e astronautas. Nos dois últimos congressos. Discutimos o que aconteceu para identificarmos os problemas e evitar que isso “não” aconteça. Mas os ônibus espaciais nunca serão

100% seguros para seus tripulantes.

ZH – O que o senhor pensa do projeto americano de voltar à Lua e ir à Marte?

Anatoly – Não concordo com o abandono da ISS pelos americanos. Ainda faltam módulos que estão prontos, e dependem das viagens dos ônibus espaciais americanos para serem levados até a estação. Como está hoje, a estação abrigando apenas duas pessoas, esses dois acabam mais preocupados com a manutenção e outros afazeres do que com as pesquisas científicas. Vários países gastaram bilhões com a estação, mas ela opera apenas com 10% de sua capacidade de pesquisa.

ZH – A literatura de ficção científica é importante para a conquista espacial?

Anatoly – Acho que sim, incentivou-me a ser cosmonauta. Não só despertam o interesse para o cosmos, como as idéias lançadas nos livros acabam se transformando em realidade. Julio Verne, por exemplo, é lido ainda hoje por suas idéias, fantásticas para a época, são realidade hoje.

ZH – O senhor ainda lê livros de ficção científica? Qual o seu preferido?

Anatoly – Ainda leio, filmes não assisto. Filmes geralmente são baseados em livros, prefiro ler os livros. Gosto muito de *Salaris*, do *Stanislaw Lems*, e até tem um filme que fizeram na União Soviética sobre ele que é muito bom, tem uma abordagem psicológica.

“O melhor de tudo era olhar a Terra lá de cima. Via inclusive, cidades brasileiras.” **Anatoly Bebrezevoy, cosmonauta russo**

Texto 11: 23/11/05 - pág. | 3 | Seção **Informe Especial****Bom dia, Ana Alvarez****Foto**

Doutora em ciências médicas pela USP e autora de Cresça e Apareça (Record, R\$ 24,90)

Informe Especial – Como podemos descobrir nosso potencial?

ANA – Só diante de imenso desejo de ser sucesso, ou diante de uma grande dificuldade, de

um grande choque, de uma boa surpresa, de um imprevisto: é como se todos precisássemos de um toque do estranho, do fora da rotina para ter uma idéia do que somos capazes.

IE – Como podemos aprimorá-lo?

ANA – Com vontade, esforço e persistência é possível crescer e ser sucesso. O primeiro passo é manter a saúde em dia. Depois, é descobrir que tipo de aprendiz você é, fazer um pla-

nejamento, treinar a atenção, selecionar informações, sistematizar as informações e transformá-las em conhecimento e usá-lo com criatividade.

IE: Uma boa memória faz a diferença?

ANA – Sim, sempre faz: a eficiência do processo de memorização diferencia, sem dúvida, os profissionais bem sucedidos. Todos nós temos capacidade de aprender.

Texto 12: 24/11/05 - pág. | 3 | Seção **Informe Especial****Bom Dia, Buddy Guy****Foto**

Bluesman, 69 anos, que toca hoje na capital.

Informe Especial – Um blueseiro é como o vinho, quanto mais tempo passa melhor ele fica...

GUY – (*risos*) É o que dizem, mas não é bem assim. Há

vinhos que duram para sempre, mas o blues não é assim

IE – Você já disse: “Blues é como cartão de crédito. Não saio de casa sem ele.” O que você faria se não pudesse cantar e tocar o Blues?

GUY – Nasci numa fazenda, meus pais trabalhavam, trabalhavam e trabalhavam, e essa lição eu aprendi deles. Eu trataria de criar meus netos, mas ficaria perto do blues o máxi-

mo que pudesse, do jeito que pudesse.

IE – Em Porto Alegre (2000), você saiu do Auditório Araújo Vianna tocando sua guitarra dentro de um carro. E hoje, alguma surpresa?

GUY – (*risos*) Não sei, não planejo nada disso. O que digo é que farei qualquer coisa para que o público brasileiro fique feliz. Toco minha guitarra para que todos fiquem felizes.

Texto 13: 25/11/05 - pág. | 3 | Seção **Informe Especial****Bom dia, Rodolfo Pinho da Silva****Foto**

Veterinário do Centro de Recuperação de Animais Marinhos do Museu Oceanográfico (Rio Grande) e integrante da ONG internacional Ifaw, 41 anos.

Informe Especial – O que causou o derrame em Antofagasta (Chile), onde você está?

Da Silva – O choque do navio cargueiro Eider, de Hong Kong, contra as rochas há três semanas.

IE – Quantos animais já foram afetados e salvos até agora?

Da Silva – Temos notícias de que 13 tartarugas morreram e 41 pelicanos não puderam ser resgatados. Desde que chegamos, salvamos 28 animais: 24 pelicanos, 3 gaivotas e 1 pinguim.

IE – Por que você foi convidado?

Da Silva – O convite partiu da Universidade de Antofagasta ao International Fund for Animal Welfare – Ifaw (www.ifaw.org) eu faço parte do Emergency Relief Team. A

Ifaw é uma ONG e um de seus trabalhos é manter um time internacional para agir em derramamentos internacionais.

IE – Qual a sensação de viajar o mundo ajudando a salvar o ambiente?

Da Silva – A sensação de estar colaborando para um mundo melhor e saber que nosso trabalho, não só de reabilitação dos animais, mas também de capacitação das pessoas no momento da emergência, é de extrema importância para a preservação das espécies.

PINTURA EM MOVIMENTO

Margs exhibe obras de Abraham Palatinik, mestre da arte cinética

Foto

Mecanismos invisíveis para o espectador movimentam hastes e círculos em obras de Abraham Palatinik: mostra segue no Margs, na capital, até 4 de dezembro

EDUARDO VERAS

Só tem mais uma semana de 5ª Bienal do Mercosul, e há artistas na amostra – como Abraham Palatinik ou Lúcia Koch – que vão exigir mais de uma visita.

Não porque eles merecem ser vistos e revistos – claro que merecem.

O caso é que o trabalho da porto-alegrense Lúcia, no Armazém A4 do Cais do Porto, muda de configuração conforme a luminosidade do dia – ou da noite. Os de Palatinik, na pinacoteca do Margs, acionados por delicados mecanismos, têm exibição alternada: dois deles são ligados somente pela manhã e desligados à tarde, um terceiro só funciona pela tarde, depois de ter descansado toda a manhã. O próprio artista recomendou o repouso.

Reconhecido internacionalmente como um dos pioneiros da arte cinética, Abraham Palatinik é uma personalidade referencial – e singular – da arte brasileira. Inaugurou um caminho que teve repercussão na Europa e nos Estados Unidos e que, no Brasil, foi ecoar em artistas contemporâneos como o jovem Milton Marques, de Brasília.

Porto Alegre pôde conferir a sofisticada produção de Palatinik na 1ª Bienal do Mercosul, em 1997, quando ele mereceu uma

sala especial na Casa de Cultura Mário Quintana e na coletiva *Hiper*, no ano passado no Santander Cultural.

São trabalhos entre a pintura e a experimentação científica: desde os bastidores, engrenagens acionam luzes ou colocam hastes e círculos em movimento. Diante das obras, o espectador é convidado a perceber pequenas variações determinadas pelo engenho do artista. Nascido em natal, no Rio Grande do Norte, filho de judeus russos, Palatinik tem 77 anos e continua trabalhando. Atualmente, refaz projetos dos anos 60 que nunca haviam saído do papel.

| Entrevista | Abraham Palatinik
ARTISTA PLÁSTICO

“O trabalho é ele mesmo”

No início da tarde de ontem, desde sua casa no bairro da Urca, no Rio, Abraham Palatinik conversou por telefone com Zero Hora.

Zero Hora – O senhor costuma ser saudado como um dos pioneiros da arte cinética. Mas há mais coisas em jogo no seu trabalho além do movimento: como um pedido de contemplação, por exemplo. O sujeito tem que ficar parado algum tempo ali na frente para acompanhar cada mudança sutil que vai se passando no trabalho. O senhor concorda?

Abraham Palatinik – Sim. É isso mesmo. Quando eu faço os trabalhos a intenção é atingir os nossos sentidos. Não é algo que represente outra coisa. Deve representar ele mesmo. Penso em uma pintura figurativa: o que está representado não está no quadro, está na nossa cabeça, a gente reconhece. O meu trabalho é fazer com que o trabalho represente ele mesmo, e não uma outra coisa.

ZH – Nos seus trabalhos, seja nos cinéticos ou nos cinecromáti-

cos, sempre aparece com muita força a cor e a composição. O senhor pensa como um pintor?

Palatinik – Eu comecei a minha vida como pintor, desde os 12 anos de idade. É muito tempo. Eu continuo pintando. Depois de uma visita que fiz ao Hospital de Engenho de Dentro, vi o trabalho feito pelos esquizofrênicos, percebi que o que eles faziam tinha uma sintonia perfeita: imagem e linguagem eram uma coisa só, vinha das profundezas do inconsciente. A minha atuação era por estímulos externos, eu ainda era um pintor figurativo. Comparei o que eles faziam e o que eu estava fazendo, cheguei a conclusão que teria de abandonar a pintura, eu jamais conseguira fazer algo tão fantástico quanto aquilo.

ZH – Como superou o impasse?

Palatinik – Felizmente, encontrei o Mário Pedrosa (*crítico de arte e curador*), contei a ele o meu problema, ele riu, disse que era muito importante conhecer outros aspectos da forma, me sugeriu a leitura de textos da cibernética, de teoria da percepção, psicologia da forma... Não sei, senti que o meu inconsciente era pobre, eu tinha 20 anos, mas não estava tão vazio assim. Não poderia fazer algo fantástico como os pacientes do hospital psiquiátrico, mas eu tinha uma bagagem de conhecimentos de mecânica. De repente, resolvi acionar alguma coisa no espaço, que fosse real e não uma representação de outra coisa, um movimento que acontece mesmo. Comecei a pesquisar luz e movimento. Em vez de tintas e pincéis, fiquei cercado de engrenagens, motores, articulações.

ANEXO B – ENTREVISTAS NOTICIOSAS

Texto 15: 22/11/05 - pág. | 43 | Caderno: Polícia

| Entrevista | **Márcio Gonçalves**
SECRETÁRIO EXECUTIVO DO
CNCP

**“O Brasil é o que mais
combate a pirataria”**

Foto

Márcio Gonçalves, do Conselho Nacional de Combate à Pirataria

JOSÉ LUIZ COSTA

Apreensões de pirataria em alta e preços de produtos originais em baixa são duas iniciativas com melhores resultados no enfrentamento do contrabando e da falsificação no Brasil. O tema foi abordado ontem em Porto Alegre por Márcio Gonçalves, secretário executivo do Conselho Nacional de Combate à Pirataria (CNCP), organismo do Ministério da Justiça.

Palestrante do Seminário sobre Pirataria, Fraudes e Violação à Concorrência, Gonçalves disse que o Brasil tirou de circulação em 12 meses US\$ 87 milhões de produtos ilegais, cifra sem parâmetro mundial. Afirmou que, em 2005, o governo se dedicou a Foz do Iguaçu (PR). “a pior porta do contrabando”.

As apreensões na fronteira com o Paraguai cresceram 130% neste ano e o comércio ilegal

reduziu 60%. Abaixo trechos da entrevista concedida na sede da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul.

O seminário que se realiza na Academia da Polícia Civil, termina hoje com oficinas para orientar servidores da área de segurança pública a diferenciar produtos falsos dos originais.

Zero Hora – Ao ser criado, no ano passado, o CNCP anunciou 99 ações para combater as fraudes. Quantas estão sendo implementadas?

Márcio Gonçalves – trinta e duas.

ZH – Qual a de maior destaque?

Gonçalves – Ações conjuntas entre os órgãos de repressão. Atacamos primeiro o pior ponto de entrada de produtos irregulares no Brasil, a região de Foz do Iguaçu. Os comboios de ônibus não existem mais e aumentaram em 130% as apreensões.

ZH – Que outras medidas foram tomadas?

Gonçalves – O incentivo ao setor produtivo para fabricar artigos voltados para a linha popular é uma ação importante.

ZH – Quais são os produtos?

Gonçalves – O Atlético Paranaense lançou uma linha de camisetas oficiais do time que são vendidas com nota fiscal para os camelôs que revendem a R\$ 20,00. O cantor Ralf (*da dupla Christian & Ralf*) está vendendo CDs originais direto para camelôs, revendidos por R\$ 4,00 para competir com o CD pirata. Outro exemplo é o DVD do filme *Os Incríveis*. Deveria custar R\$ 80,00 no Brasil, mas a produtora vendeu a 39,90 e se tornou campeão de vendas.

ZH – E a ameaça dos EUA em rejeitar as importações em represália à pirataria de artigos americanos no Brasil?

Gonçalves – Não recebemos informações oficiais, mas a expectativa é que o processo acabe. O Brasil é o país que mais combate a pirataria no mundo.

ZH – A Receita Federal ganhará mais recursos para enfrentar o contrabando no Rio Grande do Sul e nos outros estados?

Gonçalves – Existe previsão de aporte financeiro para que a Receita se equipe melhor nas portas de entrada do país. São R\$ 900 milhões. É um investimento inédito.

| Entrevista | **Roberto Arreada Loreia**
JUIZ DE DIREITO

Juiz defende discriminação do aborto

Foto (central) –

Juiz propõe mudanças na legislação

Em audiência pública na Câmara dos Deputados, ontem, o juiz de Direito Roberto Arriada Lorea, 40 anos, fustigou um dogma da Igreja Católica: pregou a discriminação do aborto. Titular da 2ª Vara de Família em Porto Alegre, Lorea já havia se notabilizado por defender a retirada dos crucifixos das salas dos júris e por reconhecer o casamento entre homossexuais.

Doutorando em Antropologia, é vice-diretor do Departamento de Cidadania e de Direitos Humanos da Associação dos Juizes do Estado (Ajuris).

Confira trechos da entrevista, concedida por telefone:

Zero Hora – Por que o senhor propõe que o aborto não seja crime?

Roberto Arriada Lorea – A constituição, no seu artigo 5º, não recepcionou a doutrina da proteção jurídica da vida desde a sua concepção. Há outros fundamentos jurídicos. Uma resolução da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, de 1981, a partir de um caso que teve origem nos EUA, afirmou que o direito ao aborto não viola o Artigo 1º da Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem. Também deixa que claro que o direito ao aborto não viola o Artigo 4º da Convenção

Americana dos Direitos Humanos. Esses fundamentos jurídicos raramente vêm à discussão no Brasil. Isso seria importante.

ZH – Por que o senhor defende a discriminação?

Lorea – Nosso Código Penal é de 1940. é preciso que os legisladores, os governantes e também os magistrados pensem a respeito de um pacto social. nos últimos anos, tem se produzido uma mortandade materna muito grande. Estima-se que entre 750 mil a 1 milhão de abortos sejam praticados por ano no Brasil. Boa parte por pessoas sem habilitação e com falta de higiene. Mulheres não deixam de fazer aborto em função de legislação proibitiva. No Brasil, a punição que pode haver, é ela pagar com a própria vida.

ZH – Quem seria beneficiado com a discriminação?

Lorea – No Brasil, o Artigo 5º da constituição começa dizendo que todos são iguais perante a lei, o que é uma falácia. Não vivemos numa cultura jurídica igualitária, mas sim, numa cultura jurídica monárquica. Existem nós e eles. Nesse país a única hipótese de aborto legal é a de que pertença à elite socioeconômica. Quem tem recursos tem acesso garantido ao aborto seguro. Nessa elite, se incluem legisladores, governantes, magistrados e membros do MP. Estou afirmando com isso que, na hipótese de uma gravidez indesejada, eles terão acesso ao aborto seguro. O que acontece hoje no Brasil? Quem precisa que haja reformulação na legislação não tem poder e quem tem poder não precisa fazer a reforma.

ZH – Como os seus colegas vêem a sua posição?

Lorea – É uma luta difícil. A questão do aborto é polêmica.

ZH – Como o senhor acha que a igreja católica vai reagir?

Lorea – Estamos falando dos católicos, dos fiéis ou da cúpula, da hierarquia da Igreja Católica? Uma pesquisa do Ibope apontou que 86% dos filhos de católicos apóiam a separação entre Igreja e Estado.

Polêmica

A opinião da Igreja Católica Com mestrado em Teologia Moral por Roma, o padre João Manoel Piccoli, Discorda da Posição do juiz Roberto Arriada Lorea. Padre Piccoli é membro do Comitê de Ética e Pesquisa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

“A Igreja respeita a liberdade de opinião de cada um, procura o diálogo com as diferentes áreas, como a do direito e a da medicina, mas é categórica no que diz respeito à defesa da vida..

não pode abrir mão do postulado da vida, que é um dom de Deus. Já em 1974, a Congregação para a Doutrina da Fé se manifestou a favor da vida, em todos os seus estágios. Depois na eclicla Evangelho da Vida, o papa João Paulo II se posicionou contra o crime abominável do aborto.

A vida humana começa no momento da fecundação e só termina com a morte cerebral. E só Deus tem o poder de alterar esse decurso.”

| Entrevista | Padre Erni Recktenwald
BALEADO POR ASSALTANTES

O padre que sofreu cinco assaltos

Foto (final)-

No último assalto, padre Erni reagiu e levou uma coronhada na cabeça.

MARCELO ERMEL

Surpreendido por dois ladrões no pátio da paróquia Santa Catarina, onde trabalha e mora na zona norte de Porto Alegre, o pároco Erni Antônio Recktenwald, 44 anos, engalfinhou-se com um dos assaltantes, foi agredido e baleado na perna esquerda.

Em 18 anos de sacerdócio, o padre foi vítima de cinco assaltos, nos quais já perdeu dois carros (um fusca e um gol). Natural de Bom Princípio, lembrou ontem os momentos de pavor vividos na segunda-feira, quando diz ter reagido por instinto.

Zero Hora – Em que momento o senhor decidiu reagir?

Padre Erni Recktenwald – A missa tinha terminado e fiquei no

pátio, sem a batina, sentado na escada das salas de catequese. Vi um rapaz pular a grade com um revólver na mão.

ZH – O que ele queria?

Padre Erni – Ele disse: “Vai para a casa”. E eu falei: “Vamos para a igreja”. Levei uma coronhada na cabeça. Tentei simular um desmaio. Mas ele quis pegar a chave da casa da minha mão. Quando cheguei à porta da igreja, dei uma voadora e gritei por socorro. Aí veio o tiro. Acho que para me marcar, pois eu não colaborava.

ZH – Autoridades recomendam nunca reagir...

Padre Erni – A gente prega isso, mas ninguém tem direito de julgar os outros. Fiquei com medo de ser levado para a casa e ficar sozinho com dois bandidos. Na igreja tinha uns 10 paroquianos ensaiando cantos. Já sofri cinco assaltos, um deles aqui em casa e em outro fui seqüestrado, em Santo Antonio da Patrulha, em 1990 e nunca reagi.

ZH – O fato do senhor ser uma vítima pode chamar a atenção das autoridades?

Padre Erni – Acho que vai melhorar. Não quero ser vítima, quero ajudar. Nossos paroquianos são assaltados em paradas de ônibus. Mulheres perdem a bolsa e operários ficam sem o vale-transporte.

ZH – O senhor vai tomar cuidados?

Padre Erni – Temos alarme monitorado e agora um segurança vai ficar aqui durante a noite.

ZH – Qual será sua atitude se ocorrer outro assalto?

Padre Erni – Não estou preocupado com isso. Não me sinto perseguido. Meu pai ligou e disse para eu pedir transferência daqui, mas eu disse que o perigo está em todo lugar.

ZH – O senhor perdoa seu agressor?

Padre Erni – **Sim. O papel do religioso é construir a paz. Não desejo mal para os outros. Gostaria que essas pessoas tivessem Deus no coração. O problema maior é a droga e a falta de emprego para os jovens.**

| Entrevista | **José Hermeto Hoffmann**

EX-SECRETÁRIO DE AGRICULTURA DO GOVERNO OLÍVIO

Uma escola chamada Jóia

“Ficou a lição: é necessário sincronia entre a investigação policial e a emergência sanitária”

CARLOS WAGNER

Virou escola a experiência gaúcha de lidar com o vírus da febre aftosa, que no ano 2000 liquidou o rebanho de Jóia, uma pequena cidade agrícola do norte do Estado. Os erros e acertos dos técnicos no caso de Jóia estão orientando seus colegas em Mato Grosso do Sul, onde há 24 focos, e no Paraná, com suspeita de quatro.

O agrônomo José Hermeto Hoffmann, secretário da Agricultura e do Abastecimento do governo gaúcho na época da doença em Jóia, avalia que a origem de contaminação é a mesma, antes e hoje. O Paraguai. Confira trechos da entrevista.

Zero Hora – Cinco anos depois, foi esclarecido como a aftosa chegou em Jóia?

José Hermeto Hoffmann – O inquérito policial não foi concluído por falta de prova. Os três touros suspeitos de terem sido contrabandeados com a doença do Paraguai foram sacrificados, e as carcaças misturadas às de outros animais.

ZH – A destruição da prova ocorreu devido ao calor dos fatos?

Hoffmann – Sim. Os técnicos precisavam ser rápidos. A burocracia policial não conseguiu acompanhar. Ficou a lição: é necessário sincronia entre a investigação policial e a emergência sanitária.

ZH – O senhor está acompanhando o que ocorre em Mato Grosso do Sul?

Hoffmann – Com interesse. Em comum, temos o mesmo foco de contaminação: o Paraguai. Com uma grande diferença.

ZH – Qual?

Hoffmann – Na nossa época, o ministro da agricultura (*Pratini de Moraes*) era autoritário. Logo depois do surgimento do foco de

Jóia, foi decretado o isolamento do Rio Grande do Sul por seis meses. O atual ministro (*Roberto Rodrigues*) está fazendo o contrário, está muito flexível: deixa o bate-boca entre os estados. O caso de Santa Catarina é um exemplo.

ZH – Como assim?

Hoffmann – Foi uma decisão política não vacinar em Santa Catarina. O governo Lula deveria ter negociado para restabelecer a vacinação. Isso evitaria que o rebanho catarinense se transformasse em uma bomba-relógio apontada para nós.

ZH – Qual a sua opinião sobre as medidas preventivas tomadas no Estado?

Hoffmann – A situação é complicada. Não temos mais agulha oficial (*veterinários*), enfrentamos os problemas de fronteira e temos Santa Catarina que não vacina. Acredito que haja produtores vacinando por conta. Onde tudo isso nos conduzirá, eu creio que é uma resposta que já sabem.

Segurança Pública

Prefeituras contra o crime

foto

Policimento comunitário de Rio Grande, criado por parceria entre prefeitura e Brigada Militar, conseguiu reduzir ataques a ônibus nos bairros em que atua

Caroline Torma

Uma nova polícia começa a ganhar força nos municípios gaúchos. Fardada e em vias de ser armada, a guarda municipal é a resposta das prefeituras ao avanço da criminalidade.

Dos 19 municípios gaúchos com mais de 100 mil habitantes, 10 têm secretarias de segurança pública e três estão com projetos em andamento.

Com exceção de Novo Hamburgo, cuja guarda municipal foi fundada em 1992, os demais projetos são posteriores a 2000 e foram motivados pelo Fundo Nacional de Segurança Pública.

Trata-se de uma iniciativa nacional para municipalizar a gestão da segurança. O governo federal disponibiliza recursos às cidades e, para recebê-los, é preciso ter uma secretaria específica. São privilegiados municípios com maior população e altos índices de homicídios.

Na capital já são 800 guardas, que brevemente estarão armados depois de um treinamento de 80 horas em convenio com a Brigada Militar, conforme prevê o estatuto do desarmamento. Em Novo Hamburgo, os 206 agentes trabalham com revólveres calibre 38 e têm 12 automóveis e 14 motocicletas à disposição. Rio Grande e Canoas também pretendem armar seus funcionários.

- É um fenômeno nacional e tende a crescer a cada ano. Entretanto, a função está sendo distorcida – avalia o sociólogo Rodrigo de Azevedo, professor do mestrado em Ciências Criminais da PUCRS.

Segundo ele, a guarda não deveria ter ação ostensiva – função da Brigada Militar – mas ser uma mediadora entre comunidade e forças policiais. Entretanto, os municípios acabam se sentindo pressionados a agir.

Policimento Comunitário é saída em Rio Grande

No sul do Estado, a guarda municipal está ajudando o policiamento ostensivo em Rio Grande e reduzindo a violência. Das 21h às 7h, viaturas da Secretaria Municipal de Segurança, Trânsito e Transportes, com um agente no volante e um PM na carona, circulam por quatro bairros.

Batizado de Programa de Segurança Comunitário, em poucos meses o projeto quase fez desaparecer assaltos a ônibus nos bairros onde as equipes atuam, segundo o coando da BM no município.

De acordo com o Secretário de Segurança, Enoc Guimarães, o projeto-piloto se iniciou em julho em um bairro e, pela eficácia, foi ampliado.

Os Municípios que já têm secretaria

Veja a situação dos maiores municípios gaúchos, conforme levantamento feito por Zero Hora nas cidades com mais de 100 mil habitantes.

Alvorada (não)	Pelotas (não)
Bagé (não)	Porto Alegre (sim)
Bento Gonçalves (proj)	Rio Grande (sim)
Cachoeira do Sul (não)	Sta Cruz do Sul (sim)
Canoas (sim)	Sta ária (sim)
Caxias do Sul (proj)	São Leopoldo (sim)
Gravatá (sim)	Sapucaia do Sul
Guaíba (não)	Uruguaiana (sim)
Novo Hamburgo (sim)	Viamão (não)
Passo Fundo (proj)	

GUARDAS MUNICIPAIS

Confira onde há guarda municipal nas ruas, conforme a Brigada Militar. Quando não há secretaria de segurança, a estrutura é ligada à pastas cõo a administração:

Canoas	Porto Alegre
Caxias do Sul	Rio Grande
Estância Velha	Santa Cruz do Sul
Gravatá	Santiago
Montenegro	São Leopoldo
Novo Hamburgo	Sapucaia do Sul
Pelotas	Vacaria

A posição da SJS

O que diz a Secretaria da Justiça e da Segurança, por meio da Assessoria de Imprensa.

A Secretaria da Justiça e da Segurança acha oportuna toda e qualquer iniciativa que colabore com a segurança pública. A SJS tem incentivado a participação das comunidades com criação e ampliação das atividades dos Consepros. As atividades da Brigada Militar e da Polícia Civil são

definidas pela Constituição Federal e não podem ser alteradas. O que não impede ações que contribuam com os órgãos policiais.

| Entrevista | **Ben-Hur Marchiori** | SECRETÁRIO MUNICIPAL DE SEGURANÇA DE CANOAS E DELEGADO DE POLÍCIA APOSENTADO

“Guarda desarmado é alvo fácil”

Aposentado da Policia Civil, o delegado Ben-Hur Marchiori é, desde 2002, o comandante da Secretaria Municipal para Assuntos de Segurança pública de Canoas, na região metropolitana. Sob sua coordenação estão 140 guardas municipais e 35 estagiários que atuam na delegacia da cidade.

Zero Hora – A segurança não é obrigação do Estado?

Ben-Hur Marchiori – Os Prefeitos que têm essa consciência, e podem, devem trabalhar com a segurança.

ZH – Como funciona o trabalho da guarda em Canoas?

Marchiori – Não interferimos na segurança do Estado. Participamos de blitzes com as policias. Os guardas fizera treinamento na BM, de defesa pessoal, armarmento e prevenção de incêndios.

ZH – eles atuam armados?

Marchiori – Estamos em processo para armá-los. Guarda fardado e sem arma é alvo fácil.

ZH – E os resultados?

Marchiori – Segundo a SJS, em 2002, Canoas estava entre as cinco cidades mais violentas do estado. Hoje, na maioria dos delitos não aparece nem entre as 20.

Texto 20 – 16/11/05 - | 8 | Segundo Caderno / Novela >

| Entrevista | **Mário Prata** |
AUTOR DA NOVELA “BANG
BANG”

“Vou ficar só dando palpite”

Menos de um mês após a estréia de Bang bang, em 3 de outubro, o autor Mário Prata pediu licença para tratamento médico. A idéia era ficar afastado por um tempo, mas agora Prata confirma: “Não volto ais. Vou continuar só de longe, dando palpite”.

Foto

Mário Prata diz que pretende descansar e que não vai escrever mais novelas

Pergunta – Você não vai mais escrever Bang bang?

Mário Prata – Me afastei por causa de uma tendinite, mas agora descobri a causa do problema: estou com osteoporose. Lá no exame diz que é precoce. Meu médico até comemorou, porque ele sabe que tipo de tratamento devo fazer. Então agora eu só quero me cuidar. Continuo contratado da Globo, mas novelas nunca mais. Quando eu escrevia elas tinham no máximo 20 páginas. Agora elas têm mais de 40.

Pergunta – Mas você escrevia sozinho?

Prata – Eu tinha colaboradores, mas ficava louco tendo que controlar a equipe. Agora entendo porque a Glória Perez escreve sozinha.

Pergunta – E o que você está achando do trabalho que sua equipe está fazendo agora sem você no comando?

Prata – Até a semana passada a história estava escrita por mim. Escrevi até o 30 e deixei projetados os próximos 20. Por enquanto, é como se eu ainda estivesse escrevendo.

Pergunta – Mas você não sentiu nenhuma mudança na exibição?

Prata – Fizeram retoques, mas nada grave. Li agora um capítulo e morri de rir com um diálogo. É muita comédia, mas não estão desvirtuando. E o acordo é que eu não mexeria em nada. Vou ficar em Florianópolis, cuidando da saúde e me divertindo assistindo à novela.

Texto 21 – 17/11/05 - | 37 | Caderno: Geral >**Afogamento****Bombeiro salva família da morte**

Estrela

TAÍS GRÜN

Em menos de cinco minutos, uma tragédia que poderia ter marcado o feriado para uma família gaúcha foi evitada graças a um bombeiro.

De folga, Paulo Roberto da Silva, 34 anos, salvou pai, filho e um primo deles de morrerem, afogados em um arroio em estrela, no Vale do Taquari.

O Resgate, sem qualquer equipamento de segurança, ocorreu na terça-feira à tarde, quando o bombeiro viu o caminhoneiro Alex Soares Santos, 31 anos, o filho dele Felipe Alves Santos, 11 anos,

e o primo dele Éder da Silva, 17 anos, se afogando no Arroio Estrela, abaixo da cascata da Santa Rita. O poço tem cerca de seis metros de profundidade.

Acompanhado da mulher Margarete da Silva, 31 anos, o soldado do Corpo de Bombeiros de Lajeado aproveitava o dia livre no local, bastante freqüentado no verão e transformado em patrimônio natural do município no início desta semana.

– Caminhei até a queda da cascata e vi os três se debatendo na água. Um tentava ajudar o outro. Eu não tinha nenhuma bóia mas o que vi era uma emergência. Não tive dúvidas, pulei de uma altura de sete metros para tentar salvá-los – conta o bombeiro.

Quando Silva Chegou até as vítimas, duas já estavam submersas. O bombeiro conseguiu resgatar todas, mergulhando e as levando até a margem, onde um parente

dos três ajudava a puxá-los para fora do arroio. A ação durou aproximadamente quatro minutos.

Em 13 anos de trabalho como salva-vidas em balneários do interior e do litoral gaúcho, Silva já havia efetuado 213 salvamentos. Ele diz que nunca teve de arriscar tanto a própria vida pelas vítimas.

– Lá pelas tantas, enquanto resgatava, me senti exausto e pensei que não conseguiria mais. Hoje (*ontem*), depois que tudo passou, me sinto realizado e acho que até u pouco herói, né? – disse Paulo Roberto.

Ontem à tarde, depois de passado o susto, o bombeiro foi à casa de Éder, em Estrela. Foi o momento das vítimas retribuírem a ação do anjo da guarda delas com um gesto de agradecimento.

Foto

Ontem, o bombeiro (de preto) se reencontrou com Felipe, Alex e Éder (da E para D) na casa da família em Estrela.

| **Entrevista | Alex Soares Santos**
CAMINHONEIRO RESGATADO PELO
BOMBEIRO

“Foi uma situação horrível”

Alex Soares Santos é Morador de Canoas e passava o feriadão na casa de parentes em Estrela. Ontem ele falou ao ZH por telefone.

Zero Hora – Em que momento vocês começaram a se afogar?

Alex Soares Santos – O Éder nadou até uma pedra no meio do poço. O meu guri (*Felipe*), que não

sabe nadar ficou brincando próximo a margem, a um metro e meio de onde eu estava. Eu não sabia que era tão fundo. Ele (*Felipe*), caiu na água. O Éder nadou de volta, só que os dois começaram a se afogar.

Zero Hora – Foi quando o senhor entrou na água?

Santos – Mesmo não sabendo nadar, não hesitei em entrar, tinha de salvar meu filho e meu primo. Cheguei a ficar mais de 2 minutos debaixo da água. Foi uma situação horrível.

Zero Hora – Qual o sentimento agora?

Santos – Estamos aliviados e agradecidos. Se não fosse pelo bombeiro, talvez não estivéssemos mais vivos.

Proteja-se

Dicas para evitar afogamentos

- Ao entrar na água, tenha sempre ao alcance um material flutuante (como bóias e coletes)
- Evite frequentar campings em grupos pequenos
- Se não souber nadar, não se arrisque, principalmente se não houver um salva-vidas por perto
- Evite os banhos em águas profundas e com forte correnteza
- Respeite as placas que orientam sobre a profundidade das águas e que demarcam áreas próprias para o banho

Fonte: Corpo de Bombeiros de Lajeado.

Texto 22 – 18/11/05 - | 57 | Caderno: **Polícia** >

Porto Alegre

Segundo morador, policial se negou a perseguir assaltante e valão

PM teria cedido arma e colete a vítima de roubo

GISELE LOEBLEIN

De nada adiantou o morador do bairro Jardim Ingá, zona norte de Porto Alegre, esperar durante meia hora a chegada da Brigada Militar para socorrê-los em um assalto.

Os dois policiais que chegaram em uma viatura teriam se negado a perseguir o ladrão, escondido no valão da rua Sezefredo Ignácio de Oliveira.

Não bastasse a recusa dos PMs, o filho da vítima, um jovem de 20 anos, afirma ainda ter recebido o colete e a pistola de um dos policiais para ir atrás do suspeito. A versão foi confirmada por outros moradores.

Ele me disse: “Tu tens cinco minutos para entrar” – relatou o rapaz que, por medo de represálias, pediu para não ser identificado.

A mãe do jovem – que também pede o anonimato – foi assaltada por volta das 22h30min de quarta-feira, quando

chegava em casa, na avenida Manoel Elias. Ela teve a bolsa com documentos, dinheiro, carteira e celular arrancada por dois ladrões.

Logo depois de ser atacada, a mulher conta que começou a gritar, por socorro. Um dos ladrões, aparentando 17 anos, fugiu em direção ao valão. A Brigada Militar foi acionada pelo 190, segundo a vítima, por volta das 22h40min.

Outros dois vizinhos, que pediram também para não serem identificados, viram a movimentação e contam que chegaram a entrar no valão, mas desistiram da perseguição “por medo que o ladrão estivesse armado”.

Quando a BM chegou, cerca de 30 minutos depois do chamado, foi avisada sobre o esconderijo do ladrão. Segundo o filho da vítima, os policiais teriam dito que “não entrariam no valão para não se sujar”.

Acompanhado do vizinho, o filho da vítima decidiu sair no encalço do bandido. Foi neste momento, segundo o rapaz, que o policial entregou a pistola e o colete para ele: - Eu ainda disse ao PM: “Tu sabes que se eu matar alguém a responsabilidade vai ser tua”.

Ele conta que ficou por mais uma hora no valão. Com água na altura do joelho, o filho da vítima desistiu da busca quando perdeu a lanterna que carregava. Ao voltar, devolveu o colete e a arma para o policial.

gisele.loeblein@diariogaucho.com.br

Contraponto

O que diz o major Jéferson de Barros Jaques, comandante da 2ª Companhia do 20º Batalhão da Polícia Militar

Ele (o PM) deverá prestar esclarecimentos e, se ficar provado que agiu da forma descrita pela vítima, será penalizado, afirmou o major. Segundo ele, o soldado que atendeu a ocorrência negou que tivesse emprestado colete e arma. Ao comandante, o soldado (cujo nome não está sendo divulgado até a BM apurar os fatos) disse que esteve no local, fez averiguação e só então saiu. Segundo o major, houve demora no atendimento da ocorrência em “função de outros chamados no mesmo horário”.

FOTO

O valão por onde o ladrão fugiu depois de atacar uma mulher no Jardim Ingá

| **Entrevista | Jovem** |

VÍTIMA QUE PERSEGUIU O LADRÃO

“Como cidadão, eu me senti lesado”

Além das roupas sujas, ontem de manhã, o jovem de 20 anos que teria usado a arma e o colete de um PM

para perseguir um ladrão trazia arranhões no corpo, resultado da incursão no valão. O rapaz contou o que o levou a sair no encalço do bandido.

Zero Hora – Como você se sentiu ao entrar no valão?

Jovem – Na hora me bateu uma coragem, além da sensação de responsabilidade por estar com uma arma que não é minha.

ZH – E diante da recusa do policial?

Jovem: Como cidadão eu me senti lesado quando o policial disse que não iria entrar no valão para não se sujar. Essa função de ir atrás do bandido não era minha.

Texto 23 – 19/11/05 - | 42 | Caderno: Esportes >

Hora da Decisão

FOTO

O Inter foi mobilizado por Muricy pela manhã; à tarde, o clube foi sacudido pela liminar de torcedor acolhida na justiça

Jogo de cena no tapetão

Um novo e inesperado ingrediente apimentou ainda mais o jogo decisivo do Brasileiro 2005.

Dois dias antes do aguardado confronto entre Inter e Corinthians, a justiça estadual gaúcha suspendeu os efeitos da anulação de 11 jogos apitados pelo ex-árbitro Edílson Pereira e Carvalho. A medida reconduziria o Inter à liderança do campeonato, um ponto à frente do Corinthians. No momento, o presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), Luiz Zveiter, já avisou que não vai acatar a decisão.

Ação foi ajuizada na quinta-feira pelo torcedor Leandro Konrad Konflanz. A juíza Munira Hanna, da 1ª Vara Cível, em Porto Alegre, varou

a madrugada para estudar o caso. Disse que a decisão foi embasada no Estatuto do Torcedor, na Constituição e em peças do processo (fitas, entrevistas).

Munira expediu a decisão ontem mesmo para a CBF, que está obrigada a cumpri-la sob pena de pagar multa de 100 mil por dia. Até o início da noite, a CBF informou que não havia sido notificada. Segundo a entidade, uma determinação do Superior Tribunal de Justiça (STJ), em Brasília, já definira o Rio como fórum competente para julgar questões do âmbito da CBF.

Zveiter afirmou que a classificação do Brasileiro não sofrerá alteração. Segundo o presidente do STJD, uma outra liminar – pedidas por torcidas organizadas de Fluminense, Botafogo e Vasco – já tinha sido emitida pela justiça do Rio, na qual a CBF acataria a decisão de suspender as partidas.

– A liminar emitida no Rio é a que vale. Portanto está mantida a decisão do STJD e o campeonato continua normalmente com a anulação dos 11 jogos – afirmou Zveiter.

Assim que soube da liminar, o presidente Fernando Carvalho agiu rápido. Convocou uma entrevista coletiva para afirmar que o clube nada

tem haver com a ação do torcedor na Justiça. Queria eliminar qualquer insinuação de uso de laranja pelo clube, o que é passível de punição pela Fifa até com rebaixamento. Zveiter já declarou que se algum time recorresse à Justiça por meio de terceiros seria excluído do Brasileiro.

O advogado do Corinthians João Zanforlim interpretou a notícia de ontem como parte da guerra de nervos da decisão.

– Foi apenas uma medida para criar um clima psicológico para o jogo de domingo. Já era esperado esse tipo de coisa.

O que diz Carvalho

– Obedecemos à CBF. O que ela decidir acataremos. O Inter se considera três pontos atrás do Corinthians. Não podemos impedir um torcedor ou sócio de ingressar na Justiça. Aliás, sempre fui contra o Estatuto do Torcedor por isso.

Tabela com resultados antigos e os novos resultados dos jogos anulados pela Justiça

| Entrevista | **Leandro Konrad Konflanz**
 ADVOGADO E TORCEDOR DO INTER

foto

Konrad

“Agora eu me sinto justificado”

O advogado Leandro Konrad Konflanz, torcedor do Inter, obteve na 1ª Vara Cível de Porto Alegre liminar que suspende a anulação de 11 jogos do Brasileirão. Natural de Camaquã, o advogado de 26 anos considera assim a justiça restabelecida. Irrresignado com a decisão do presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), Luiz Zveiter, Konrad apelou pelos interesses do clube do coração: - A decisão do Zveiter feriu a dignidade humana. Konrad garante não ser “laranja” do Inter. E Zveiter deu pouca esperança ao colorado. Veja o que diz Konrad:

Zero Hora – Por quê você decidiu recorrer à Justiça?

Leandro Konrad – Como torcedor, eu me senti lesado pela decisão de Zveiter (presidente do STJD), a decisão de anular os 11 jogos contrariou o Estatuto do Torcedor, não obedeceu ao código da Justiça Desportiva e feriu princípios constitucionais como o direito ao contraditório e à ampla defesa e a dignidade da pessoa humana.

ZH – Como Assim?

Konrad – Esta decisão arbitrária do Zveiter frustrou milhões de torcedores e a expectativa que se criou em torno da competição. Tenho acompanhado os jogos desde o início do campeonato, mas uma decisão de gabinete fez com que eu me sentisse um palhaço. Zveiter tem de aprender que esse poder soberano e arbitrário não existe mais.

ZH – Você é sócio do Inter ou locatário de cadeiras no Beira-Rio?

Konrad – Não, não tenho nenhuma vinculação com o

Inter, sou apenas um torcedor colorado. Vou aos jogos na geral do Beira-Rio. Por sinal, estava lá no jogo contra o São Paulo, no qual coloquei um nariz de palhaço como protesto.

ZH – A direção do Inter o ajudou na instrumentalização desta ação?

Konrad – Ninguém do Inter sabia que eu iria ajuizar esta ação.

ZH – Você não teme que esta ação possa prejudicar o Inter, como levar o time ao rebaixamento? Zveiter já anunciou que iria punir os clubes que recorressem à justiça, mesmo que indiretamente.

Konrad – De forma alguma, todo cidadão tem o direito de recorrer ao Judiciário. Nem o Zveiter pode tolher esse direito.

ZH – Como você se sente?

Konrad – Agora me sinto justificado.

Texto 24 – 21/11/05 - | 3 | Caderno: **Meu Filho** >

Meu filho ZH

| Capa |

Pesquisa internacional revela que as crianças brasileiras são as que mais vêem televisão

foto

Marina, cinco anos, tem TV no quarto, mas o acesso está restrito

De olho na TV

MELISSA BECKER

Para preocupação de muitos pais, os brasileirinhos são as crianças que passam mais tempo em frente à televisão, 3h31min por dia, em média.

O dado foi revelado por um estudo que abrangeu nove países pelo instituto de pesquisa francês Eurodata TV: Brasil, EUA, Indonésia, Itália, África do Sul, Espanha, Reino Unido, França e Alemanha (confira ao lado). Os alemães têm a menor média diária, 1h33min.

Na casa de Marina Pereira Lima, cinco anos, o horário já mudou – e incluiu até os pais, a secretária Ione, 37 anos, e o engenheiro químico Alessandro Cauduro Lima, 35 anos. Tanto o tempo em frente às telinhas quanto o conteúdo dos programas chamaram – negativamente – a atenção do casal, e agora toda a família assiste menos televisão.

– No início, foi bem complicado dar limites, até porque a Marina tem TV no quarto. Mas começamos a fazer combinações. Agora, ela assiste pela

manhã, antes de ir para escola, e à noite, ela ainda pode escolher alguma fita pra ver – conta Ione.

Marina fica hoje, duas horas diante da televisão. Antes passava a manhã inteira e, quando chegava em casa depois da escola, ia direto ligar o aparelho novamente. Oferecer livros e outras atividades que a menina gosta, ajudaram a desviar sua atenção da TV.

– Comecei a controlar para que ela pudesse ter outros estímulos – diz a mãe.

Ao criar a rotina dos filhos, alertam os especialistas, os pais podem estabelecer o período da TV, assim como existem as horas do lanche, do tema e do brinquedo. Além disso, os adultos devem estar atentos a conteúdo dos programas a que o pequeno assiste.

TELEMANÍACOS

Quanto tempo as crianças (2 a 15 anos) passam diante da TV (em média diária)?

Brasil – 3h31min

EUA - 3h16min

Indonésia - 3h05min

Itália - 2h43min

África do Sul - 2h38min

Espanha - 2h31min

Reino Unido - 3h24min

França - 2h13min

Alemanha - 1h33min

Fonte: Eurodata TV

Leia na página central entrevista com psicoterapeuta sobre as relações entre criança e televisão

| 3 | **Meu filho** ZH

Ajude seu **filho** a passar de ano

Foto

Vera Lúcia e Germano: parceria em casa para melhorar o desempenho na escola

O piá derrapou nas notas ao longo do ano inteiro. Mas talvez não seja tarde para que ele volte a se concentrar nos estudos. Este pode ser também um bom momento para que os pais reassumam a responsabilidade que cabe a eles. Mas atenção: não espere soluções imediatas. Especialistas advertem que boas notas não são obtidas de uma hora para outra. Para dar um apoio afetivo a seu filho, é preciso ter paciência e compreensão. Valorize os pequenos avanços

Melissa Becker

Final do ano significa aproximação das férias para muitos alunos, mas é sinal de desespero para outros. É a hora em que estudantes com notas vermelhas no boletim precisam correr para garantir os pontos que faltam nas últimas provas e evitar a temida recuperação – ou, ainda pior, a repetência.

Para não estender o período de aulas, o jeito é se esforçar mais ainda. Muitos pais deparam com a dúvida: o que fazer para ajudar o filho a se recuperar na escola? Dizem os especialistas que os adultos devem estar atentos desde o início do ano letivo, mas se a situação se complicou nos últimos meses, cabe intensificar o apoio.

No boletim do estudante da 6ª série Germano Maurello Neves, 12 anos, as notas baixas do 1º trimestre em Português e Matemática acenderam o alerta, e o garoto passou a frequentar as atividades de reforço na escola em que estuda, o colégio Vicentino Santa Cecília, em Porto Alegre. No trimestre seguinte, os resultados nas duas disciplinas melhoraram bastan-

te, mas outras matérias ficaram de lado e não atingiram a média 7, proposto pelo colégio.

– Neste ano dobrei os cuidados – conta a mãe de Germano, a dona de casa Vera Lúcia Maurello Neves, 52 anos.

Acalme-se

Vera Lúcia passou a monitorar a agenda e outras atividades escolares do filho pelo site do colégio. Germano, para reverter a situação, além de ir às aulas e aos reforços, estuda em casa, diariamente, entre uma hora e uma hora e meia.

– Como eu o acompanho e vou à escola, fico mais tranqüila porque ele não está sozinho – revela Vera Lúcia.

A pedagoga Silvana Maria Latorres de Souza alerta que, nessa hora, pais e professores devem estar abertos para trabalhar a auto-estima da criança ou do adolescente. Não é momento de pressionar ou apenas cobrar, mas de conversar muito e manter a calma para passá-la ao estudante com firmeza.

Para a família dar apoio, é necessário reconhecer que o filho tem dificuldades. No ensino fundamental, por exemplo, alunos entre a 5ª e 8ª séries ficam mais em recuperação do que os de 1ª a 4ª. Segundo a especialista, quando os filhos vão crescendo, os pais deixam de acompanhar tão de perto – ao mesmo tempo, os conteúdos ficam mais complexos.

Aulas de reforço, em período contrário ao da escola, são uma grande ajuda, mas não devem ser o único momento de aprendizagem do aluno, fazendo com que ele não preste atenção no colégio. Essa atividade deve ser combinada com maior dedicação ao conteúdo passado em sala. O estudante deve estar ciente de sua responsabilidade.

Acho complicado oferecer um prêmio se o filho passar. O

pai deve mostrar que é importante estudar, uma obrigação – Observa a pedagoga.

Dicas para os pais: apóie mas não pressione

- Acompanhe a agenda do seu filho, procurando saber se ele tem cumprido as tarefas de casa e se preparado para as provas.
- Ajude seu filho a estabelecer uma rotina de estudos, em lugar adequado, com boa iluminação e sem estímulos como televisão, rádio ou internet.
- Estabeleça combinações com seu filho em relação à hora de estudar, mas também com a hora de se divertir. É importante ter horários para lazer, pois uma mente cansada não rende.
- Pais não devem apenas fornecer o material ou o espaço para o estudo do filho, devem também demonstrar confiança na capacidade da criança, fazendo ela própria acreditar em si.
- Mesmo com os pais à distância, o aluno precisa sentir a família presente. Se você está trabalhando no período em que o filho deve repassar os estudos, telefone para casa, por exemplo, demonstrando interesse.
- Pai e mãe, juntos, devem ajudar a criança. A responsabilidade em cuidar dos estudos do filho, não deve ser delegada apenas para um deles, mesmo que o casal esteja separado.
- Mantenha a calma para poder passar tranquilidade ao filho. Passe segurança trocando vivências, dizendo que entende o que ele sente, por já ter passado por isso, por exemplo.
- Não pressione. Esteja disponível como um apoio, e não como cobrança.
- No final do dia, pergunte o que a criança ou o adolescente estudou e qual conteúdo vai repassar no outro dia.
- Aulas de reforço são uma ajuda importante se o aluno está com dificuldades, mas ele não deve deixar de acompanhar o conteúdo deixado em sala. Essas atividades complementares podem, inclusive, ser ministradas ao longo do ano, e não somente durante as últimas provas.
- Procure a escola e converse com professores e orientadores educacionais.
- Reconheça e valorize os pequenos avanços do aluno nos estudos.
- Bons resultados não se obtêm de uma hora para outra. Por isso, paciência, compreensão e ajuda são fundamentais para o sucesso escolar.

Dicas para os filhos

O que fazer

- Estude em ambiente claro, arejado e com pouco barulho.
- Estude um pouco a cada dia. Pelo menos, uma hora.
- Refaça as atividades já corrigidas, assinalando em cada exercício, as maiores dificuldades para depois perguntar ao professor. Repita os exercícios quantas vezes for necessário, até compreendê-lo bem.
- Organize os conteúdos e esquemas coloridos. As cores estimulam a memória visual, facilitando a lembrança na hora da avaliação.
- Relacione o que está sendo estudado em aula com situações da atualidade, como eleições ou política.

O que não fazer

- Deixar acumular dúvidas
- Esquecer de fazer os temas
- Estudar depois das refeições
- Decorar conteúdos (procure antes entender os processos).

| Entrevista | Giovana Borges
PSICOTERAPEUTA

Criança tem radar: está sempre testando limites

Definir o tempo de seu filho em frente à TV não é privação. O limite e estabelecimento de regras são cuidado e amor. Ressalta a psicoterapeuta Giovana Borges. Confira trechos da entrevista que a especialista concedeu ao caderno Meu Filho.

Meu Filho – Por que não é bom a criança ver muita TV?

Giovana Borges – A questão é quando isso está determinando um sintoma, no sentido de que a criança talvez esteja muito só, com toda a correria do dia-a-dia. É ruim quando se estabelece uma adesividade com a televisão. A gente tem que abrir o olho; isso expressa algum conflito, problema ou deficiência na família, no meio ou na criança.

Meu Filho – Como fazer uma negociação com a criança?

Giovana – Justamente, acho que essa é a saída: a negociação. O adulto deve pensar no dia da criança mesmo não estando presente, deve criar atividades e fazer valer essa rotina. Muitas vezes, as crianças ficam soltas à própria sorte e vão buscar companhia no mundo eletro-eletrônico. Assim como entra a TV, entram o videogame e o computador.

Meu Filho – TV no quarto pode?

Giovana – Não sou contrária, mas acho que dá mais trabalho para cuidar. Se a família estabeleceu esse tipo de divisão, cada um com sua TV, mas também com um aparelho de uso comum, não vejo problema. Mas insisto, pode ser que dê mais trabalho.

Meu Filho – Há um tempo certo para a criança ver TV?

Giovana – Não há dado científico para dizer o número de horas que seria o ideal, mas se a gente distribuir isso num dia, não há necessidade de mais que duas horas. Se extrapola isso, é porque estão faltando outras atividades. Se a criança fica o turno inteiro na escola onde fica de quatro a seis horas com a ausência dos pais, porque vai ficar todo esse tempo só vendo TV? Aí, a gente entra na questão da solidão. A criança vai buscar a companhia que estiver ao alcance dela. Basta apertar o botãozinho ou o controle remoto e encher a casa.

Meu Filho – Às vezes os pais querem dar limite, mas se atrapalham, do tipo: se tu não comer toda a comida do prato não vai assistir a TV. Envolver a televisão nesse tipo de chantagem acaba supervalorizando o ato?

Giovana – Sim, e demonstrando desespero. As crianças têm radarzinho e vão sempre testar a capacidade dos pais de cuidá-los, ou dizendo de outra forma, de dar-lhes limites. No

momento em que os pais se desesperam, ou seja, em que é ultrapassada a capacidade que eles têm, ou que não têm, de dar limites, as crianças percebem. E a autoridade se vai por água abaixo. Quando se apela

para a chantagem é porque os pais se desesperaram e aí as coisas pioram, porque a criança vai se sentir descuidada: “opa, não tem ninguém que me segure”. E ela vai seguir tentando, fazendo mais. Criança precisa

ter essa delimitação de fora para dentro, para poder dar conta de todas as fantasias, tudo que é tão grande na infância.

Texto 25 – 22/11/05 - | 4 | Caderno: Reportagem Especial >

O erro decisivo

Um campeonato

MANCHA-
do

Foto de meia página

Márcio Resende (na foto cercado por jornalistas após o jogo de domingo) reviu o lance várias vezes na TV: “O Fábio Costa realmente toca no pé do Tinga”

DIOGO OLIVIER E VINICIUS VACCARO

Um campeonato brasileiro como o de 2005 era reivindicação há três décadas por torcedores e esportistas. Há três anos a reivindicação foi atendida. Desde 2003, pela primeira vez na história do futebol no país, o brasileiro tem um calendário definido, é disputado em turno e retorno, por pontos corridos, tem as datas fixas, emoção até as últimas rodadas e a média de público em crescimento. Pois esse campeonato modelo acabou maculado por fatores extracampo, especificamente por problemas com a arbitragem.

Começou com a inédita e gravíssima denúncia de manipulação de resultados pelo ex-árbitro Edilson Pereira de Car-

valho, em 23 de setembro, seguida pela polêmica anulação dos 11 jogos por ele apitados. O único beneficiado pela anulação foi o Corinthians, que havia perdido duas das partidas que foram jogadas outra vez. Justamente o Corinthians, que fez uma parceria milionária com a multinacional MSI e contratou craques como Tevez, Nilmar e Roger. Uma investigação do Ministério Público identificou sinais de crime de lavagem de dinheiro por parte dos investidores internacionais do grupo. O que só aumentou as suspeitas de que o Corinthians estaria sendo beneficiado, inclusive de corintianos históricos, como o jornalista Juca Kfourri.

– Quantas vezes você já viu o Robin Hood vencer no futebol? – Ironizou o jornalista. – Fica um gosto de nódoa no campeonato.

Os erros a que Kfourri se refere são os de arbitragem em favor do Corinthians (*ver quadro*) sobretudo o cometido por Márcio Resende de Freitas no domingo contra o Inter. O ex-craque Tostão concorda que os clubes mais fortes são favorecidos.

No entanto, a maioria dos analistas aponta mesmo Edilson Pereira de Carvalho como o maior vilão. Nem o presidente da Associação Nacional dos

Árbitros do Futebol, José de Assis Aragão demonstra solidariedade ao ex-árbitro.

– Esse Campeonato está manchado pelo Edilson.

Os critérios para a designação dos árbitros em cada partida também são criticados por alguns dos dirigentes. Presidente do Clube dos 13, diz que foi voz isolada contra os sorteios dos árbitros:

– No futebol, temos de premiar os melhores. O aleatório não é uma escolha inteligente.

Responsável pela Comissão de Arbitragem da CBF, Edson Resende também não aprova a escolha por sorteio. Mas considera que o nível de arbitragem é “bom”.

Se analisarmos o número de jogos e o de erros, podemos concluir que o trabalho dos árbitros está bom. Quem decide, erra. E os árbitros decidem do início ao fim dos jogos – disse Resende, reconhecendo que os homens do apito precisam de mais cursos de reciclagem e aprimoramento.

OS INCIDENTES DO BRASILEIRÃO



NÃO TEM DESCULPA

foto



Convertido em emblema da injustiça contra o Inter no empate com o Corinthians, Tinga teve um dia inusitado ontem. Passou a noite de domingo em São Paulo, onde participou de um programa de TV. Voltou ontem. Perdeu a conta de quantos prestaram solidariedade, desde Guarulhos até a praça nza qual brincou com o filho, já em Porto Alegre. À torcida, mandou dois recados: um de agradecimento e outro de alento. “O sonho do título não morreu”, disse.

Zero Hora – A sua foto sofrendo o pênalti está na capa de todos os jornais do país. Como foi a repercussão?

Tinga – Me surpreendi. Em São Paulo, o pessoal vinha elogiar o nosso time pela forma como enfrentou o Corinthians. É que a Injustiça ficou na cara.

ZH – A sua expressão de desespero ficou clara nas fotos.

Tinga – Eu vi! É que ali, na hora, só pensei que íamos ficar com uma menos no jogo mais importante do ano. O Muricy sempre pede para a gente acabar o jogo 11 contra 11. o Fábio costa sempre vai em cima de quem simula pênalti contra ele. Por isso ficou mudo comigo.

ZH – Como vai ser o jogo contra o Palmeiras?

Tinga – Vou estar no vestiário junto com meus companheiros. Depois subo pra torcer.

Indignação revigora o orgulho colorado

DEBATE EM BRASÍLIA

| Entrevista | Tinga |
VOLANTE DO INTER

“O sonho não morreu”

Texto 26 – 22/11/05 - | 42 | Caderno: **Polícia** >

Porto Alegre Em duplas, assaltantes usam motos no ataque a donos de veículos

Ladrões de carros sobre duas rodas

CARLOS WAGNER

Há mais uma ameaça rondando as ruas e avenidas de Porto Alegre.

De armas em punho, identidade protegida por capacetes e pilotando motos velozes, ladrões-motoqueiros elegeram como alvo os carros.

Não há estatísticas oficiais sobre a frequência com que esses criminosos agem, mas a região norte da Capital pode ser definida

como uma das preferidas, devido à geografia – grandes avenidas – e a proximidade com desmanches ilegais da Região Metropolitana.

Os ladrões agem em duplas, parando a moto perto do alvo. O caroneiro desce e rende a vítima, entra no carro e foge, escoltado pelo piloto da moto. No fim de semana, eles concentraram sua ação na área da 14ª DP (Vila Ipiranga).

No anoitecer de sábado, na rua Fernando Cortez, bairro Cristo Redentor, a psicóloga Rita Andréia Moreira Azevedo, 38 anos, e o filho Rodrigo, dois anos, forma imobilizados por dois motoqueiros que roubaram o Corsa preto, placas IMS 1861, modelo 2005 (*leia ao lado*).

Na noite de domingo, na rua Adda Mascarenhas de Moraes, Thiago Bocaki Dimutti, 19 anos,

foi atacado por dois ladrões em motos que levaram o Gol cinza, placas IJR 4884, ano 2001.

Neste mês, aconteceram na área da 14ª DP cinco assaltos praticados por ladrões-motoqueiros, sendo que três tiveram veículos como alvo. Em outubro foram 13 assaltos contabilizados (dos quais seis contra veículos), e em setembro 12 ataques (um deles contra carro).

Segundo estimativa da Polícia Civil, das 30 ocorrências que em média são registradas diariamente em cada uma das 24 delegacias distritais de Porto Alegre, 30% são roubos (cerca de 215 casos) e 40% desses roubos (86 casos) em média são praticados por ladrões-motoqueiros.

Delegado propõe adotar a legislação colombiana

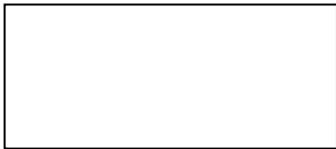
Entre os 53 furtos e roubos de veículos que aconteceram em Porto Alegre no último dia 9 e que foram acompanhados por Zero Hora na Reportagem Furtos e Roubos de Veículos AS, cinco foram praticados por ladrões-motoqueiros.

- Defendo que devemos adotar a mesma legislação de Bogotá (Colômbia), onde é proibido andar com caroneiro masculino nas motos, justamente para evitar os assaltos – comenta o delegado João Carlos da Luz Diogo, da 14ª DP.

Autoridades afirmam que é nos meses de verão que a ação dos ladrões-motoqueiros aumenta na cidade. Tanto que a Brigada Militar terminou, na semana passada, um treinamento entre os 70 PMs que usam motos, para a abordagem de suspeitos.

- Ladrões em motos são uma realidade em nossas ruas e avenidas. Estamos preparando o nosso pessoal para combatê-los – afirmou o coronel Edson Ferreira Alves, do Comando de Policiamento da Capital.

| **Entrevista** | **Rita Andréa Moreira Azevedo**
PSICÓLOGA, VÍTIMA DE LADRÕES EM MOTO



Andréia chegou a trocar de carro pensando que, com um modelo de menor valor, seria poupada pelos criminosos

“Não sabia que mulher com criança é um alvo perfeito”

A psicóloga Rita Andréa Moreira Azevedo, 38 anos, acreditava que trocando o carro por um menos chamativo estaria a salvo dos assaltantes. Descobriu que estava enganada: no sábado à tarde, dois homens em uma moto a renderam e levaram o seu Corsa preto, carro do ano, placa IMS 1861, na rua Fernando Cortez, na zona norte de Porto Alegre.

Ela foi vítima de um crime cada vez mais comum (roubo de carro praticado por motoqueiros) em um bairro cada vez mais visado (Cristo Redentor). Ainda nervosa, ontem ela falou com o Zero Hora. A seguir trechos da entrevista de Andréia, que tinha carro segurado.

Zero Hora – Como foi o assalto?

Rita Anréia Moreira Azevedo – Estava saindo de um aniversário de criança, eu, o Rodrigo (o filho de dois anos), minha sogra e uma amiga. Já estávamos dentro do carro quando o Rodrigo pediu para urinar. Saí com ele e segundos depois, uma moto vermelha e bonita encostou. Um rapaz desceu da garupa, atirou o capacete na minha sogra e mandou todos saírem do carro.

ZH – Ele estava armado?

RITA – Trazia uma arma na cintura.

ZH – O que a senhora pensou logo depois do assalto?

RITA – Pensei que eu, o meu filho, a minha sogra e a amiga poderíamos ter sido mortos naqueles poucos minutos que duraram o assalto. Em seguida tive um bloqueio mental.

ZH – A senhora acredita que tornou-se vítima por quê?

RITA – Porque não procurei estar informada das coisas que aconteciam ao meu redor. Achei que mudando o modelo do carro (tinha uma Meriva, trocada pelo Corsa), estaria a salvo dos bandidos. Não sabia que mulher com criança é um alvo perfeito para os assaltantes. Descobri isso da pior maneira.

ZH – Logo depois do assalto a senhora procurou ajuda?

RITA – Como disse, tive um bloqueio mental. Mas fui despertada pela minha irmã que passava por lá e liguei para a brigada militar. Eles chegaram em cinco minutos. Registrei queixa na 14ª DP. E descobri que naquela rua na semana passada dois homens e uma moto haviam roubado um carro.

ZH – Além do carro o que mais levaram?

RITA – Todos os meus documentos. E o mais importante, 10 fotos do meu filho. Das quais eu não tenho mais os filmes. Eu gostaria que os ladrões tivessem coração e devolvessem as fotos do Rodrigo pelo amor de Deus.

Texto 27 – 23/11/05 - | 14 | Caderno: **Política** >

Judiciário População e Vereadores estão descontentes com atuação do magistrado

Campo Novo pede afastamento de juiz

SILVANA DE CASTRO

Não são bandidos nem a presença de policiais que estão no centro de uma polêmica na área de Segurança pública em Campo Novo, no Noroeste do estado. Sobrou para o juiz de direito a indignação dos moradores com a criminalidade.

Luís Antônio Saud Teles, 33 anos, há cinco na comarca do município, teve sua substituição pedida pela Câmara de Vereadores e por mil moradores em um abaixo assinado.

Em outubro, oito dos nove vereadores (um não estava presente) aprovaram a solicitação de afastamento. O motivo: Teles não mora em Campo Novo e não estaria deferindo mandado de busca e apreensão em casa de supostos suspeitos.

- A comunidade nos cobra uma atitude. Tínhamos de terminar com a marginalidade – diz o presidente da Casa Luiz Carlos Rasche (PMDB).

Furtos e arrombamentos são as principais ameaças aos moradores do município de 6.467 habitantes, que tem só três policiais civis e oito militares. Em média são três ocorrências por dia. Segundo dados da Secretaria da Justiça e da Segurança do Estado, nos seis primeiros meses de 2004 houve 41 furtos e 18 arrombamentos. No mesmo período deste ano, 42 furtos e 20 arrombamentos.

Para combater o crime, o advogado Julio Cesar Funghetto acha que o juiz deveria residir no município.

- A presença dará sensação de segurança.

Teles morou por dois anos e meio na cidade, mas por motivos pessoais, mudou-se

para três passos, distante 25 quilômetros e explica:

- A função do juiz não é estar no meio de uma diligência policial.

Para o prefeito Edilson Arndt (PFL), que neste ano voltou duas vezes ao Executivo após ser cassado pelo juiz e pelo Tribunal Regional Eleitoral, o melhor é não se posicionar:

-Tentamos entender os dois lados. O pedido de substituição foi recebido pelo juiz corregedor da 7ª Região do Tribunal de Justiça. Um expediente foi aberto, e solicitada a manifestação do magistrado. Ele tem autorização do Conselho da Magistratura para morar em outra cidade e só precisa sair dali se quiser.

ALBERTINA DA ROSA
44 ANOS, DONA DE CASA

“Para tudo ele diz que tem que ter prova. Os caras não avisam quando vão roubar.”

VALDIR KRUPP
56 ANOS, AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS

“Campo Novo está violenta, mas não é de agora. O juiz não tem responsabilidade, faz o trabalho dele.”

| Entrevista | Luiz Antonio Saud Teles
JUIZ**“Vou ficar em Campo Novo, ainda mais que sou teimoso”**

Magoado com os pedidos de substituição que tem sofrido, o juiz Luiz Antonio Saud Teles faz questão de explicar seus atos e o que o motiva nas decisões. Apresentou ontem à tarde números sobre a entrada e conclusões de processos para provar que está trabalhando, mesmo morando em outra cidade. No Fórum de Campo Novo, Teles recebeu ontem Zero Hora. Confira os principais trechos da entrevista:

Zero Hora – As pessoas estão associando negativas de mandados de busca e apreensão com a proteção para criminosos?

Luís Antônio Teles – O juiz parece esquizofrênico, porque uma hora defere, outra não. Para a mesma pessoa, algumas vezes é deferido, outras, indeferido. Não existe suspeito de costume. Uma relação dos 10 maiores suspeitos. Por mais que uma pessoa tenha cometido 20 furtos, pode ser que por aquele último ela não tenha sido culpada. Com base em apenas uma denúncia anônima, não é possível deferir. A inviolabilidade do domicílio não é uma garantia do marginal, é de todos. A constituição existe para o marginal também. As pessoas dizem: “mas é sempre ele que furta”. Mas onde estão as provas? A população pode fazer esse tipo de julgamento, o juiz não pode.

FOTO

Ao investigar um caso de violência sexual contra uma mulher e três crianças, a polícia chegou à Edson Figueiredo que confessou ter matado o menino Bruno

Violência contra crianças em Gravataí

Bruno foi morto e depois abusado

LUCIANE BEMFICA

A história da morte do menino Bruno Lopes Lencina, 8 anos, cujo corpo foi encontrado em 20 de outubro, em Gravataí, é mais cruel do que a própria polícia imaginava. O menino foi abusado depois de morto.

A solução do caso levou a polícia a outro crime bárbaro. Os matadores são suspeitos do estupro de uma mulher de 24 anos e do abuso contra outras três crianças.

Em uma cela da 2ª Delegacia da Polícia Civil de Gravataí, o biscateiro Edson Martins Figueiredo, 20 anos e um adolescente de 14 anos confessaram ter abusado sexualmente de Bruno depois de tê-lo matado.

Outro adolescente, também de 14 anos é suspeito de participar da barbárie e está foragido. Os três estão com prisão decretada por cinco dias por outro crime, ocorrido no último dia 15, que nada perde em crueldade para a morte do menino: o estupro de uma mulher e o abuso do filho dela de quatro anos, e de dois sobrinhos de cinco e de dois anos, na vila Tom Jobim, em Gravataí (*leia texto ao lado*).

Conforme narraram a polícia, na tarde de 13 de outubro, os três criminosos abordaram Bruno às 15h em uma rua perto da casa onde morava, no bairro Morada do Vale II. Bruno e o adolescente foragido se conheciam de vista.

Os três, armados com uma faca de açougueiro, levaram o menino para uma casa vazia na Vila Tom Jobim, distante dois quilômetros do Morada do Vale II.

O primeiro a abusar de Bruno teria sido o adolescente foragido, que também teria deferido uma facada na barriga do menino ao ver que ele resistia às agressões. Os três, um de cada vez, continuaram abusando por cerca de três horas.

- No final cada um esfaqueou um pouco – afirma o menor.

O corpo de Bruno, com 13 facadas e degolado, foi enrolado em um cobertor. Os três o levaram até o matagal, onde ele foi encontrado dia 20, uma semana depois de morto.

Os dois foram presos ontem, às 17h, por cinco agentes da 2ª DP em uma área invadida na RS-118.

A dupla segundo o chefe de investigação, Adilson Silva, foi presa por suspeita de estuprar uma mulher de 24 anos e abusar de três crianças na Vila Tom Jobim, no dia 15 de novembro. Na delegacia, acabaram confessando a morte de Bruno com a participação do adolescente foragido.

- Com essas prisões nós esclarecemos dois crimes que repercutiram na cidade, principalmente porque eles confessaram – diz Silva.

Figueiredo foi encaminhado ao Presídio Central de Porto Alegre, e o adolescente ao Ministério Público.

| Entrevista | Edson Martins Figueiredo BISCATEIRO QUE MATOU MENINO

“Vou pagar por isso”

Pai de uma menina de dois anos e meio, separado, sem antecedentes, o biscateiro Edson Martins Figueiredo, 20 anos, foi levado ao Presídio Central após confessar a morte do menino Bruno., o estupro de uma mulher e o abuso sexual de três crianças.

Na 2ª DP, ele conversou com a Agência RBS.

Agência RBS – Por que você e os dois adolescentes resolveram pegar o menino?

Edson Martins Figueiredo – Não sei, acho que ninguém sabe. O guri que participou (o que está foragido) disse que conhecia o Bruno, viu ele na rua e resolveu pegar. Eu e o outro estávamos juntos. Levamos o Bruno para uma casa.

Agência RBS – O Bruno não resistiu?

Figueiredo – Ele não queria, chorou. Mas estávamos com uma faca. O menino ficou com medo e acabou indo.

Agência RBS – Você se arrepende do que fez?

Figueiredo – Foi um erro. Fiz o que não devia.

Agência RBS – O que você diria aos pais de Bruno?

Figueiredo – Não tenho nada a dizer, vou pagar por isso.

Foto

Muricy Ramalho (na foto, atendendo torcedores) reagiu com desilusão e pediu providências a Luiz Zveiter para evitar que o brasileiro fique comprometido.

Campeonato manchado

Ponte Preta anuncia time de reservas contra o Corinthians no domingo

Muricy Ramalho vê favorecimento aos paulistas no final da competição

Desequilíbrio

LEONARDO OLIVEIRA

A mancha do brasileiro se alastra. Ontem, o campeonato sofreu novo golpe com a decisão da Ponte Preta de demitir o técnico Estevam Soares e usar os reservas contra o Corinthians no domingo. Com três pontos na frente do Inter (que recebe o Palmeiras no Beira Rio), os paulistas jogam no Morumbi. A notícia provocou reação imediata no Inter. O técnico Muricy Ramalho mostrou todo seu desconsolo.

- A CBF e o senhor (Luiz) Zveiter (presidente do STJD) precisam intervir. Estão desequilibrando o campeonato. É estranho. Cada vez que chegamos perto, ocorre algo esquisito. Prefiro acreditar que seja coincidência – desabafou Muricy.

A ponte liderou o campeonato entre a 9ª e a 16ª rodada no primeiro turno. Mas passou a correr risco de rebaixamento com a goleada de 6 a 2 para o Palmeiras, domingo. Ontem, a direção decidiu sacudir o ambiente – e colocar mais névoa sobre o campeonato.

O vice de Futebol, Marco Eberlin, anunciou a decisão de preservar quem estiver com dois cartões amarelos ou lesionado. Eles serão guardados para a última rodada, contra o Brasiliense. Uma vitória livra a Ponte do Descenso. Ela ocupa a 16ª posição, com 48 pontos, a três de distância do Coritiba, o primeiro da zona de rebaixamento.

Caso mantenha a decisão de preservar jogadores, a Ponte poderá jogar sem oito titulares no Morumbi. O goleiro Lauro, o lateral Rissut, o volante André Silva e o meia Elson estão pendurados. Os zagueiros Rafael Santos e Thiago Matias e o centroavante Tico começaram a semana com problemas musculares. O meia Danilo e o Atacante Evando forma expulsos domingo.

- eles não têm um grupo, apenas um bom time. Complica muito ficar sem titulares. E não entendo a demissão do Estevam. Acompanhei os últimos jogos e percebi que o time vinha bem, marcando muito, como ele gosta – observou Muricy.

O presidente Fernando Carvalho tomou conhecimento da notícia no início da noite. Antes havia recebido um telefonema do técnico Lori Sandri e ouvir o conselho de rever o teipe da partida entre Paraná e Corinthians, em Maringá, no primeiro turno. A partida foi apitada por Márcio Resende de Freitas. Segundo Lori, houve prejuízos ao Paraná. Sobre a decisão da Ponte, Carvalho teve reação semelhante à de Muricy:

- O campeonato dá margens à suspeitas, todas favoráveis ao Corinthians. A atitude da Ponte Preta ilustra o que foi o brasileiro, com partidas anuladas no Tribunal, erros de arbitragem. Uma pena – Lamentou.

| **Entrevista | Estevam Soares**
TÉCNICO DEMITIDO DA PONTE

“Foi surpresa a minha demissão”

O desejo da Ponte Preta de usar reservas foi repassado para o técnico Estevam Soares no domingo à noite. Depois da goleada sofrida para o Palmeiras em conversa rápida com os dirigentes, Estevam mostrou-se contrário à idéia. Ontem acabou surpreendido e saiu de uma reunião demitido. À noite por telefone, conversou com o ZH.

Zero Hora – O que houve na Ponte Preta?

Estevam Soares – Futebol é assim, perdemos no domingo para o Palmeiras, o malandro aquele de Florianópolis, não lembro o nome... o (Giuliano) Bozzano expulsou meu 2º jogador antes dos 10 minutos do segundo tempo.

ZH – Foi surpresa essa demissão?

Soares – Foi, foi surpresa. Até porque há duas semanas tive propostas para sair e resolvi cumprir o contrato, que acaba dia 4.

ZH – A direção alega que precisava mexer com o time.

Soares – Precisava mexer era nos bastidores, estamos sendo prejudicados.

ZH – O motivo da demissão está vinculado ao desejo da direção de usar reservas contra o Corinthians?

Soares – Não acredito, ouvi aqui que eles vão tirar alguns da partida.

ZH – Mas você pretendia preservar jogador para a última rodada?

Soares – Comigo iria jogar todo mundo. No domingo, ele (Marco Eberlin, vice de futebol) conversou rapidamente comigo. Minha idéia, disse pra ele, era usar força máxima. Até porque poderíamos ganhar o jogo do Corinthians. O futebol é imprevisível.

2005 acabou para a perícia de veículos

GISELE LOEBLEIN

Apesar de estarmos a 38 dias do final do ano, não há mais data disponível para o agendamento de perícias de veículos envolvidos em acidentes de trânsito em 2005.

Há perícias marcadas até o dia 27 de dezembro e outros 97 casos esperando por agendamento. Essa realidade que reflete a defasagem de profissionais em relação ao número de solicitações feitas ao Instituto-geral de Perícias se agravou depois que 25 peritos contratados emergencialmente não tiveram os seus contratos renovados.

- Para nós que somos profissionais, é muito difícil quando temos de escolher para que caso daremos prioridade – afirma a diretora do Departamento de Criminalística (DC) Eliana Pessoa.

No sábado, reportagem de Zero Hora, mostrou o drama vivido pela contabilista Luciana da Rocha Cardoso, que havia 33 dias aguardava pela perícia do carro, em um Monza ano 87, envolvido em um acidente de trânsito. No centro de depósito onde estava o carro de Luciana, aproximadamente 80 carros envolvidos em acidentes ou com suspeita de adulteração de chassi também aguardavam perícia.

ÚLTIMO CONCURSO OCORREU EM 2002

De acordo com a diretora do DC, a situação que já era precária ficou ainda pior desde o dia 21, quando 25 peritos com contrato emergencial foram dispensados. Agora, apenas três profissionais

atendem à parte da mecânica, responsável pela perícia de veículos envolvidos em acidentes, em todo o estado. Destes, um está entrando em licença e outro tira férias em dezembro.

Em Cruz Alta, a necessidade de chamar o DC para verificação de veículos acaba demorando entre dois e três meses para que o processo de perícia seja finalizado. O delegado Ricardo Miron não sabe dizer quantos aguardam perícia, mas garante que a demora ocorre.

- Quando é necessário fazer só digital, aí é rápido porque é feito em Cruz Alta mesmo. Quando há a necessidade de identificação de chassi é necessário esperar o DC – diz.

Direção do Departamento de Criminalística estima em

500

o número de peritos necessário para o Estado

No ano passado a delegacia de Lajeado, no Vale do Taquari, chegou a aguardar seis meses por uma equipe. Em novembro de 2004, quando finalmente a solicitação foi atendida, o delegado José Romaci Reis diz que 22 foram realizadas em veículos ou em autopeças.

Para amenizar o problema, o DC está fazendo alguns remanejamentos internos. Em janeiro, peritos de máquinas caça-níqueis serão deslocados para a área mecânica.

O último concurso para peritos ocorreu em 2002, quando foram abertas 35 vagas. Depois da prova escrita, foi chamado para a segunda etapa um número de candidatos que correspondia a três vezes o número de vagas abertas. Trinta e cinco aprovados assumiram em 2004, quando foram dispensados 10 peritos contratados emergencialmente.

Como não foram suficientes, o governo autorizou que fossem chamados todos os aprovados no concurso. De 70 pessoas, apenas 28 aceitaram.

- Nosso número ideal seria de 500 profissionais. Hoje temos 130 – dizia a diretora do DC.

| **Entrevista | Eliana Pessoa**

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE CRIMINALÍSTICA

“Deste jeito, vamos fechar”

Com 25 anos de experiência em perícias, a diretora do Departamento de Criminalística, Eliana Pessoa, convive diariamente com a falta de profissionais e o excesso de pedidos. Em entrevista a Zero Hora, ela fala da importância da perícia para o trabalho de investigação e lamentou ter de escolher qual o caso mais prioritário para atender.

Foto

Eliana diz que o DC tem 74 lacunas

Zero Hora – Como a senhora enfrenta a falta de profissionais? No que isso modifica os trabalhos dos peritos que estão em ação?

Eliana – Nosso trabalho é muito importante para a investigação feita pela polícia. Com a falta de peritos, o trabalho acumula e, conseqüentemente, adia a investigação da polícia também. Para os peritos que

trabalham, a falta de profissionais gera uma carga de trabalho muito grande. Tem gente que abre mão das férias, usa material próprio, faz dupla função. Hoje estamos com 74 vagas abertas. Desse jeito, vamos fechar.

ZH – Qual o número de carros periciados por mês na área de mecânica?

Eliana – Cada profissional cumpre uma rotina de 8 horas diárias e tem agendado 32 perícias por mês, sendo que este número pode subir para 40. as perícias são agendadas para um turno, porque no outro o perito precisa fazer o relatório. Na perícia, é preciso observar todos os danos, analisar o freio, ver se há alguma ruptura, vazamento na parte inferior do veículo e abrir o motor. Em casos em que é preciso analisar o freio, por exemplo, ele precisa ser desmontado. Não é um trabalho rápido.

ZH – Com o agendamento, alguns casos acabam demorando mais para serem resolvidos do que outros...

Eliana – Nossa saída é o diálogo constante com a polícia, para que alguns casos possam ser priorizados. Nas

perícias em local de crime temos conseguido manter o trabalho em dia. No caso de veículos envolvidos em acidentes sem vítimas fatais, procuro dar prioridade para as pessoas que usam o carro para trabalhar, que dependem do carro para se sustentar.

Contraponto

O que diz Ana Pelini, Diretora Geral da Secretaria da Justiça e Segurança

A secretaria não só reconhece as dificuldades na área de perícia como fez a solicitação da prorrogação das contratações temporárias ao Gabinete de Assessoramento Especial (GAE) do Governo do Estado. O pedido foi negado por duas questões: a questão financeira e o fato de a contratação emergencial ser encarada como uma solução temporária. Sempre vem uma crítica pesada do porquê não é feito concurso. O contrato emergencial acaba apenas adiando o problema, o melhor é suprir as deficiências por meio de concurso público.

Somente neste governo foram nomeados 303 servidores para o Instituto-geral de Perícias. Estamos estudando a realização de um novo concurso.

Os passos

Confira o que acontece com quem se envolve em um acidente de trânsito com vítimas:

- 1) Brigada Militar, Empresa pública de Transporte e Circulação (EPTC) e Polícia Civil fazem o atendimento no local do acidente.
- 2) A Polícia Civil, responsável pela investigação, é quem aciona os peritos para fazer a análise do local. Se há morte, chamam também o Departamento Médico Legal. Em caso de embriaguez de condutor, a carteira de habilitação é retida.
- 3) O veículo acidentado é encaminhado ao plantão do Departamento de Polícia Judiciária de Trânsito ou segue para um depósito. O inquérito é aberto.
- 4) O veículo só é liberado depois da realização da perícia.

Texto 31 – 25/11/05 - | 5 | Caderno: Reportagem Especial >

| 5 | Reportagem Especial >

Foto

Nomeado pelo presidente Lula, o gaúcho Eros Grau (E) tomou posse no supremo tribunal federal no ano passado

A segurança em xeque

Violência atinge o topo do Judiciário

CARLOS ETCHICHURY

A violência que atormenta milhares de brasileiros chegou no final da noite de quarta-feira ao topo da magistratura.

Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), o gaúcho Eros Roberto Grau e sua mulher, Tânia, foram mantidos reféns por ladrões quando

chegavam em casa, no Lago Sul, um bairro de classe alta de Brasília.

Para intelectuais e pesquisadores ouvidos por Zero Hora, o ataque ao ministro da mais alta corte do Judiciário sintetiza o estágio da segurança pública no país.

O casal foi rendido por dois encapuzados armados, às 22 h. os ladrões levaram o Vectra do ministro, notas de dólar e de real, jóias, um celular e uma arma do vigilante da casa. O carro foi encontrado ontem de manhã em uma cidade-satélite.

Se um ministro do STF é assaltado, o que sobra ao cidadão comum?

- Resta ao cidadão comum rezar para o padroeiro da sua preferência -

responde em tom jocoso, o ex-secretário Nacional de Segurança Pública e consultor José Vicente Silva.

A falta de investimentos do Governo Federal, a “generosidade” do Código de Processo Penal e a estrutura das polícias Civil e Militar são, na visão de José Vicente, aspectos que fazem a segurança pública no Brasil avançar a passos paquidéricos.

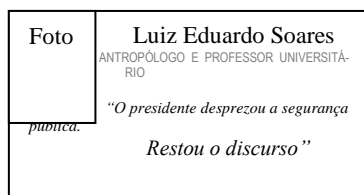
- O principal instrumento para uma política de segurança se chama prioridade. E o Governo Federal não está priorizando esta área – crítica José Vicente, que ocupou a pasta no governo Fernando Henrique.

Opinião semelhante tem o antropólogo e professor universitário Luiz Eduardo Soares, secretário Nacional de Segurança pública nos primeiros 10 meses do governo Lula.

- O presidente desprezou a segurança pública. Restou o discurso. Os recursos da segurança foram para o bolso do superávit primário. Com a renúncia nessa área, fica difícil avançar – reclama Soares, para quem as responsabilidades devem ser compartilhadas entre os governos municipais, estaduais e federal.

Na visão da socióloga Alba Zaluar, do Núcleo de Pesquisas das Violências da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. A mudança na estrutura das polícias seria uma forma de conter a criminalidade.

- A polícia precisa ser reorganizada. É necessário retirar dela os vícios adquiridos especialmente durante os governos militares. A polícia trata a população como um inimigo de guerra – analisa a socióloga.



|Entrevista | Julita Lemgruber |
SOCIOLOGA E PESQUISADORA SOBRE VIOLÊNCIA



Julita, que fez o programa de Governo de Lula, diz que faltam investimentos

“Faltam políticas consistentes e conseqüentes”

Com a autoridade de quem atuou na confecção do programa de governo do então candidato Lula na área da segurança, Julita Lemgruber sustenta que a “população está desprotegida”. Socióloga e pesquisadora, Julita critica a visão segundo a qual a redução da violência depende exclusivamente do crescimento econômico e da redução dos níveis de pobreza. Para ela, o volume de recursos do governofederal torna “impossível” implementar um projeto de segurança:

Zero Hora – Se bandidos assaltam um ministro do STF, o que o cidadão comum pode esperar?

Julita Lemgruber – A população está desprotegida por falta de políticas consistentes e conseqüentes.

ZH – Por que a segurança pública parece não ter solução?

Julita – o que me preocupa é a volta da defesa da tese de que enquanto o Brasil não crescer 10% ao ano, enquanto não diminuir os níveis de desigualdade social, não podemos reduzir nossos índices de criminalidade. O pano de fundo é a crise social, mas medidas efetivas podem ser tomadas a curto prazo.

ZH – Por que não se faz isso?

Julita – É muito fácil ficar dizendo que o Brasil tem milhões de pessoas vivendo abaixo do nível de pobreza, que só vai crescer 3% este ano...Essas são medidas cômodas para quem não quer fazer nada.

ZH – Quais as experiências positivas em curso no país?

Julita – Diadema (SP) é um exemplo. Em quatro anos reduziu em 47% sua taxa de homicídios.

ZH – Por que esses bons exemplos não se tornam referência?

Julita – A expectativa é que esses exemplos sejam imitados.

ZH – é possível um projeto ser exitoso com investimentos anuais pouco superiores a R\$ 100 milhões?

Julita – É impossível. Essa é a grande questão. O plano nacional proposto na campanha pelo Lula demandava recursos. Não é possível pensar que o governo federal possa induzir políticas de segurança nos Estados sem oferecer recursos.

ZH – A experiência nacional demonstra que são necessários investimentos pesados e participação dos municípios.

Julita – Isso já se discute na Europa há anos. É um problema local, e são necessárias reformas locais. Mas essa discussão está recém chegando no Brasil. Os prefeitos acham que a responsabilidade da segurança é do Estado. É cômodo dizer que esse é um problema do governador.

ZH – Quais os nós da segurança pública no país?

Julita – Um deles é o fatos de termos duas polícias, que competem uma com a outra. Elas disputam espaço, poder, não compartilham informações. Resulta em um prejuízo enorme para segurança.

ZH – E os outros nós?

Julita – A necessidade de uma polícia competente é outro. No Rio, a polícia esclarece 4% dos homicídios. Em São Paulo, 16%. A prisão e condenação de um homicida é fato raro. Outro problema é a falta de controle externo das polícias. No ano passado, por exemplo, a polícia do Rio matou 913 pessoas no Rio.

ZH – O senso comum defende o endurecimento da legislação e o aumento do policiamento.

Julita – É ilusão pensar que a redução da idade penal, prisão perpétua, ou pena de morte resolveriam os problemas. Se resolvessem, os EUA viveriam no paraíso. A legislação americana é uma das mais duras. E também não basta aumentar o número de policiais se o efetivo não for distribuído de forma inteligente.

Empresas Frigorífico avalia incentivos

São Borja aguarda instalação do Friboi

Apesar da visita do presidente do grupo Friboi, José Batista Júnior ontem a São Borja, ainda não está confirmada a implantação de uma planta da empresa na fronteira oeste.

O governador Germano Rigotto acompanhou a visita e, juntamente com o prefeito Mariovan Weis (PDT), apresentou propostas de incentivos fiscais ao empresário.

Batista Junior, que conhece a infra-estrutura logística e as fazendas de São Borja, visita hoje Júlio de Castilhos. Quarto maior frigorífico do mundo, o Friboi exporta para 112 países. Abate 15 mil cabeças por dia e tem 23 unidades em São Paulo, no Rio, em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia.

Ibrahim Mahmud, presidente da Câmara de Dirigentes Logistas e do Sindilojas de São Borja, estima que a instalação do frigorífico aumentará em 10% as vendas do comércio. Para Newton Brunelli, presidente da Delegação Binacional de Controle Unificado de Fronteira e diretor da Associação Comercial, Industrial de São Borja, a chegada do Friboi

deverá atrair outros investimentos no setor industrial.

- Está 99% confirmada a instalação da planta aqui – reforça o prefeito, que projeta a criação de mil empregos diretos em três anos.

Foto

Rigotto acompanhou Batista Junior (L) em visita ao município gaúcho.

| **Entrevista** | **José Batista Junior**
PRESIDENTE DO FRIBOI

“Faz sentido investir no Rio Grande do Sul”

Afamado pelo seu jeito simples, o presidente do Friboi, José Batista Junior, chegou ontem a São Borja vestindo uma camisa de manga curta com o logotipo da empresa estampado sobre o bolso. Na quarta-feira, concedeu por telefone a seguinte entrevista a Zero Hora:

Zero Hora – O Friboi comprou neste ano a planta do Swift Armour na Argentina. Isso fortaleceria um projeto no Rio Grande do Sul?

José Batista Junior – Faz sentido a gente investir no Rio Grande do Sul, porque, além de ter gado europeu, poderíamos ter uma sinergia com nossos negócios na Argentina.

ZH – De olho em uma futura abertura de fronteiras?

Júnior – Isso. O Rio Grande do Sul pode ser considerado, no futuro, Estado livre de aftosa sem vacinação e poderemos abrir os grandes mercados mundiais: Japão e EUS.

ZH – O senhor recentemente disse que a crise da aftosa não tinha atingido o Friboi. Por quê?

Júnior – Nós realocamos a produção (*de Mato Grosso do Sul*) para Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, continuamos exportando industrializados de São Paulo e deixamos a carne in natura para o mercado interno. Não tivemos tantos problemas. Os contratos deste ano já estavam praticamente cumpridos.

ZH – O Brasil vai superar esta crise da aftosa?

Júnior – Já passou. O Brasil já tomou todas as medidas, os Estados já vacinaram seu rebanho, as fronteiras foram estancadas, o trânsito já está sendo liberado. Eu acredito que, no começo do ano que vem, a União Européia libere os Estados que estão com proibição (de exportação).

ZH – No Brasil a queda do preço do boi tem sido um problema. Qual a saída para isso?

Júnior – Eu vejo três saídas: aumentar o consumo interno, valorizar o dólar um pouco e aumentarmos as exportações.

ANEXO C – CONSULTA A REPORTER (CAMILA SACOMORI)

E-mail encaminhado:

Oi Camila

Deixa eu me apresentar. Sou estudante do mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL – Tubarão em SC. Meu nome é Marcelo Borba e moro atualmente em Criciúma. Vou tentar ser o mais breve possível com o que pretendo.

Na minha dissertação eu analiso a “entrevista jornalística” veiculada pela mídia impressa, especificamente as publicadas no Zero Hora de 16 a 25 de novembro de 2005. Em minhas análises fiquei curioso com relação a um texto seu, em que você entrevista, no caderno Patrola, os atores mirins que interpretaram Zezé e o seu irmão no filme 2 filhos de Francisco, no Exemplar de 18/11/05. O que me chamou atenção foi a forma que foi dada ao texto (edição da entrevista). Assim eu teria algumas perguntas em relação ao texto, estratégias do produtor, e também em relação às atividades envolvidas desde a decisão da pauta até a publicação.

Resposta:

Marcelo

Antes de começar, gostaria de informar que o caderno Patrola será extinto em março, sendo substituído pelo equivalente Kzuka. Circulará também às sextas-feiras em Zero Hora, inicialmente também com quatro páginas, no mesmo formato e com a mesma linguagem e público-alvo.

Obrigada.

Marcelo Borba – É bem comum encontrar nos exemplares do Jornal Zero Hora, entrevistas padronizadas pelos Manuais de Estilo e Redação. O que fez a redação abandonar o padrão e optar pelo estilo de retextualização (como no caso da entrevista com os atores-mirins de 2 Filhos de Francisco)?

Camila Sacomori - O caderno jovem Patrola é uma iniciativa do Grupo RBS que nasceu da vontade da empresa de estreitar cada vez mais o canal com o público adolescente. O sucesso do precursor, o Patrola da RBS TV de Porto Alegre, acabou motivando a migração para muitos outros veículos, como mídia impressa, rádio e Internet. No dia 30 de janeiro de 2004, ZH lançou um caderno homônimo ao programa da RBS TV (que vai ao ar aos sábados).

O projeto tem uma edição diferenciada, colorida e ágil. Muito texto em pouco espaço é uma das suas características. A edição privilegia elementos gráficos espalhados pelas quatro páginas para fortalecer a ideia de movimento e agilidade de informação (sabemos que o público-alvo é o maior usuário da internet). Desta forma, os textos do caderno precisam acompanhar o projeto gráfico. Respeitando regras da Língua Portuguesa, é claro (gramática, acentuação e concordância corretos), mas adaptando ao estilo jovem de escrever em chats e comunicadores instantâneos ("kd vc", por exemplo, em brincadeiras nos títulos ou reproduzindo a conversa por escrito com algum leitor ou entrevistado). Este estilo descontraído permeia os textos, de maneira que desde o primeiro exemplar, repórteres foram instruídos a ousar na formatação dos textos. O retorno sempre foi excelente.

MB – Você poderia descrever o processo (detalhado) de produção dessa entrevista, até estar pronta para a publicação? Ou de outras se necessário.

Camila - Esta entrevista em questão (com os atores-mirins de 2 Filhos de Francisco) surgiu por acaso. Soubemos que os meninos estariam em Porto Alegre e agendamos uma entrevista com a assessoria de imprensa do evento. A entrevista foi feita após o show na Usina do Gasômetro. Esta situação foi descrita no próprio texto – "o Patrola conseguiu roubá-los um pouquinho para falar sobre como a fama mudou a vida deles".

Antes da entrevista, é costume do repórter pesquisar sobre seu futuro entrevistado. No que se refere aos meninos, seria interessante ver o filme, coisa que eu já tinha feito por conta própria antes mesmo da possibilidade da entrevista se concretizar. Quando se está numa redação, o contato com as assessorias de imprensa das chamadas "celebridades" é facilitado, de maneira que esse foi o ponto menos complicado.

De volta do local da entrevista, a Usina do Gasômetro, é hora de decupar o que foi gravado em fita ou de reler as anotações no bloco. Antes de escrever, uma conversa com o editor ajuda a determinar se será um texto corrido ou uma ping-pong (pergunta e resposta).

MB – O que motiva as reportagens do Caderno Patrola?

Camila - Sugestões de "conselheiros" (ver resposta da última pergunta), acontecimentos gerais, tendências de comportamento observadas nos jovens, histórias pitorescas, assuntos que estão sendo comentados pela cidade, calendário (dia das mães, dia dos pais, dia de combate à aids, dia do combate ao fumo) e reportagens veiculadas na mídia internacional e nacional adaptadas ao modo de ser e agir gaúchos. (ALGO MAIS, MARI? QUE ACHAS?)

MB – Que “tipo” de entrevista é privilegiada neste caderno (Patrola)?

Camila - As entrevistas precisam mesclar descontração com informação. O jovem não pode ter a impressão de que está lendo um artigo pesado, incompreensível. Ao mesmo tempo, não pode ser tão superficial ao ponto de que, após a leitura, ele não tenha absorvido nada de útil. Desta forma, procuramos selecionar os personagens a serem entrevistados considerando critérios de relevância e entretenimento. O entrevistado é um dos assuntos do momento? Ele tem algo a acrescentar além do que já foi dito e mostrado em outras mídias? Como podemos apresentar esse conteúdo de forma diferente?

MB –Você escolhe os temas? Ou alguém aí do jornal os escolhe? (por exemplo, o chefe de redação) quem decide isso?

Camila - Todos os jornalistas da redação têm condições de sugerir os temas – é comum colaborações de repórteres de outras editorias, para ampliar o olhar sobre um assunto. Também sempre é comum fazer "reuniões de pauta", com os colegas da mesma área de trabalho (Variedades, no caso) ou ainda com os próprios "conselheiros" – no jornal existe o Conselho do Leitor. No Patrola há o Povo do Patrola, que são adolescentes voluntários a palpar sobre o caderno, apontando erros e norteando o rumo das reportagens. No entanto, a decisão sobre qual história será publicada ou não cabe ao editor de cada caderno. No caso do Patrola, à época da referida entrevista, o responsável era o jornalista Eduardo Nasi, que hoje trabalha em agência de propaganda em São Paulo. Quem está comandando o caderno agora é a Mariana Bertolucci, repórter. Eu saí no início de 2006 de lá.

Obrigada.

ANEXO D – REPORTAGEM COMENTADA NA COSULTA A REPORTER CAMILA SACOMORI

Patrola

ZERO HORA

É o amooor!

Camila Saccomori

Mesmo quem não assistiu ao ótimo *2 filhos de Francisco* é capaz de reconhecer esses guris: eles ficaram famosos emprestando cara e voz para retratar a infância de Zezé Di Camargo e Luciano no filme sobre a dupla. Desde então, Dablio Moreira e Marco Henrique não sabem mais o que é sossego. Na terça-feira, estiveram em Porto Alegre para uma apresentação vapt-vupt na usina do Gasômetro em comemoração à chegada do Papai-Noel. Logo depois do Show, o Patrola conseguiu roubá-los um pouquinho para falar sobre como a fama mudou a vida deles.

Ambos já eram artistas mirins quando foram descobertos na região de Pirenópolis (GO) entre centenas de crianças na peneira para a seleção de atores. Dablio, o mais velho (apesar de não aparentar seus 18 anos), cantava co o amigo Daniel. Marco Henrique de 12, tinha o irmão Santiel como parceiro. Escolhidos para encarnar Mirosmar (Zezé/Dablio) e Emival (Marco), os guris passaram por um laboratório de interpretação. Nenhuma aula, porém, simulou o que eles enfrentariam durante o filme – quem viu a cena em que eles comem ovo cru deve ter sentido um arghs! no estômago.

O pior é que refizemos aquilo sete vezes – conta Dablio, divertido.

Ó, dava uma ânsia de vômito, um negócio muito ruim – completa Marco.

Mais fácil que isso, ainda que nem tão fácil, foi aprender a tocar

os instrumentos. Como Zezé quando criança, Dablio precisou se coordenar no acordeão, enquanto Marquinho se puxou no violão. Oito semanas de filmagens e muitos eventos de divulgação depois, a amizade entre eles ficou superbacana.

E por falar em amizade, Marco Henrique não perde a chance de contar como é ser famoso: estudante da 6ª série em Goiânia, diz que trocou de colégio e, “de repente”, todo mundo ficou amigo dele. Menos a professora, que cobra os temas como se ele fosse um aluno “normal”.

– Não é porque a gente é artista que não vai querer estudar, né? – diz, sério.

Já Dablio está no 1º ano do Ensino Médio em Morrinhos, distante 136 km da capital de Goiás. Para o futuro profissional, caminhos opostos também. O mais velho quer se formar em música; o mais novo planeja cursar administração. Enquanto o vestibular não chega eles seguem cantando. O sucesso de *2 filhos* já rendeu um convite para a gravação de um CD a quatro vozes: cada um com o parceiro original e os dois juntos. Em dezembro a gente conta mais – por enquanto nem eles sabem direito como será o lance.

Uma única certeza: repertório sertanejo. Lá na Usina, os fãs – ou melhor, as fãs – sabiam as letras de cor. Bastou Dablio começar um trequinho de *Quer namorar comigo* para as gurias saírem tocando tudo quanto é coisa no palco, de

cartinhas de amor a pulseirinhas e borrachinhas de cabelo.

– É sempre esse carinho enorme do público, claro que a gente adora – confessa Dablio no camarim, olhando com Marco Henrique os presentinhos recebidos.

E tem pedido de namoro nas cartinhas?

– Tem, sim, às vezes tem... – responde Dablio envergonhado.

Ele diz que já namorou, mas está solteiro. Marquinho se apressa em responder:

– Eu também já tive namorada. Não tenho mais.

Apostamos que a última pergunta para o Dablio vocês já devem ter adivinhado: de onde vem esse nome exótico? Foi o pai, seu Adesir, que pensou em muitos nomes com a letra W e escolheu registrá-lo assim.

– No colégio era complicado, os colegas me chamavam de “Letra”. Agora é que não penso em trocar de nome.

E nem troque mesmo! Afinal o que seria da família Camargo sem o W? Luciano é Welson, outros irmãos são Walter, Werley e Wellington – e tem ainda a Wanessa, filha do Zezé.